Universidade Federal do Rio de Janeiro

Instituto de História

Programa de Pós-Graduação em História Comparada

Freie Universität Berlin

Friedrich-Meinecke-Institut/Geschichts- und Kulturwissenschaften

Berliner Kolleg für Vergleichende Geschichte Europas

Do Campo de Batalha ao Campo de Futebol

Futebol e Nacionalismo no pós-Divisão (1947-1990) e no pós-Reunificação (1990 – 2014) da República Federal da Alemanha

Autor

Lucas Pereira Antunes

Orientadores

Prof. Dr. Bruno Sciberras de Carvalho

Prof. Dr. Arnd Bauerkämper

LUCAS PEREIRA ANTUNES

Do Campo de Batalha ao Campo de Futebol: Futebol e Nacionalismo no pós-Divisão (1947-1990) e no pós-Reunificação (1990 – 2014) da República Federal da Alemanha

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada (Instituições e Formas Políticas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em História Comparada (Instituições e Formas Políticas).

Orientador: Prof. Dr. Bruno Sciberras de Carvalho

Prof. Dr. Arnd Bauerkämper

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela oportunidade do estudo, e à minha mãe, Maria da Graça Pereira Antunes, bem como ao meu pai, Jesus Soares Antunes, aos meus irmãos, Janaina, Camilo e Luanda, à minha avó, Alice, à minha tia, Ana Alice, e ao meu primo Raphael, por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço ao Prof. Dr. Bruno Sciberras, meu orientador, pelas contribuições no decorrer da pesquisa, pela *philía*, pela paciência e pela minha formação e amadurecimento como pesquisador.

Agradeço ao Prof. Dr. Arnd Bauerkämper, da Universidade Livre de Berlim, por ter aceitado meu pedido para ser meu orientador na Alemanha.

Agradeço igualmente ao Prof. Dr. Victor Melo, ao Prof. Dr. Bernardo Buarque, ao Prof. Dr. Maurício Drummond e ao Prof. Dr. Ivo Coser, pela disponibilidade, atenção e paciência de lerem minha tese e participarem de minha banca.

Agradeço aos meus amigos de faculdade, em especial Alexandre Enrique Leitão, André Pires Balga Rodrigues, Diego Fabião, Felipe Bandeira e Raul Gomes, pelos ótimos momentos proporcionados.

Agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao Instituto de História e ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada pela oportunidade que me foi dada de dar prosseguimento aos meus estudos num ambiente democrático e progressista, bem como a CAPES e ao DAAD, pela bolsa de grande valia para aqueles que se dedicam integralmente ao estudo.

FICHA CATALOGRÁFICA

Antunes, Lucas Pereira

Do Campo de Batalha ao Campo de Futebol: Futebol e Nacionalismo no pós-Divisão (1947-1990) e no pós-Reunificação (1990 – 2014) da República Federal da Alemanha/ Lucas Pereira Antunes, 2016.

Total de folhas: 186

Orientador: Prof. Dr. Bruno Sciberras de Carvalho

1. Nacionalismo 2. Esporte 3. Futebol 4. História da Alemanha

I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de História

II. PPGHC – Tese de Doutorado

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa é comparar o impacto na formulação da identidade nacional na sociedade alemã da cobertura midiática de quatro Copas do Mundo (1954, 1974, 1990 e 2006) a partir de dois jornais alemães: BILD e Frankfurter Allgemeine Zeitung. A proposta é colocar em evidência diferenças e semelhanças de dois jornais com propostas ideológicas diferentes – BILD com uma postura popular-conservadora e FAZ com um viés liberal-intelectual – em quatro momentos diferentes importantes para o sucesso da Alemanha no campo esportivo do futebol. As vitórias nas Copas de 1954, 1974 e 1990 e sediar a Copa de 2006 geraram, sempre, novas reinterpretações do "ser alemão".

ABSTRACT

The main objective of this research is to compare the impact on the formulation of national identity in German society based on media coverage of four World Cups (1954, 1974, 1990 and 2006) from two German newspapers: BILD and Frankfurter Allgemeine Zeitung. The proposal is to highlight differences and similarities of two newspapers with different ideological proposals - BILD with a popular-conservative stance and FAZ with a liberal-intellectual bias - in four different important moments for Germany's success in the sport of football field. The victories in 1954, 1974 and 1990 and to host the 2006 Cup generated, always, new reinterpretations of "being German."

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....PÁG. 9

CAPÍTULO I – FORMAÇÃO NACIONAL E PRÁTICA ESPORTIVA.....PÁG. 24

CAPÍTULO II – A PROBLEMÁTICA DO NACIONALISMO NA ALEMANHA.....PÁG. 61

CAPÍTULO III – O NACIONALISMO ALEMÃO E AS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL DE 1954, 1974, 1990 E 2006..... PÁG. 93

CONCLUSÃO..... PÁG. 155

ANEXOS.....PÁG. 177

BIBLIOGRAFIA.....PÁG. 183

QUADRO DE TABELAS

TABELA 1: Nível de manifestação nacionalista durante as Copas do Mundo.....pág. 16

TABELA 2: Cronologia da sucessão governamental na República Federal.....pág. 88

TABELA 3: Questionário sobre sentimento quanto às cores nacionais.....pág. 89

TABELA 4: Comparação das conclusões dos jornais sobre as Copas.....pág. 165

INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão comparadas quatro Copas do Mundo de Futebol do ponto de vista de sua relação com a manifestação do nacionalismo alemão no pós-Segunda Guerra Mundial. A partir da análise das questões de imaginação nacional refletidas em comportamentos/condutas (torcida, por exemplo) e do aspecto institucional dos eventos (seus organizadores, sobretudo FIFA e Comitês nacionais), que sempre estimulam, em geral, a questão nacional, propomos dois eixos de investigação: duas Copas do Mundo vencidas pela Alemanha, 1954 e 1990, onde a primeira foi também o primeiro campeonato cuja participação alemã foi permitida depois do fim da guerra, e a segunda, um ano após a Queda do Muro de Berlim e durante o processo de Reunificação; e as Copas de 1974 e 2006, devido ao fato de envolver o mesmo país organizador, em dois momentos muito distintos, o que possibilita pensar mais adequadamente a questão institucional. As fontes utilizadas consistem nos dois jornais de maior destaque na mídia do país: o "Bild" (o jornal mais vendido, direcionado para as classes média e baixa, de viés popular-conservador) e o Frankfurter Allgemeine Zeitung – abreviado por "FAZ" (jornal direcionado para as classes média e alta, de viés liberal).

Para a pesquisa, é levantada a seguinte questão e apresentada a hipótese a seguir:

► De que maneira a seleção alemã de futebol foi descrita como representante da nação pela mídia impressa?

► A mídia impressa adotou posturas antagônicas extremas a favor e contra o uso da seleção de futebol como representante da comunidade nacional alemã. Para o tabloide "Bild", esta representava a união ideal do povo, enquanto que para o "FAZ" representava a cooperação entre os profissionais na Alemanha do pós-Segunda Guerra Mundial.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o futebol e o nacionalismo seguiram caminhos ao mesmo tempo diferentes e cruzados na Alemanha. Enquanto o nacionalismo era como um sentimento coletivo desacreditado, o futebol permaneceu como sendo o esporte mais praticado no país. Uma característica intrigante do espetáculo da Copa do Mundo de Futebol é a maneira em que ele mostra que o esporte moderno tem uma função existencial e política assumida. A identificação com outros compatriotas representada pela equipe é uma parte essencial da experiência do esporte moderno. O surgimento e o desenvolvimento dessa identidade coletiva são usados para ampliar e intensificar sentimentos de maior consciência e unidade nacionais. As cores nacionais, símbolos e bandeiras são como um signo para o time nacional e a uniformização é utilizada para mostrar devoção e integração. O futebol passou a ter um papel que simboliza a luta pelo respeito e reconhecimento dos alemães na comunidade global. O colapso do Terceiro Reich abriu um novo capítulo na história alemã. Os alemães sentiram que era necessário, após o fim da ditadura nazista, realizar uma ruptura com suas tradições históricas. O pensamento nacionalista foi incluído nesta divisão. O nacionalismo, agora, quase sempre equiparado com o nazismo, recebeu exclusivamente conotações negativas na República Federal. Jürgen Habermas, o pensador alemão, se notabilizou pela defesa de um patriotismo constitucional – ideia usada pela primeira vez pelo cientista político Dolf Sternberger em 1979. O patriotismo constitucional alemão deveria significar uma superação do nacionalismo em favor de uma cultura política inclusiva.[1] Para Habermas:

> A cultura política de um país se cristaliza em torno da constituição em vigor. Sobre a base dessa interpretação, um "patriotismo constitucional" pode ocupar o lugar de um nacionalismo original. A tendência a uma autocompreensão até certo ponto "pós-nacional" da coletividade política pode firmar-se mais fortemente na Alemanha Ocidental do que nos demais Estados europeus, já que sua situação peculiar privava-a claramente dos direitos de soberania mais essenciais.[2]

[1]BUNCHAFT, Maria Eugenia; MAIA, Antonio Carlos Cavalcanti. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO Departamento de Direito. **Reconstruíndo a idéia de nação: do nacionalismo ao patriotismo constitucional**. 2004, p. 28.

[2] HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 135-136.

A repercussão dessa postura foi, todavia, nenhuma. A maioria dos alemães, nos anos do pós-guerra, não adotou nem uma conduta antipatriótica, nem de reconstrução do sentimento nacional. O futebol era um entretenimento que devido a sua popularidade e peculiaridade permitia expressar algo mais que o simples torcer pelo time ou pela seleção, porém transpor essa realidade para o campo político-partidário ou cultural sofria da mesma falta de motivação da defesa de um "patriotismo constitucional". Isto é, enquanto que, durante o Terceiro Reich, o comportamento era notadamente radical em relação à simbologia nacional, tanto na República Federal da Alemanha quanto na República Democrática Alemã a postura era de moderação ou indiferença. Ambos os Estados haviam rompido formalmente, pelo lado liberal-conservador ou pelo lado revolucionário, com tudo aquilo que havia caracterizado os alemães até então, sobretudo o seu sentimento de grupo ou de comunidade nacional. O que aparecia no lugar, no desejo dos novos governantes, era uma Alemanha de indivíduos livres para escolherem seus destinos como sujeitos, não mais como seguidores, da História.

Mas o nacionalismo sobreviveria como um sentimento ambíguo, que se manteria como um dilema para a maioria do povo alemão – deveria o nacionalismo ser para sempre reprimido ou deveria ser refinado, para ser bem aproveitado, tal qual a ideia de patriotismo? Um exemplo significativo foi noticiado durante a Copa do Mundo de 2010:

> BERLIM, 16 de junho (Reuters) - Após as vitórias da equipe nacional alemã na Copa do Mundo, um sindicato que representa professores alemães reacendeu um debate sobre o hino nacional com uma crítica afiada de seus "sentimentos nacionalistas".
>
> As vitórias poderiam gerar explosões indesejadas de patriotismo alemão na Copa do Mundo, e os professores condenaram o hino como uma "terrível canção de louvor" em um relatório, e estão defendendo, até mesmo para os versos menos controversos, seu banimento.
>
> "Como um sindicato da educação, nós somos bastante conscientes e claramente em oposição a tais sentimentos nacionalistas e noções de uma cultura dominante alemã," escreveram em um comunicado divulgado esta semana.[3]

[3] Consultado em 11/09/2011 (http://etymonline.com/columns/uber-alles.htm) às 17h30.

O conceito de nacionalismo foi definido por diversos autores das mais diferentes formas. Para Norbert Elias, o nacionalismo revela-se um específico fenômeno social característico das grandes sociedades-Estados industriais no nível de desenvolvimento atingido nos séculos XIX e XX[4]. Para Benedict Anderson, o nacionalismo pensa em termos de destinos históricos[5]. Para Ernest Gellner, a idéia central do nacionalismo poderia ser interpretada como a definição de unidades políticas em termos de fronteiras culturais, isto é, o nacionalismo é que geraria as nações, e não o contrário[6]. Para Liah Greenfeld, o nacionalismo aloca a identidade individual dentro do conceito de "povo": a ideia no âmago do nacionalismo seria a ideia de nação[7]. Para o historiador alemão Peter Alter, o nacionalismo seria tanto uma ideologia quanto um movimento político cujos valores são baseados na sustentação da nação e da soberania do Estado-nação, e que consegue mobilizar a vontade política de um povo ou uma grande parte da população[8].

Neste trabalho, como pretendemos analisar o nacionalismo e sua relação com o futebol, nós utilizaremos a definição de nacionalismo como sendo simplesmente o "sentimento de exaltação nacional". O motivo principal é a evidência de que o nacionalismo é manifestado abertamente na Alemanha do pós-Segunda Guerra Mundial apenas em épocas de campeonatos esportivos internacionais, o que nos leva a buscar a formulação do conceito de "nacionalismo de Copa do Mundo" – termo, muitas vezes, utilizado para discutir o patriotismo no Brasil inclusive, mas pouco ou nada fundamentado.[9]

---

[4]ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael. **Os alemães***:* a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 142.

[5]ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas***:* reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia de Letras, 2008, p. 208.

[6]GELLNER, Ernest. **Naciones y nacionalismo**. Mexico, D. F.: Alianza, 1991, p. 55.

[7]GREENFELD, Liah. **Nationalism: five roads to modernity**. Cambridge: University Press, 1993, p. 3-4.

[8]ALTER, Peter. **Nationalism**. London: Stuart McKinnon-Evans, 1994, p. 52.

[9]Sobre o caso brasileiro, ver: FRAGA, Gerson W. ***"A derrota do Jeca" na imprensa brasileira***: nacionalismo, civilização e futebol na copa do mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS, 2009. (Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História); e SZUSTER, Flavia R.; SAUERBRONN, João F. R. **Lá vai o consumidor pela ponta esquerda!** Um estudo sobre consumo adolescente de futebol. In: IV ENCONTRO DE MARKETING (2010: Florianópolis). Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

O futebol – prática corporal institucionalizada a partir de 1863 na Inglaterra[10], mas de origem chinesa[11] - tornou-se o esporte de maior sucesso em sua divulgação ao longo do século XX, em grande parte devido à influência cultural do Império Britânico sobre o mundo da época. Sua rápida popularização fez com que fosse inserido na segunda edição dos modernos Jogos Olímpicos (Paris/1900)[12] e gerou a criação de associações nacionais que decidiram criar um órgão internacional para o gerenciamento das competições mundiais. Em 1904, em Paris, as associações nacionais da França, Bélgica, Suíça, Dinamarca, Holanda, Espanha e Suécia fundaram a *Fédération Internationale de Football Association* (Federação Internacional de Futebol Associado).[13] A primeira Copa do Mundo de Futebol, organizada pela FIFA, só seria realizada em 1930.[14]

Desde então, a popularidade do esporte sobre os cinco continentes aumentou vertiginosamente. A regularidade da realização do torneio de quatro em quatro anos – referência tomada das Olimpíadas – gerou uma multiplicação de praticantes, amadores ou profissionais. Se em 1930, no Uruguai, apenas treze seleções nacionais decidiram responder a um chamado global feito pela FIFA[15], em 1934 já foi necessária a realização de eliminatórias para serem decididas quais dezesseis seleções participariam, dentre as trinta e duas que se habilitaram.[16] Esse número de dezesseis participantes se manteve até 1978; de 1982 até 1994 foram 24[17]; e a partir de 1998 são trinta e dois times[18]. Esse crescimento é uma evidência da

[10] - Disponível em (http://www.fifa.com/classicfootball/history/game/historygame2.html) Consultado em 28/05/2012, às 16h05.
[11] - Disponível em (http://www.fifa.com/classicfootball/history/game/historygame1.html) Consultado em 28/05/2012, às 16h10.
[12] - Disponível em (http://www.sports-reference.com/olympics/summer/1900/FTB/) Consultado em 28/05/2012, às 16h15.
[13] - Disponível em (http://www.fifa.com/classicfootball/history/fifa/historyfifa1.html) Consultado em 28/05/2012, às 16h30.
[14] - Disponível em (http://pt.fifa.com/worldcup/archive/edition=1/overview.html) Consultado em 28/05/2012, às 16h40.
[15] GLANVILLE, Brian (2005). **The Story of the World Cup**. London: Faber, 2010, p. 44.
[16] Disponível em (http://www.fifa.com/worldcup/archive/edition=3/preliminaries/index.html) Consultado em 28/05/2012, às 17h20.
[17] GLANVILLE. Op. cit. p. 238.
[18] GLANVILLE. Op. cit. p. 359.

enorme popularidade do esporte em todas as regiões, e a FIFA hoje conta com 208 membros[19], mais do que a Organização das Nações Unidas, que possui 193.[20]

A Copa do Mundo de Futebol se transformou na competição internacional mais acompanhada por telespectadores globalmente, superando as Olimpíadas.[21] Por isso, escolhemos a Copa do Mundo, e não as Olimpíadas, como eixo norteador do nosso trabalho. E dentro desse contexto é possível falar de um "nacionalismo de Copa do Mundo". O termo ganha a conotação do *sentimento de amor à pátria manifestado apenas durante o período da Copa do Mundo*. Esta definição é particularmente importante para o caso alemão. Para que não incorramos em quaisquer possíveis equívocos, na observação desse fenômeno e na sua conceituação, vislumbramos alguns fatos importantes da relação futebol e história da República Federal da Alemanha:

I - Após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, com a ocupação da Alemanha pelos Aliados (Estados Unidos, França, Reino Unido e União soviética) todos os símbolos alemães tidos como referências nazistas foram removidos. Na República Federal, a bandeira só passou a ser novamente hasteada em locais oficiais em 1949, logo após a divisão, e a primeira estrofe do hino alemão [que se inicia com *Deutschland Über Alles, Über Alle in der Welt* – Alemanha acima de todos, acima de todo o mundo] foi cortada, sendo substituída pelas estrofes subsequentes em 1952; na Copa do Mundo de 1950, a Alemanha foi proibida de participar, ainda sob sanção internacional.

II – Em 1954, a Alemanha, já readmitida, sagrou-se campeã. No momento da execução do hino nacional, após a conquista, os jogadores ficaram calados, mas os espectadores alemães, bem como os ouvintes de rádio na Alemanha, entoaram a estrofe proibida.

[19] Disponível em (http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html) Consultado em 28/05/2012, às 17h40.
[20] Disponível em (http://www.un.org/en/members/) Consultado em 28/05/2012, às 18h.
[21] Disponível em (http://www.fifa.com/aboutfifa/organisation/marketing/news/newsid=111247/index.html) Consultado em 28/05/2012, às 18h10.

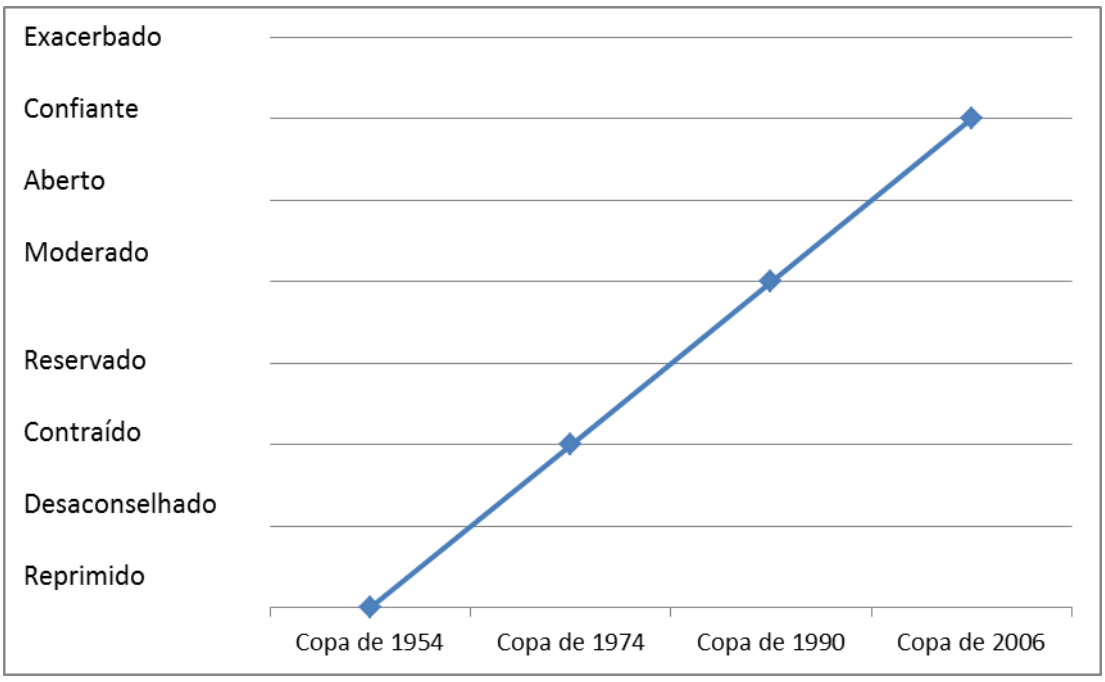
III – Em 1966, conquistou o vice-campeonato, perdendo na final para a Inglaterra. Nas Olimpíadas de Munique, em 1972, um grupo de palestinos assassinou membros da comitiva de Israel. Os alemães, que iriam sediar a próxima Copa do Mundo e ainda sob o estigma do Holocausto, buscaram se transformar no país-sede menos patriótico possível. A seleção nacional acabaria, todavia, por tornar-se campeã.

IV – Em 1982 e 1986, foi vice-campeã novamente. Em 1989, após a Queda do Muro de Berlim, ocorreu um enorme movimento popular pela Reunificação. Durante esse processo, a seleção alemã, que voltara a adotar as cores vermelha, preta e amarela no uniforme, venceu o campeonato mundial de 1990, ajudando no sentimento nacional da nova unidade. Em 2002, ficou, outra vez, em segundo lugar.

V – Em 2006, a Alemanha foi o país-sede pela segunda vez. Impulsionada pela nova geração, nascida no pós-Reunificação, pela primeira vez as cores alemães (preto, vermelho, amarelo) foram vistas em larga escala nas ruas, desde 1945.

A participação da Alemanha em todas as Copas do Mundo, a partir de 1954 até 2006, representou não apenas uma progressão técnica da atuação esportiva alemã no campeonato mundial, mas igualmente um crescente da manifestação do sentimento nacionalista, somente durante e, sobretudo, *por causa* da competição. Se em 1954, embora se sagrando campeã contra a equipe favorita - a Hungria -, os alemães ainda sentiam-se reprimidos em relação a expressar abertamente seu patriotismo, o que se verificou nas ruas – sem enfeites, sem bandeiras, sem as cores nacionais, havendo apenas cantoria do hino nacional no momento imediato após a vitória, o mesmo não pode ser afirmado sobre 2006, quando os próprios alemães se surpreenderam ao verem casas e prédios pintados de vermelho, preto e amarelo, e com as bandeiras sendo carregadas, mesmo após a eliminação nas semifinais e tendo ficado em terceiro lugar ao final. O conceito, assim, é o único que contempla as especificidades e regularidades do tema estudado.

Gráfico – Nível de manifestação nacionalista durante as Copas do Mundo



É bastante complicado definir qual o valor e significado que tanto o futebol quanto o nacionalismo ocupam na sociedade alemã do pós-guerra. Em nível global, seria impossível gerar um modelo explicativo para todas as formas de manifestação nacionalista, uma vez que ela varia de país para país, e com suas especificidades no tempo, tanto quanto para o futebol, a prática corporal institucionalizada – esporte – mais praticada dentre todas, mas cuja popularidade varia de nação para nação.[22]

Alguns autores, em linhas gerais, buscam tratar tanto o nacionalismo quanto o futebol como novas formas de religião.[23] As evidências seriam a existência, em ambos os casos, de elementos típicos das religiões: os mitos, os símbolos sagrados (bandeiras/cores do time), textos sagrados (constituição/hinos), figuras sagradas (heróis/jogadores), lugares sagrados

[22] - Segundo dados oficiais da FIFA, são 270 milhões de praticantes em todo mundo. Disponível em (http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/bcoffsurv/bigcount.statspackage_7024.pdf) Consultado em 28/05/2012, às 18h30.

[23] - Como em: COLES, Robert. "Football as a "Surrogate" Religion?". In HILL, M. (Org.), **A Sociological Yearbook of Religion in Britain**, Vol. 8. London: SCM Press, pp. 61-77; e HAYES, Carlton J. H. "Nationalism as a Religion". In **Essays on Nationalism**. New York: 1926, pp. 104-5.

(monumentos/estádios), rituais públicos (desfiles militares/torcida organizada), e senso de sacrifício (morrer pela pátria/jogar por amor à camisa do time ou da seleção). Esta interpretação, todavia, em nossa visão, parece incorreta ou mera aparência. Três pontos nos apontam para tal assertiva: primeiro, o fato de que os nacionalistas e os futebolistas usam elementos representativos das religiões por não terem outro tipo de referência para tomarem como alusão, e não por que objetivem suplantá-las; segundo, por que falta ao nacionalismo e ao futebol, caso quisessem ser novos tipos de religião, aquilo que define a religião em sua essência: a crença na interferência de uma força sobrenatural na realidade material através de sucessivas experiências místicas; e terceiro, porque não houve um abandono do sentimento religioso por parte de adeptos das manifestações nacionalistas e das práticas futebolísticas; ao contrário, o que se observou, ao longo do século XX e início do XXI, foi uma junção das três.

Outros autores buscam uma explicação na visão marxista da luta de classes para argumentar que tanto o nacionalismo quanto o futebol são criações das elites capitalistas como instrumento de alienação das massas.[24] Dentro dessa análise, o ponto principal é a ideia de que a burguesia cria produtos para desviar a atenção dos trabalhadores da solução revolucionária para os problemas políticos e sociais, enganando-os com falsas adorações, como a idolatria à nação e ao time. Essa análise, embora possa ser vista como mais fundamentada - filosófica, sociológica e até historicamente – do que a anterior – relacionada à "nova religião" – também pode ser outra mera aparência ao invés de realidade. Três pontos, novamente, nos apontam para tal afirmação: primeiro, a visão conspiratória de mundo, por parte desta interpretação, onde as elites nacionais e internacionais aparecem como um grupo coeso que se reúne para criar novas formas de enganar os trabalhadores; segundo, a crença de que, abaixo das elites, ninguém é capaz de pensar, de formular um raciocínio, de construir seu próprio ponto de vista – seria tudo copiado da elite intelectual burguesa. Terceiro, o próprio

[24] Como em LADIMEJI, O.A.. Nationalism, Alienation and the Crisis of Ideology. In: **Transition**, No. 46, 1974, pp. 38-43; e BROHM, J.B.. **Sport: A prison of measured time**. London: Ink Links, 1978.

equívoco dos defensores da teoria da alienação, pois, ao omitirem o fato de que a popularização de qualquer ideia não ocorre no curto prazo, mas sim, na longa duração, sendo um sentimento, nacional ou esportivo, algo construído de geração para geração, com transformações e rupturas, e disputas internas dentro das próprias correntes de adeptos deste ou daquele movimento social, ignoraram sua força como representação e significante da realidade em que esses indivíduos se inserem. A fascinação causada pelo amor à pátria e pelo apego ao time diz mais sobre as pessoas que nisso acreditam do que sobre as elites que, porventura, geraram tais invenções.

Na última década do século XX e na primeira do século XXI, sociólogos de todo o mundo passaram a se debruçar com mais atenção ao fenômeno do futebol na Contemporaneidade. Para os cientistas sociais e historiadores alemães, o futebol se tornou, igualmente, um tema a ser estudado pela necessidade da explicação da própria identidade alemã do pós-guerra. Primeiramente, em linhas gerais, três características costumam ser as mais apontadas sobre o porquê do sucesso desta prática esportiva na sociedade germânica: a exaltação da etnicidade, da nacionalidade e da masculinidade.[25] Esses pontos vão além da visão de que, em um mundo cada vez mais individualizado, com relações frágeis e furtivas, o futebol seria uma oportunidade maravilhosa de ter um ponto de convergência e uma ligação permanente entre os indivíduos que se identificam como torcedores do mesmo time.[26] Ele seria um catalisador das expressões mais antigas do ser humano na afirmação de sua identidade.

O sucesso desse esporte estaria intimamente ligado, não apenas ao prazer de praticá-lo ou à sensação de fazer parte de um grupo, mas ao desejo individual de manifestar certos elementos que foram sendo higienizados da vida em sociedade durante o transcorrer do século

[25] MÜLLER, Marion. **Fußball als Paradoxon der Moderne**. Zur Bedeutung ethnischer, nationaler und geschlechtlicher Differenzen im Profifußball. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2009.
[26] BÖHNISCH, Lothar; TILLMANN, Angela; RAUTENBERG, Michael (Hrsg.) **Doppelpässe** - Eine sozialwissenschaftliche Fußballschule. Weinheim: Juventa, 2008, p. 9.

XX. O futebol teria se transformado no receptáculo dessas formas de identidade que passaram a ser desacreditadas após a Segunda Guerra Mundial e o avanço dos estudos antropológicos, sociológicos e históricos acerca da formação das culturas que relativizaram tais condutas. Dessa forma, o indivíduo ainda não adaptado ou contrário às mudanças da modernidade - destruidora de muitos dos antigos paradigmas mantenedores das comunidades – descobriu no esporte um encontro consigo mesmo. Esse encontro com ele mesmo seria uma resposta aos seus anseios de alcançar uma possível totalidade do ser, i. e., em uma realidade fragmentada, a paixão pelo futebol seria o contínuo. Na Europa, o etnocentrismo, o nacionalismo e o sexismo sempre foram aspectos muito fortes nas formas de organização das sociedades modernas, e o esfacelamento gradual destas ideias no campo político e social foi mais rápido do que a transformação ou adequação da maioria dos indivíduos a tais mudanças. Os sujeitos ainda identificados com uma noção tradicional de representação dos valores sociais encontraram no futebol e, principalmente, na seleção nacional uma forma de manifestar seus ideais políticos e sociais em relação à construção da nação. Neste esporte, os antigos sentimentos étnicos, nacionais e masculinos poderiam ser expressos livremente por fazerem parte da competição. Se não é bem-visto falar xingamentos em voz-alta, adotar uma postura radical ou carregar a bandeira de seu país nas vias públicas, dentro do estádio isso é possível – e o estádio se transformou no lugar ideal para fazê-lo. Futebol e política se misturam. Nesse sentido, podemos afirmar que existe uma relação entre o ser *alemão* e o torcer/jogar *pela Alemanha*, onde um ato repercute no outro. Assim, seria possível dizer que o futebol, em competições internacionais, tornou-se o campo da expressão do nacionalismo dos indivíduos que, por torcerem e jogarem pelo mesmo time se sentem pertencentes à mesma comunidade. Como pergunta Lars Bretthauer: *"O que é o nacionalismo sem o futebol, o que é o futebol sem o nacionalismo?"*[27].

[27] BRETTHAUER, Lars. **22 legs that make a nation** – Fussball und deutscher Nationalismus. Berlin: Sonderausgabe, 2010.

O estudo da importância do esporte para a identidade nacional passa, necessariamente, pelo estudo das emoções. A História, a Sociologia e a Antropologia das Emoções se desenvolveram a partir dos anos 1970/1980 do século XX. O sociólogo francês Etienne François destacou-se nessa área e publicou em 1995 o compêndio "Nação e Emoção" – reunião de artigos de vários especialistas desse tema sobre a relação entre os dois, estudos principalmente referentes a símbolos, rituais, mitos, memória, encenação, representação e propaganda nacional. Um dos capítulos se refere ao esporte e outro, especificamente, ao futebol. No capítulo sobre esporte e nação, é afirmado:

> O ensino do esporte e a política esportiva têm como objetivo corrigir e disciplinar a relação entre os indivíduos e mobilizar, juntar e organizar as massas. Se por um lado a individualização do esportista deve ser produzida, por outro lado devem ser gerados um alto desempenho de equipe, uma consciência da identidade e um sentimento de comunidade.[28]

O objetivo da prática esportiva, em seu último nível, seria representar a nação, fosse isso no campo esportivo ao direcionado para o campo de batalha. O esporte fortalece o patriotismo – o sentimento de ligação com a terra e os compatriotas -, o estereótipo nacional – repetido através do hábito específico que cada equipe tem em jogar, e a forma como isso repercute na interpretação do estilo de vida de todos os membros - e a rivalidade, embora isso ocorra em níveis diferentes conforme a época – a rivalidade esportiva entre países aumenta ou diminui conforme a rivalidade política momentânea. O esporte, na atualidade, fomenta a identidade local, regional e nacional tanto quanto a produção cultural criada nestes três diferentes níveis, porque obteve a cada geração maior espaço no cotidiano e no lazer das pessoas. Sua utilização como ferramenta política, além de seus aspectos econômicos, sociais e culturais, serão alvo de nosso estudo, especificando o caso do futebol.

[28] FAURE, Jean Michel. Nationalstaaten und Sport. In: François, Étienne. **Nation und Emotion**: Deutschland und Frankreich im Vergleich ; 19. und 20. Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1995, p. 323.

Esta dissertação se encontra organizada da seguinte forma:

Capítulo 1: A relação entre esporte e identidade nacional. A importância do esporte e especificamente do futebol para criar e catalisar identidades coletivas, aumentar a autoestima de grupos sociais e dar um senso de comunidade a indivíduos que vivem numa sociedade de convivência fragmentada.

Capítulo 2: A problemática do nacionalismo na Alemanha, desde 1807 até a atualidade. Periodização, debate, desenvolvimento e interpretação. Como o nacionalismo tornou-se o motor da formação da nação e, por fim, destruiu-se como via política? Há um novo papel para o nacionalismo na Alemanha atual? Como ele se relaciona com o futebol?

Capítulo 3: Comparação da manifestação do sentimento nacionalista e seu desenvolvimento entre as quatro Copas: 1954, 1974, 1990, 2006.

A metodologia comparativa vislumbra em seu horizonte dois referenciais de ação: o sociológico e o histórico. É necessário que ambos sejam suficientemente contemplados em qualquer análise comparada. Assim, devemos justificar as escolhas realizadas neste trabalho e explicar o porquê delas. No campo da sociologia comparada – e a sociologia, por não ter a possibilidade de realizar em um laboratório experiências sociais, prescinde da comparação -, dois autores aparecem como referência: Émile Durkheim e Max Weber. Para Weber, a comparação deve partir da utilização, no estudo de sociedades diferentes no tempo e no espaço, de um mesmo elemento, tido como um tipo ideal – por exemplo: o Estado, a burocracia, o feudalismo, a cultura, etc. – que vai ser o norteador da pesquisa e irá mostrar as singularidades de contextos heterogêneos.[29] A visão weberiana é considerada bastante eficaz na pesquisa a partir de um elemento construtor único, e, em nosso caso, existe essa ferramenta – o *nacionalismo* -, sendo esse o tipo ideal em foco. Para Durkheim, o método comparativo

[29] THEML, N; BUSTAMANTE, R. M. da C.. História Comparada: olhares plurais. **PHOÎNIX**, 2004, p. 10.

visa seguir o caminho da experimentação indireta ou a análise das variações concomitantes. Pela variação concomitante, ou pelo simples paralelismo de uma variável, pode-se verificar se a causa é permanente e, neste caso, verificar se há uma lei de explicação. A concomitância é a prova de que uma causa existe em dois fenômenos sociais e que, portanto, tende a produzir os mesmos efeitos e ter funções semelhantes.[30] Citando Durkheim:

> Se desejarmos empregar o método comparativo de maneira científica, isto é, conformando-nos com o princípio da causalidade tal que se desprende da própria ciência, deveremos tomar por base das comparações que instituirmos a seguinte proposição: a um mesmo efeito corresponde sempre uma mesma causa. Não temos senão um meio de demonstrar que um fenômeno é causa de outro, e é comparar os casos em que estão simultaneamente presentes ou ausentes, procurando ver se as variações que apresentam nestas diferentes combinações de circunstâncias testemunham que um depende de outro.[31]

A perspectiva de Durkheim também é útil para nosso trabalho. Nosso objetivo é exatamente, a partir da manifestação em diferentes níveis do nacionalismo na Alemanha em épocas de Copa do Mundo de Futebol, concluir se há alguma relação, que acreditamos que sim, entre esses fenômenos sociais que caminha paralelamente no mundo contemporâneo – o futebol e o nacionalismo. Seguindo este caminho, na parte histórica, quem mais buscou utilizar o método comparativo de Durkheim foi o historiador Marc Bloch. Analisando espacialidades próximas e temporalidades contíguas, seria possível pesquisar e entender aspectos específicos e gerais de cada fenômeno e auxiliar a compreender as "causas" e "origens" dos fenômenos quando relacionados.

Como esclarecimentos finais acerca dos dois últimos itens, ainda não tratados, eles inserem-se na pesquisa pelos seguintes motivos: a perspectiva diferenciadora visa submeter os diversos casos que estão sendo examinados a certo conjunto de variáveis – alguns traços ou questionamentos que são escolhidos para efetuar as comparações – de modo a tirar conclusões

[30] SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. Op. Cit., p. 18-19.
[31] DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Nacional, 1985, p. 109.

sobre os diferenciais de cada caso examinado.[32] Assim, esse tipo de abordagem encontra-se com o nosso, pois buscamos, a partir de questões iniciais sobre as variáveis escolhidas, realizar observações que permitam diferenciar os objetos, sem perder de vista as relações, regularidades e continuidades que os mesmos apresentam. A História Cultural como articulação intradisciplinar se faz presente pelo fato de ser esta o campo historiográfico que trabalha com usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador[33] - em nosso caso, o uso e/ou costume é o *nacionalismo* – e a História do Esporte, por ser esta entendida como o campo histórico que estuda as Práticas Corporais Institucionalizadas[34] – em nosso caso, o *futebol*.

[32] Idem, p. 19.
[33] BARROS, José d´Assunção. **O campo da história**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 77.
[34] MELO, Victor Andrade de, FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. In: **Fronteiras**. Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010, p. 15.

CAPÍTULO I – FORMAÇÃO NACIONAL E PRÁTICA ESPORTIVA

Neste primeiro capítulo, serão discutidos os fundamentos da crença na existência de uma nação/identidade nacional, a partir dos principais teóricos do nacionalismo; posteriormente, a problemática da formação da identidade nacional na Europa e por último, como o esporte, especificamente o futebol, influenciou e foi influenciado por essa formação. O estudo do esporte por parte de historiadores, sociólogos e filósofos, bem como de intelectuais em geral, não é recente, porém apenas ao final do século XX e início do século XXI obteve o impulso relativo à dimensão de sua popularidade. Esse impulso foi resultado de um alargamento do entendimento de que a pesquisa acadêmica, fortemente centrada na política e na economia, deveria abranger todos os aspectos da vida social, inclusive o das práticas corporais.

Assim sendo, é nossa preocupação apresentar brevemente a discussão sobre o que é a formação da identidade nacional, discussão essa que costuma ser baseada em dois aspectos primordiais – etnia ou cultura – para que possamos compreender, posteriormente, como o esporte passou a ser utilizado como ferramenta de propaganda e fortalecimento da nação. É importante frisar que a prática esportiva é, inclusive, mais antiga do que a própria aparição de uma identidade nacional, mas que é útil abordar a questão da identidade nacional primeiro, porque sua discussão vem da pergunta fundamental "qual a nossa identidade?", ressaltando o fato de que a problemática da identidade em si é mais antiga que a das práticas esportivas, uma vez que remonta à própria formação da civilização.

Ao final, o que sempre se deve ter em mente é a necessidade de sabermos até que ponto grupos sociais criaram padrões de identificação dentro de si e de alteridade para com outros grupos, e até que ponto se pode dizer que o esporte passou a ser utilizado como forma de solidariedade ou competição interna e externa, bem como de criação de novos padrões ou fortalecimento dos já existentes.

A palavra nação vem do latim *natio* e significa "nascido". Na época do Império Romano, ela era usada, naturalmente, para designar a cidade de origem ou grupo pertencente. Essa realidade não existia mais no final da Idade Média, quando as primeiras universidades foram formadas e os estudantes precisavam preencher um formulário onde constava a mesma palavra em latim. Duvidosos da resposta, o comum era fazer referência à região na Europa de onde provinham. A vida universitária os colocava, todavia, em contato com alunos vindos das regiões mais diferentes e o normal era que os grupos de estudantes se formassem conforme a língua que eles partilhassem. Segundo o historiador Léo Moulin, essa realidade gerava "mini-nações" de universitários, que pouco a pouco passaram a ser organizados e alocados pelas próprias reitorias conforme a "nação" de origem, isto é, região de nascimento. O termo se popularizou tanto que em 1400 já se fazia referência oficial à *Veneranda Natio Anglicana* e *Veneranda Natio Alemania* para se designar os alunos da Inglaterra e Alemanha.[35]

Isso não quer dizer que já existissem nações e nacionalismos em 1400, porém, se as ideias e as palavras têm uma relação, sendo que ideias podem criar palavras novas e palavras podem igualmente gerar ideias novas, o uso no meio universitário nascente do termo permitiu um alargamento do entendimento de pertencimento e de comunidade política até então existente. Ou seja, foi a partir daí que se iniciou o processo de "nacionalização" dos grupos de indivíduos e da formação nacional na Europa. A gênese das nações foram as universidades.

Entretanto, as universidades nunca se colocaram como tal, nem defenderam tal ideia. É por isso que a análise sobre a formação das nações tem outras referências. Anthony Smith e Benedict Anderson são os dois principais teóricos sobre o assunto, por defenderem as duas visões opostas cujas correntes podem ser adjetivadas como étnico-simbólica (Smith) e construtivista (Anderson), enquanto que Norbert Elias foi o responsável por escrever fundamental interpretação sociológica sobre o povo alemão. Eles serão nossos referenciais.

[35] MOULIN, Léo. **A Vida Quotidiana dos Estudantes na Idade Média.** Lisboa: Livros do Brasil, 1994, p. 160.

Anthony Smith, historiador e sociólogo inglês, é referência no estudo de nações, nacionalismos e identidades nacionais. Para o autor, o nacionalismo pode ser definido como um movimento ideológico para atingir e manter a autonomia, unidade e identidade em nome de uma população, onde os membros acreditam constituir uma verdadeira ou potencial "nação". Nacionalismo não é simplesmente um sentimento ou consciência, nem há necessariamente relação com o nascimento das "nações". Segundo Smith, é um movimento ativo inspirado por uma ideologia e simbolismo da nação. Esse movimento teria vários aspectos e uma doutrina central cujas ideias e proposições políticas e seriam:

> 1 – A humanidade está dividida em nações, cada uma com suas características, história e destino;
>
> 2 – a nação é a única fonte do poder político;
>
> 3 – a lealdade à nação está acima de quaisquer outras lealdades;
>
> 4 – para serem livres, os seres humanos devem pertencer a uma nação;
>
> 5 – nações requerem o máximo de autonomia;
>
> 6 – a paz e a justiça globais só podem ser construídas sobre as bases da pluralidade das nações.[36]

Além desses pontos, o nacionalismo se basearia em conceitos (autonomia, unidade, identidade, autenticidade, terra natal, dignidade, continuidade e destino) que sustentam suas ideias. Desses conceitos, interessam-nos os seguintes:

> – Identidade: distinção entre essa comunidade e as outras comunidades;
>
> – Autenticidade: unicidade da origem, história e cultura da comunidade;
>
> – Terra natal: sensação de pertencimento, memória e apego ao lugar de origem;
>
> – Dignidade: a crença de que a comunidade deve ter prestígio e status;

[36] SMITH, Anthony. **Ethno-symbolism and Nationalism**. London: Routledge, 2009, p. 61.

> – Continuidade: a convicção de que existe uma conexão entre os membros atuais e os ancestrais;
>
> – Destino: a convicção de que a comunidade tem um caminho a seguir.[37]

Importante ressaltar que o nacionalismo, neste entendimento, é uma doutrina sobre a nação, não sobre o Estado. A nação é vista como algo superior que o Estado, que é a organização oficial de gerência da nação, mas não é a nação em si. Isso é especial no caso alemão, que durante quarenta e cinco anos foi uma nação dividida em dois Estados. A tese de Smith é de grande valia para esta pesquisa no sentido de que demonstra haver um reflexo desse pensamento nacionalista não só na política, mas, igualmente, em várias áreas da produção cultural – linguagem, filosofia, religião, música, dança, pintura, poesia, literatura, mitologia, teatro, cinema, televisão e, em nosso caso, nos esportes. A visão nacionalista, por ser um movimento que contém uma proposta de relação do indivíduo com sua nação de origem, abarca todos os elementos constitutivos da vida diária.

Na Antiguidade, o que diferenciava chineses de indianos, egípcios de núbios, gregos de persas, judeus de filisteus, romanos de germanos? Segundo Smith, fundamentalmente, a etnia.[38] Para o autor, isso fica bem claro quando temos como exemplo os judeus. Na visão tradicional judaica, baseada no livro *Gênese* da *Torah*, cujo nome popularmente no Ocidente cristianizado passou a ser Antigo Testamento, todos os seres humanos descendem do mesmo par original, Adão e Eva, e todos os judeus, especificamente, do seu primeiro profeta, Abraão. Abraão teria tido com sua esposa, Sara, um filho, Isaac, que por sua vez, teve outros dois filhos, Esaú e Jacó. Jacó teve doze filhos, e esses doze filhos geraram as doze tribos dos descendentes de Abraão. É curioso que esta história já demonstraria a ideia de identidade étnica, inserida dentro de uma genealogia histórica.

[37] Ibidem, p. 62-63.
[38] SMITH. Anthony. **National Identity**. Nevada: University Press, 1991, p. 19.

Segundo essa mitologia, todos os seres humanos tem uma identidade comum, afinal, todos são descendentes adâmicos. Os semitas, por sua vez, têm uma identidade específica que os separa do resto da humanidade – são os descendentes de Abraão. Os árabes, aliás, também semitas, encontram igualmente no livro sagrado sua gênese – segundo a mesma narrativa, Abraão também teve um filho com sua escrava e essa passaria a ir viver no deserto da Arábia, gerando esse grupo social. O que diferencia árabes de judeus é o fato dos judeus serem os descendentes de Isaac e de Jacó, ou seja, pertencentes a uma das doze tribos. E também é importante ressaltar a questão da identidade tribal, interna à lógica dessa mitologia. Assim, existe uma identidade humana, semita, judaica e tribal, dentro da própria narrativa histórica do povo judeu. O que Smith conclui, observando esse relato, é a lógica da filiação: a "família étnica" existe em níveis diferentes, assim como a identidade. Ela é, ao mesmo tempo, uma filiação única e filiações separadas. O semita árabe é semita como o semita judeu, mas não é judeu. Assim como o egípcio é ser humano como o semita, mas não é semita.

Mas a filiação familiar não basta para explicar a criação de identidade. O que uniria o pensamento de conterrâneos? Segundo Anthony Smith, símbolos comuns.[39]. Smith recorre a esse termo para descrever aquilo que foi culturalmente produzido e que une os indivíduos de um mesmo grupo étnico – por exemplo, a língua. Judeus, indianos, egípcios, chineses, gregos, entre outros, viviam separadamente em tribos ou cidades-Estado, mas, muitas delas, repartiam uma linguagem comum ou parecida, o que lhes dava um senso de pertencimento ancestral. A linguagem permite criar uma consciência comum, que auxilia na hora de identificar o pertencimento ancestral de grupos heterogêneos.

Além da língua, a religião, como a citada no exemplo acima, também poderia dar um senso de unidade primordial. Os aspectos mitológicos funcionavam na criação de um inconsciente comum, visando manter as pessoas presas às mesmas crenças e assim, de alguma

[39] Ibid., p. 43.

forma, ao mesmo grupo. Quando o império persa invadiu a Grécia, os gregos, que viviam separadamente em suas cidades-Estado, porém falavam uma língua de entendimento comum, uma religião com os mesmos deuses, e participavam dos mesmos Jogos Olímpicos, compreenderam que deveriam se unir para terem a liberdade de se manterem separados. Assim também a história do povo judeu na Antiguidade é contínua e descontínua, na relação entre a unidade de um reino (sob Davi e Salomão, por exemplo) e a divisão em tribos, bem como escravidão, resultado da conquista por impérios como o babilônico e o romano.

Gregos e judeus repartiam, cada grupo, uma mesma identidade coletiva. Se assim não tivesse sido, não teriam se unido para combater um mesmo inimigo – como a revolta popular judaica contra o Império Romano em 70 d.C.. Entretanto, na Antiguidade, nunca se uniram numa nação, propriamente dita. Os reis, quando houve, no caso judeu, tiveram que unir as tribos à força. E a Grécia só foi unificada como entidade legal sob a égide de Alexandre da Macedônia. Porque a identidade coletiva não gerou unidade legal?

Os argumentos étnico-simbólicos defendidos por Smith funcionam para explicar a identidade coletiva de grupos sociais onde etnia e cultura comuns eram fatores determinantes de homogeneidade e heterogeneidade - especialmente na Antiguidade -, porém não explica a identidade nacional ou coletiva na contemporaneidade ou como um todo. É uma explicação específica para os grupos que acreditam que exista em sua história uma origem étnica de sua nação – caso de judeus, armênios, entre outros. Como a identidade existe em níveis diferentes, devemos buscar uma teoria que explique no que subsistem todas as identidades.

A ideia de identidade é fruto de outra ideia, já citada anteriormente: homogeneidade. Acreditam que tem uma mesma identidade coletiva aqueles que acreditam que possuem as mesmas características. E essa pretensa homogeneidade só pode ser observada a partir de hábitos. A ligação entre indivíduos que já perderam o "laço étnico", ou que nunca acreditaram fazer parte de um, mas que acreditam partilhar uma mesma identidade, se baseia numa crença

a partir da observação de hábitos vistos como específicos de um grupo social. A identidade não existe como algo concreto, palpável, visível, mas reside na ideia de que, uma vez que grupos sociais têm padrões parecidos, bastaria tomar um indivíduo ou alguns indivíduos como exemplo que já seria possível visualizar o todo. A identidade é baseada na crença de que todos guardam certo tipo de comportamento que caracteriza o grupo e que, portanto, diferencia esse indivíduo dos indivíduos de outros grupos.

Os judeus, por exemplo, após a diáspora imposta pelos romanos, que fez com que toda uma população fosse removida para lugares diferentes, não é mais identificado por uma questão de território, mas de etnia e hábitos. Os hábitos indicariam a identidade. A ideia de hábito, aqui, deve ser entendida como um "padrão": a maioria dos membros de um grupo social, por agirem de forma semelhante, cria ou repetem características na aparência e no comportamento que os identificassem. A identidade seria tanto resultado de uma imagem projetada para si, quanto de uma observação de outros e do passado. Essa linha de raciocínio defende que a formação nacional na Modernidade é resultado da época medieval e da Antiguidade, *mutatis mutandis* (com mudanças). No caso alemão, esses seriam os descendentes dos germânicos, especificamente da tribo dos alamanos, como defendiam os adeptos do movimento romântico dos séculos XVIII e XIX. Essa visão idealista inventou uma origem, um "Jardim do Éden" para os alemães da Idade Contemporânea.

O sociólogo alemão Norbert Elias propôs uma interpretação que ia no sentido contrário ao marxismo estruturalista, em voga no pensamento acadêmico dos anos 1950, 1960 e 1970, buscando nas redes sociais a base para as explicações da dinâmica do sistema. Para o autor, o nacionalismo revela-se um específico fenômeno social característico das grandes sociedades-Estados industriais no nível de desenvolvimento atingido nos séculos XIX e XX[40]. O sentimento nacionalista teria aparecido após o surgimento de uma classe média burguesa –

[40]ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael. **Os alemães***:* a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 144.

grupo social entre a elite aristocrática e a massa proletária – e de sua ascensão ao poder. Atingindo o controle do Estado através da burocracia e dos cargos políticos legislativos, esta classe média substituiu os valores aristocráticos da elite, iluministas da intelectualidade e religiosos da grande massa por valores nacionais – e isto, na Alemanha, tomada como exemplo por Elias, ficou mais claro do que em qualquer outro país.[41] Em um espaço de oitenta anos – de 1865 a 1945 – os alemães lutariam cinco guerras – três pelas unificação, entre 1865 e 1871, e duas guerras mundiais cujos responsáveis foram os alemães – que demonstrariam bem a que nível de sentimento nacionalista a população foi alçada. O nacionalismo, este movimento ideológico, tal qual na definição de Anthony Smith, encontrou no povo alemão, como exemplifica Norbert Elias, o mais alto grau de demonstração da segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX. Durante cem anos, a Alemanha nacionalista foi o centro na disputa política da Europa continental.

Elias defende a ideia de que é impossível entender as características específicas de sistemas de crenças e valores nacionalistas como dados sociológicos se não se possuir um entendimento claro de sua conexão com um estágio específico de desenvolvimento social e, por conseguinte, com um tipo específico de estrutura social.[42] Os sistemas nacionalistas de crenças e valores também teriam como hábito nutrir credos retrógrados. Seriam usados com o objetivo de preservar a ordem estabelecida, mesmo quando utilizado por um movimento que visa derrubar o governo. Junto com a formação da nação, o grupo social mais beneficiado com ela carregaria consigo a nova ideologia motriz do direcionamento do país, e deveria expandir essas ideias por dentre todos os cidadãos. Com a assimilação desse ideário nacionalista pela maioria, a classe dirigente poderia sentir assegurado o seu comando tanto tempo quanto ela se apresentasse como aquela que carrega os verdadeiros anseios da pátria.[43] Isso ficaria bastante claro no apoio dado pelos alemães ao coroamento do rei da Prússia como

[41] Ibidem, p. 129.
[42] Ibidem, p. 137.
[43] Ibidem, p. 141.

Kaiser do Império Alemão Guilherme I, à deflagração da Primeira Guerra Mundial pelo Kaiser Guilherme II e da Segunda Guerra Mundial pelo Führer da Alemanha Nazista Adolf Hitler. Os alemães ficaram ao lado desses líderes, e da classe dirigente, por representarem eles a imagem do líder nacionalista que a Alemanha precisava.

Para o autor, isso ocorreu porque as crenças nacionalistas, bem como quaisquer crenças anti-humanistas ou antirracionalistas, tendem a ganhar poder sobre seus crentes através de um processo de autoescalonamento gradual de reforço mútuo. Uma vez que o credo afirma a lealdade da pessoa para com seu próprio grupo, assim como o fato de ninguém poder negar aprovação àqueles que com maior veemência afirmam sua crença na virtude suprema da nação, a tendência de pessoas ou grupos de pessoas para se superarem umas às outras em sua afirmação de tal crença torna-se muito forte. O fanatismo desse sistema de crenças de autoglorificação - que cada vez mais vai reforçar uma ideia irreal do que é a nação, em prol de uma visão idealizada - tem um impulso próprio que ninguém será capaz de controlar. No final de contas, será o fato de o indivíduo ter não apenas um "eu-imagem" e um "eu-ideal", porém, igualmente, um "nós-imagem" e um "nós-ideal", que permite o sentimento nacionalista através da nacionalização do sentimento individual de pertencer a uma comunidade.[44]

Neste sentido, a nação é uma comunidade *imaginada*. É justamente a tese que Benedict Anderson, nos anos 1980, busca desenvolver na sua reflexão sobre nações e nacionalismo:

> Uma nação é limitada, uma vez que apresenta fronteiras finitas e nenhuma se imagina como extensão única da humanidade. Contudo, é também soberana, já que o nacionalismo nasce exatamente num momento em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade dos reinos dinásticos e de ordem divina. Por fim, nações são imaginadas como comunidades na medida em que, independentemente das hierarquias e desigualdades efetivamente existentes, elas sempre se concebem como estruturas de camaradagem horizontal. Estabelece-se a ideia de um "nós" coletivo, irmanando relações em tudo distintas.[45]

[44] Ibidem, p. 143-144.
[45] ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia de Letras, 2008, p. 12.

Seria por isso que os romances e os jornais proporcionariam os meios técnicos ideais para representar o tipo de comunidade a que corresponde uma nação. Por meio do material impresso uma nação se converteria numa comunidade sólida, recorrendo constantemente a uma história pré-selecionada.[46] A isso se juntou três outras instituições que, a serviço do Estado, funcionariam como agentes de identificação e categorização da nação: o censo, o mapa e o museu. Utilizando essas três ferramentas, o governo pode obter o controle sobre a demografia, a geografia e a história do país.[47] A pátria, vista como uma comunidade cultural unificada, ganha contornos demográficos, geográficos e históricos bem definidos, transformando a imaginação em materialidade. Aquilo que existia anteriormente apenas na mente das pessoas passa a existir no papel.

A ideia de comunidade, aliás, é muita forte na Alemanha – tanto quanto a de nação ou sociedade – porque está intrinsecamente ligada ao conceito de *Kultur* (cultura), representante da criação da identidade cultural de um povo. Os alemães, bem como todos os europeus e quase todos os povos do mundo, se enxergam como sendo produtores e produtos de um caminho único e especial na formação de suas especificidades como povo – falam uma língua que leva o seu nome, por exemplo, enquanto boa parte da humanidade fala a língua de seus conquistadores (inglês, francês, mandarim, árabe, espanhol, português). Os esportes praticados internacionalmente, como nos Jogos Olímpicos, e em especial o futebol, ganharam um status de representação da pátria no exterior, em nível igual ao das artes e da literatura. De certa maneira, a seleção representa a materialização da união de cidadãos vindos de várias regiões do país – ou mesmo sendo imigrantes naturalizados -, porém usando o mesmo uniforme, cantando o mesmo hino, sob a mesma bandeira, e jogando pelo mesmo objetivo.

Essa concepção da nação como entidade imaginada auxilia, para além do étnico-simbolismo de Smith, a compreender por que, por exemplo, a Judeia, na Antiguidade, e Israel,

[46] Ibidem, p. 13-14.
[47] Ibidem, p. 257.

no mundo contemporâneo, não são a mesma entidade, embora haja cidadãos da segunda que defendem que esta é uma continuação da primeira. A Judeia, como citada, era o território estabelecido por um povo de comunhão étnica, linguística e religiosa, para a criação de um reino onde governaria um dos membros - o rei dos judeus - desse grande grupo homogêneo. Nesse sentido, a Judeia não era um território jurídico fixo, mas flexível, dentro de uma fronteira possível (imaginada) pelos judeus para estabelecerem seu reino independente. Os judeus não imaginaram a terra, mas imaginaram o território; não imaginaram a etnia, mas imaginaram a Judeia como comunidade étnica. Segundo a mitologia judaica, a Judeia equivaleria à Terra Prometida que o Deus dos judeus teria prometido ao profeta Abraão e aos seus descendentes, Isaac, o filho, e Jacó, o neto.

O Estado de Israel, fundado em 1948, é o território legal estabelecido pela Organização das Nações Unidas para que os judeus perseguidos durante a Segunda Guerra Mundial na Europa pudessem fugir de mais perseguições. Dentro da imaginação política da comunidade judaica, ele representa a materialização da Terra Prometida e do Reino da Judeia. Israel, todavia, pouca semelhança concreta guarda com a Judeia.

Conforme também aponta Anderson, a produção literária impressa é a grande responsável pela fomentação de uma imaginação nacional, pela divulgação de um ideal nacional e pela formação de uma pretensa "consciência nacional".[48] A categorização de uma identidade nacional, a partir das características tidas como específicas ou definidoras de um povo, também inicia seu processo com a popularização da imprensa.

É importante citar, seguindo o exemplo que nós tomamos para debater a questão presente, o fato de que o primeiro livro a ser impresso e publicado foi um exemplar da obra que reúne os livros sagrados dos judeus e dos cristãos – a Bíblia. Novamente, a defesa da existência de uma perene identidade judaica aparece de maneira clara, fortalecida inclusive

[48] Ibid., p. 37.

pela própria Igreja Católica Apostólica Romana, que, no ímpeto de converter todos os não-cristãos que viviam na Europa, em especial os judeus (bem como muçulmanos e pagãos), criou uma instituição jurídico-executiva específica para a detenção e eliminação desses indivíduos – o Tribunal do Santo Ofício, nominalmente conhecido como Inquisição. Essa Inquisição propagava a necessidade de denunciar, por parte dos cristãos, pessoas que agissem como judias, detalhando os hábitos comuns dos judeus, iguais em toda a Europa. Ora, essa perseguição, um tanto contraditória, pois a religião cristã incorpora, em seu livro, o livro sagrado dos judeus, ao invés da assimilação ou miscigenação, manteve o povo judeu unido e com o mesmo ideal de seus ancestrais, fazendo dele também um protótipo, no sentido que a Bíblia pode ser interpretada. O surgimento dos Estados modernos, a partir do fim da Idade Média, não pode ser considerado como sendo um fenômeno inculcado da ideia de que cada povo merece ter sua "Terra Prometida", mas a existência de um Estado auxilia na formação nacional. Um caso exemplar seria o português, pois fora resultado de uma promessa de terras feita pelo Papa e pelos reis católicos ao cavaleiro Afonso Henriques, se ele lutasse na Reconquista Ibérica. Afonso Henriques se tornaria o primeiro rei português em 1139.

O nacionalismo, como ideologia e movimento político que visa colocar os ganhos da nação acima de qualquer outra coisa, é dotado de um caráter messiânico, daí a usual comparação do nacionalismo como uma forma de religião cívica. Esse aspecto messiânico é influência da literatura e expansão religiosa, que defende a ideia de salvação através de um único caminho correto ou de um único Salvador. A influência bíblica é clara, em uma civilização europeia dominada ideologicamente pela religião cristã e pela Igreja Católica. O universalismo religioso medieval, todavia, vai ceder terreno, ao longo da Idade Moderna, às disputas entre as recém-criadas nações de Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda. O messianismo clerical busca, assim, unir-se ao messianismo nacional. A religião cristã une, mas a política separa – e após a pregação do monge agostiniano alemão Martinho Lutero, em

1517, contra o Papa e a Igreja Católica, gerando o cisma conhecido como Reforma Protestante, religião e política gerariam cada vez mais divisões entre os Estados.

A formação de uma identidade nacional na Europa é resultado da necessidade de acentuação das diferenças entre os Estados estabelecidos na Europa Ocidental, que competem entre si e, portanto, necessitam de uma justificação, além da política e da étnica, ou religiosa, para sua própria valorização e aumento do apoio de adeptos dentro de seus próprios subordinados. A linguagem tem um papel fundamental, pois ela gera uma separação fácil de observar – audível – de indivíduos que não devem pertencer ao mesmo grupo social. Todavia, isto não é uma regra. Todas as nações europeias ocidentais na modernidade encontram, dentro de si, grupos numerosos de pessoas que não falam o idioma pátrio ou oficial. O caso mais determinante é o espanhol. O que se busca, para uni-los, assim, mais do que a língua, é a cultura – novamente visualizada aqui como "hábitos". Certos hábitos diferenciam-se de nação para nação, o que é perfeitamente compreensível, devido às distâncias e condições/circunstâncias de vida. Essa diferença de hábitos gera a de identidades. Numa era de competição, tanto o Estado quanto o povo tentam imaginar quem eles são.

Afirmar que a nação surge onde antes não havia nada não está correta, bem como é um equívoco afirmar que o surgimento de uma nação é resultado do fato de que ela já existia e que restava apenas ficar independente politicamente. Esses lados são os dois extremos de uma medida onde, no fundo, o que julga é a forma pendular com que a nação vai surgir, ou seja, a situação pende, ora para uma motivação baseada numa visão contínua por parte dos indivíduos, de estarem lutando pela sua autonomia diante de alguma força controladora externa à "vontade popular" (identificada nesses casos como a própria "vontade nacional"), ora para uma situação baseada numa visão descontínua, no qual os indivíduos enxergam a nação como algo totalmente novo, a ser construído, e a dissensão entre os membros desse coletivo aumenta conforme nenhum dos projetos de nação em jogo sai totalmente vitorioso.

A nação é uma disputa, fruto de uma competição externa, entre povos que não se enxergam como pertencentes ao mesmo grupo (portugueses e espanhóis na Península Ibérica, judeus e palestinos no Oriente Médio, ingleses e escoceses nas Ilhas Britânicas, egípcios e núbios na África, gregos e macedônios na Península do Peloponeso, apenas para dar alguns exemplos de povos que, etnicamente, poderiam ser considerados os mesmos), sendo igualmente o fruto de uma competição interna, dentro desse próprio grupo, na disputa pela formação, consolidação e repetição de certos padrões ou hábitos que identificariam aquele povo ou nação (a China possui cinquenta e seis grupos étnicos distintos e a Índia possui vinte e quatro).

É curioso observar que assim como o esporte é fundamentalmente um jogo, a identidade nacional é fundamentalmente resultado da tensão gerada por visões conflitantes sobre a nação. Um excelente exemplo são as cores das bandeiras nacionais, que sempre indicam a vitória política de um grupo (monarquistas, republicanos, conservadores, liberais, católicos, protestantes, islâmicos, hindus, judeus, comunistas) sobre outro. A vitória desse grupo político representa uma vitória nacional como um todo, consolidando uma particular visão de nação. O poder e o prestígio são as recompensas no jogo político nacional.

A problemática da identidade nacional alemã vista a partir das análises de Anthony Smith e Benedict Anderson como uma conseqüência de etnia, símbolos e imaginação, mas, sobretudo, conforme apontamos, de uma competição de grupos rivais pelo controle de um território, é particularmente importante no caso alemão, porque ela é uma junção dessas quatro características, embora o esforço de imaginação e de domínio territorial tenha sido o que mais se destaca, acima de etnia e símbolos.

O problema no caso alemão gira em torno da pergunta “quem somos?”, que é comum a qualquer formação de identidade popular, mas é primordialmente fruto da pergunta “quem não somos?”, resultado da necessidade de diferenciação tendo o outro como o ponto de

medida para se definir. Exemplos históricos não faltam: os povos germânicos não se enxergavam como pertencentes a um mesmo grupo antes dos romanos realizarem tal afirmação, no intuito de categorizá-los e conquistá-los. Ao mesmo tempo tribos rivais de alamanos, gauleses, visigodos, ostrogodos e vândalos podiam se entender como forças inimigas entre si, mas aliadas contra o Império Romano. Esse exemplo serve para mostrar a complexidade da construção da identidade, pois ela envolve política, cultura, comunidade e sociedade, situações de paz e de guerra, envolvidas em circunstâncias que nem sempre foram imaginadas.

Os alemães são os descendentes dos germanos? Responder essa questão afirmativamente exigiria um exercício de imaginação, conforme aponta Anderson. Mas se não são descendentes dos germanos, "de quem são?", poderia perguntar Smith. O problema não se resolve com uma resposta positiva ou negativa, porque tanto os alemães podem ser, quanto não podem ser descendentes dos germanos. A distância temporal é tão grande entre germanos e alemães que a resposta pouco diz sobre descendência étnica, mas fala sobre continuação histórica. Os alemães podem acreditar que são os descendentes dos germanos por estarem no mesmo território e carregarem os mesmos símbolos – assim creem porque assim imaginam.[49]

Quando o Sacro Império Romano Germânico foi dissolvido por Napoleão Bonaparte em 1806, o objetivo era manter os germanos separados em principados, para mais facilmente exercer controle sobre eles. Napoleão já demonstrava enxergar os povos que ali viviam, assim como os romanos, como um grupo só. Prussianos, bávaros, saxões, embora falando linguagens diferentes e, agora, pertencendo a unidades políticas autônomas, faziam parte de uma mesma região cultural. E o que era o mais importante, e serviu de mote aos defensores de uma união nacional, quando, pouco a pouco, descontente com os governos nobiliárquicos locais, reuniram-se numa revolta em 1848 – os alemães não eram escandinavos, eslavos,

[49] FULLBROOK, Mary. **História Concisa da Alemanha**. São Paulo: EDIPRO, 2012, p. 15-24.

franceses, latinos, poloneses, nem austríacos, que também falam alemão. Esses grupos não se identificavam com nenhuma outra cultura que não uma própria cultura alemã, produzida no determinado espaço geográfico considerado historicamente como pertencente aos descendentes simbólicos dos germanos.

Nesse ponto é fundamental diferenciarmos alemães e austríacos, dois povos que falam a língua alemã (embora com diferenças idiomáticas), mas não pertencem ao mesmo país – e os alemães só conseguiram a unificação política após derrotarem o exército austríaco. Naturalmente, imaginação há em qualquer forma de divisão, bem como a disputa territorial entre instituições conflitantes. Porém há outro problema, relevante na história política: o problema da liderança. Os governantes do Sacro-Império Romano-Germânico, de 1283 até 1806, foram os Habsburgos, família de nobres originários de Viena, a principal cidade de uma das regiões imperiais, denominada Áustria. Os cidadãos do império aceitaram a dominação dos Habsburgos até a invasão napoleônica. A Áustria foi fundada como reino independente pelos Habsburgos em 1804 e a partir daí os austríacos passaram a existir como nacionalidade nova. Os alemães não aceitavam voltar à dominação dos Habsburgos e passaram a enxergar os austríacos como um povo próprio, que decidiu formar sua própria nação e seguir o próprio caminho, independente dos alemães. Uma questão de lealdade determinou a divisão política.

A identidade nacional austríaca é fruto da lealdade destes para com a família Habsburgo, que favoreceu as regiões próximas à Viena durante seu governo do Sacro-Império Romano-Germânico. Os alemães não sentiam nenhuma lealdade para com os Habsburgos e isso os motivou a lutar contra eles pela criação de sua própria nação alemã, livre da influência austríaca. A identidade nacional alemã foi sendo forjada como resultado do desejo dos alemães pela sua própria afirmação diante de nações que queriam assimilá-los ou mantê-los sob sua égide.

A grande dificuldade na criação dessa identidade nacional é justamente o fato de que os alemães tiveram que exercitar a imaginação mais do que qualquer outro povo na Europa do século XIX que estivesse lutando pela formação de seu próprio Estado nacional. As regiões pertencentes à Confederação Germânica, trinta e nove Estados governados por nobres de famílias diferentes, muitas vezes, nem falavam o mesmo idioma, poucos hábitos tinham em comum e faltava-lhes, no plano político, uma real vontade de escolherem um líder que os governasse. Era possível afirmar que todos os trinta e nove Estados eram descendentes dos germanos e pertencentes à cultura germânica – e defensores da criação de um Império Alemão, como o austríaco -, porém isso valia mais no plano do discurso e da propaganda do que no da ação política com efeitos práticos.

Os nacionalistas que sonhavam com a nação alemã queriam agir militarmente, mas não podiam. Os nobres governantes podiam, mas não queriam derramamento de sangue uns contra os outros – e sabiam que só assim seria possível uma unificação, tal qual no caso italiano. A solução foi encontrada pelo chanceler da Prússia, Otto Von Bismarck, que defendeu que era possível criar o grande império sem que os alemães se guerreassem, mas unindo-os para guerrear contra um inimigo comum. Residia aí a motivação para unir nobres, Forças Armadas e povo contra a Dinamarca, a Áustria e a França. Bismarck havia compreendido que a identidade nacional não é apenas uma resposta para a pergunta “quem somos?”, mas igualmente para a pergunta “quem nós não somos?”.

A identidade nacional alemã, após a formação do Império Alemão em 1871, ganhou contornos da região que funcionava como força motora imperial, a Prússia. Os alemães, que tinham hábitos diferentes de região para região, sofreram um processo de prussianização, baseado num ideal de militarização da sociedade. A partir daí, a identidade nacional passou a ser uma política de Estado imposta de cima para baixo, fundamentada nas escolas, nos jornais e nos quartéis. Os alemães aceitaram isso porque enxergavam seu próprio país como um

quebra-cabeça de regiões e povos, dialetos e hábitos, tradições e padrões diferentes, porém, que, de alguma maneira, encaixavam e funcionavam seguindo o modelo prussiano. A derrota na Primeira Guerra Mundial e o desaparecimento do império em prol da República fez com que a identidade nacional tivesse que ser reorganizada, bem como após o surgimento do Terceiro Reich e, continuamente, como apontado por John Breuilly, após sua destruição.[50]

A identidade nacional alemã não teria passado por momentos de crise e estabilidade, como comumente se imagina. Os alemães nunca teriam necessariamente sofrido de uma crise de identidade ou de momentos em que eles estão certos do que era ser alemão. Na realidade, rapidamente, eles compreenderam que a identidade é uma invenção, um imaginação baseada em acordos e circunstâncias, em política e cultura, em homogeneidade e heterogeneidade, é um fruto da tensão social e de seu apaziguamento, uma vez que une e divide, junta e separa. A identidade existe, como já foi afirmado, em níveis – local, estadual, regional, nacional, internacional.

Os alemães sempre compreenderam essa realidade, por que a história alemã deixa isso mais claro do que qualquer outra história de formação nacional. Os alemães compreenderam a função das circunstâncias e das disputas políticas na formação de algo que é defendido, por parte dos nacionalistas, como sendo uma criação *a priori* e natural.[51] A mutabilidade das regras está para o esporte assim como a mutabilidade dos padrões está para a identidade nacional.

Neste momento, iremos abordar a temática esportiva. Por estar ainda em seu início, a pesquisa esportiva não vislumbra grandes teorias explicativas e nem grandes teóricos, ao contrário, é formada por pequenas pesquisas locais, regionais ou nacionais que costuma apresentar sempre um aspecto particular do fenômeno. A própria palavra sofreu mutação, pois

[50] BREUILLY, John. **Nationalism and German reunification**. London: Longman, 1992, p. 236.
[51] BREDOW. Wilfred. **Deutschland – ein Provisorium?**. Berlin: Siedler, 1985.

seu original em francês significava "lazer".[52] O que seria o esporte na acepção atual do termo? É a atividade física competitiva baseada em regras.[53] Isso o diferencia do trabalho executado no emprego, da dança, do jogo e da atividade realizada em academias de ginástica.

As afirmações mais comuns encontradas nas pesquisas sobre nossa temática são[54]:

• O esporte é importante para o desenvolvimento tanto da identidade nacional quanto do orgulho nacional;

• Embora haja evidência de que o sucesso da equipe nacional e realização de eventos podem contribuir para o aumento da autoestima e orgulho nacional no curto prazo, a longevidade destas emoções é questionável;

• É errado concluir que todos os membros de uma comunidade utilizam o esporte para construir a sua identidade nacional. Do mesmo modo, não deve ser assumido que todas as pessoas dentro de uma comunidade se associam com o sucesso desportivo. O esporte é provável que seja apenas um de uma série de fatores que influenciam a percepção de identidade e orgulho nacional;

• Numa era de aumento da globalização, o esporte e os eventos esportivos geram uma oportunidade das identidades nacionais serem expressas. Alguns esportes são mais propensos do que outros para se tornar veículos para o desenvolvimento e a expressão de identidades nacionais - estes variam de grupo social para grupo social e de indivíduo para indivíduo;

• Os meios de comunicação são extremamente influentes na formação de identidades nacionais. Refletindo isso, a maioria dos estudos analisa as transcrições de mídia e transmissões. A identidade nacional é geralmente expressa através de um "nós contra eles".

[52] In: Academia das Ciências de Lisboa. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. 1.ª ed. Lisboa: Editorial Verbo, p. 1.237.
[53] Idem.
[54]The New Zealand Tourism Research Institute.**National identity and sport: An annotated bibliography.** AUT University, 2007, p. 2.

Estereótipos são criados para as equipes nacionais opostas. As referências à história, especialmente à guerra, são utilizadas como metáforas;

• As pessoas podem mostrar um alto grau de envolvimento emocional com a equipe nacional, sem demonstrar o mesmo nível de apego à nação e vice-versa;

• Esportes, equipes e eventos fornecem à comunidade um ambiente psicológico que pode aumentar o orgulho da comunidade, que por sua vez contribui para uma melhora da qualidade de vida;

• O esporte tem a capacidade de desenvolver comportamentos pró-sociais e capital social dentro de uma comunidade – sendo que ambos promovem a manutenção da saúde mental e bem-estar. A interação social, a coesão social, um senso de lugar e comunidade, confiança, normas e redes que facilitem a cooperação e benefício mútuo, tudo é possível, mas os resultados não são necessariamente garantidos apenas pelo esporte. O esporte também pode fornecer esses resultados no nível da comunidade local, não apenas a nível nacional;

• Uma característica da literatura pertinente ao esporte e à identidade nacional /orgulho nacional é a sua natureza não-empírica. A literatura é teoricamente densa, retórica, e repleta de jargões e termos abstratos;

• A maior parte da literatura empírica é de natureza qualitativa, com base em dados de entrevistas ou análises da mídia desportiva.

O futebol, dentro do tema esporte, conseguiu se destacar devido à sua popularidade. Todavia, isso não foi o suficiente para que as interpretações sobre a importância do futebol tenham obtido um melhor sucesso teórico. Também essas pesquisas passam pelos mesmos problemas que as pesquisas sobre outros esportes e evidenciam que o tema ainda não foi pesquisado o suficiente, bem como a falta de análises mais consistentes. Dentre as interpretações mais comuns sobre o tema, se destacam as seguintes:

- Futebol como “espelho da sociedade”[55]
- Futebol como “ritual religioso”[56]
- Futebol como “representação da guerra”[57]
- Futebol como “expressão da sexualidade”[58]
- Futebol como “ideal de integração social”[59]

Dentre os tópicos destacados acima, já anteriormente citados e debatidos na introdução, relaciona-se o último deles à problemática da identidade nacional. Dessa forma, se busca nesse momento oferecer aparatos para a compreensão da utilização do futebol por jogadores, torcedores, organizadores, administradores e produtores de mídia como catalisador de um “sentimento nacional” cultural, social e politicamente construído.

- Futebol como “ideal de integração social”

O escritor Rudolf Oswald defende em seu livro *Fußball-Volksgemeinschaft: Ideologie, Politik und Fanatismus im deutschen Fußball 1919-1964* (Futebol e Comunidade do Povo: Ideologia, Política e Fanatismo no futebol alemão de 1919 a 1964) a tese de que o futebol na Alemanha se tornou o principal catalisador para os defensores da ideia de *Volksgemeinschaft* (comunidade do povo), por permitir que as pessoas acreditem que, através desse esporte, se sentem pertencentes ao mesmo grupo nacional. Essa ideia, utilizada pela extrema-direita para superar a teoria marxista de “luta de classes” popularizou-se ao extremo durante o regime nacional-socialista (vide capítulo anterior). O autor defende que ocorreu uma ideologização do futebol após a Primeira Guerra Mundial[60].

[55]THEWELEIT, K. **Tor zu Welt: Fußball als Realitätsmodell**. Köln: Kiepenhauer & Witsch, 2004.
[56]GEBAUER, Gunter. **Spiel, Ritual, Geste** : mimetisches Handeln in der sozialen Welt. Hamburg: Rowohlt, 1998.
[57]Essa é uma tese defendida pelo escritor George Orwell em artigo chamado *The Sporting Spirit.* Consultado em: http://www.orwell.ru/library/articles/spirit/english/e_spirit. Em 10/02/2014 às 22:00.
[58] GALEANO, Eduardo. **O futebol ao sol e à sombra**. L&PM Pocket, 2004.
[59]OSWALD, Rudolf. **Fußball-Volksgemeinschaft** : Ideologie, Politik und Fanatismus im deutschen Fußball 1919-1964. Frankfurt am Main: Campus, 2008.
[60] OSWALD, Rudolf. Op. Cit..p. 48.

> Uma ideologia da cultura do corpo, que sob a bandeira da comunidade do povo, não poderia mais permitir ao indivíduo que decidisse sobre o exercício do esporte.[61]

A influência da política no esporte, especificamente no futebol, aumentava gradativamente. Cada vez mais o futebol passava a representar ideologias políticas. Cada país poderia utilizar uma ideologia e sustentar um discurso político diferente, através do futebol, embora, no fundo, a ideia por trás dessa prática fosse a mesma: a "essência da equipe" representa a "essência da nação" e o "modo de jogar" representa o "modo de ser". Nas palavras ditas em 1919 por Richard Girulatis, professor de futebol, *o futebol carrega todas as características da luta da comunidade. E por isso os onze jogadores de um time devem ser como onze amigos!*[62]

O ideal da comunidade e o ideal do time são uma coisa só, na visão ideologizada do esporte. Por isso, o futebol na época do Império do Kaiser, na República de Weimar, no Terceiro Reich, na Alemanha dividida e na Alemanha reunificada, tem significados diferentes, para aqueles que não o enxergam apenas como entretenimento ou atividade de tempo livre. Segundo o autor, na República de Weimar, o futebol teria uma conotação de "utopia da modernidade" e fruto do liberalismo. Ele seria (ou serviria como) uma forma de escape da realidade capitalista que obrigava o indivíduo a trabalhar exaustivamente por um modelo de sociedade sem identidade. Com o futebol, reaparecia o sujeito, o coletivo, a natureza, o todo. Esse discurso holístico representava uma reação à situação da Alemanha na época, bem como de todo Ocidente.[63]

A utilização do esporte pelo poder público e do poder público pelos esportistas e dirigentes esportivos ficou mais clara com a chegada ao governo do Partido Nazista. Logo em 1933, um campeonato amador que em 1928 foi disputado com o nome de Copa Hindenburg

[61] Ibid., p. 54.
[62] APUD: Ibid., p. 65.
[63] Ibid., p. 79-80.

recebeu nesse ano o nome de Copa Adolf Hitler.[64] Os nazistas usaram em larga escala o esporte e o futebol para propagarem seu modelo de Alemanha – em vez da sociedade capitalista racional de Weimar a comunidade emocional nacional-socialista da Grande Germânia - e os desportistas apoiavam o governo em troca de mais recursos. A ideia de comunidade do povo se incorporava ao futebol como a "utopia germânica". A catástrofe de 1945 atingiu até mesmo a prática esportiva, que seria pouco a pouco recuperada como importante atividade de lazer durante os primeiros anos do pós-guerra e depois como atividade profissional.

O problema que aparece é compreender qual a função do esporte e do futebol na Alemanha dividida e na Alemanha reunificada. Oswald, por exemplo, não se a profunda na discussão, limitando-se a concluir que a época da prática desportista e futebolística como "comunidade do povo" já havia passado, mas a política permaneceria como propaganda:

> O Ministro da Propaganda na tribuna de honra em 1936 foi a tragédia. A Chanceler da Alemanha na mesma tribuna em 2006 – 70 anos depois – foi a farsa. Esse é apenas um fraco eco de um tempo, onde o indivíduo nada valia e a comunidade era tudo.[65]

Para Oswald, o esporte é mais do que uma prática corporal e o futebol é mais do que um jogo: eles são igualmente uma ideologia política, ou ao menos, fazem parte dela. Não no sentido de que uma vitória desportiva necessariamente denote uma conquista política, mas que a política e a ideologia se misturam ao esporte, em geral, e ao futebol, em particular. O ser humano sente uma necessidade de socialização maior do que outros animais, bem como do exercício do corpo em conjunto. O futebol é o que melhor representaria a comunidade ideal do povo, daí sua politização e apelo ao patriotismo. A Copa do Mundo de Futebol, organizada pela FIFA desde 1930, apelaria ao nacionalismo de torcedores, jogadores e mídia, além da vontade dos organizadores nacionais, para elencar sua popularidade. A Copa do

[64] Ibid., p. 135.
[65] Ibid., p. 309.

Mundo seria mais do que uma competição, seria uma oportunidade de mostrar a superioridade de uma nação. Tal afirmação não poderia ser diferente, uma vez que, desde o século XIX até os tempos atuais, o futebol aumentou consideravelmente o número de adeptos, e a Copa do Mundo, o número de países participantes e de espectadores. Qual seria o motivo desse acontecimento e haveria um sentido nessas práticas?

Rudolf Oswald não responde tais questionamentos, porém a pesquisadora dessa área, Christiane Eisenberg, defende a tese de que o esporte representa a vitória da cultura do corpo e do movimento da nova burguesia sobre a cultura religiosa ascética da sociedade feudal. O esporte, materializado na pedagogia da educação física aplicada a todas as novas escolas administradas pelo Estado laico, representa a libertação, do corpo e da alma, da religião.[66] O esporte seria a religião do corpo baseado na ideologia do movimento. Em sua criação essa ideia já está inserida, uma vez que é uma criação da Modernidade, onde corpo e movimento devem ser vistos como liberdade de ação, ao invés de uma submissão paralisante a Deus. O nacionalismo, invenção da mesma Modernidade, seria a religião cívica da ideologia que defende que cada povo deve ter um território, surgindo a nação da união entre os dois. A mudança social e cultural que gerou a criação dos esportes – substituindo os torneios de lutas de cavalaria medievais – e dos nacionalismos – substituindo o universalismo religioso e a obediência à nobreza – uniu o primeiro ao segundo. O esporte e o nacionalismo auxiliaram a formação do mundo contemporâneo e compensaram o desaparecimento do sentido que sustentava a Idade Média e grande parte da Idade Moderna com um novo sentido – o sentido do corpo e da nação.[67]

A realização da primeira partida de futebol oficial, em 1872, entre um selecionado da Inglaterra e outro da Escócia e a nova criação dos Jogos Olímpicos em 1896 – sem o aspecto

[66] Eisenberg, Christiane. **"English sports" und deutsche Bürger** : eine Gesellschaftsgeschichte 1800 - 1939 / München : Schöningh, 1999, p. 96.
[67] Ibid., p. 145.

religioso da Antiguidade – são fatos que comprovam a relação esporte-nação. É curioso observar a proeminência do Império Britânico na regularização e popularização dessas práticas esportivas. O século XIX foi o século em que os britânicos estabeleceram sua hegemonia política, econômica e cultural sobre o mundo, especialmente o Ocidente, exportando, além de produtos, uma forma de vida. Esse modo de vida era baseado predominantemente na religião (*oração*) e na profissão (*ação*), isto é, dentro da ética protestante que predominava em solo anglo-saxão, a fé é justificada no trabalho, ou seja, na atividade no mundo. Não há sentido em viver uma vida monástica ou contemplativa esperando o fim do mundo terreno e a salvação da alma, se a salvação vem pela fé materializada numa postura profissional. O protestantismo criou o profissionalismo que valorizou a importância da atividade esportiva.

O mais importante na pesquisa sobre futebol não é descobrir se ele foi um esporte criado pela elite burguesa e que depois se popularizou ou se, ao contrário, ele foi um esporte praticado essencialmente por trabalhadores operários de fábricas, em seu tempo livre, e depois se profissionalizou a partir de sua aceitação pelas elites administrativas, mas sim é afirmar que ele é, caracteristicamente, o esporte preferido da classe média emergente ao longo dos séculos XIX e XX. Essa nova classe média é o grande ponto na balança que faz com que o futebol se destaque dentre os esportes regulamentados nesse período. A popularização desse jogo está diretamente ligada à cobertura jornalística e a sua prática na educação física escolar, devido à simplicidade do jogo. Claramente, nos momentos de lazer, como forma de entretenimento, burgueses e operários, professores e estudantes, patrões e trabalhadores poderiam praticar ou assistir a essa atividade, mas esse fator isolado não seria o suficiente, se o futebol não sofresse uma transformação de esporte marginalizado para, já no início do século XX, o mais praticado, graças aos jornais e às escolas. Se tivesse permanecido apenas como esporte da elite ou dos operários, sem atingir a classe média, dificilmente alcançaria a projeção que tem.

Aliás, segundo a história oficial do futebol aceita pela FIFA, está nas escolas o motivo para serem onze jogadores. No século XIX, era comum que as turmas escolares tivessem dez alunos, mais um responsável (instrutor) por elas e realizavam atividades físicas conjuntamente ao longo do dia letivo. Quando uma turma jogava contra outra, os alunos ficavam na linha de jogo enquanto que cabia ao instrutor cumprir a função de goleiro. A rivalidade entre turmas estabeleceu a primeira regra do jogo.[68] Os profissionais liberais do jornalismo, formados em grande parte por essas escolas públicas onde o futebol já era largamente difundido, privilegiaram a cobertura em relação a outros esportes, gerando um efeito retro-alimentar, onde cada vez mais o futebol ganhava espaço na vida das pessoas. Sua regulação (1863) abriu o caminho para a profissionalização e a popularização mundial seria a conseqüência.

Na Alemanha, quando da fundação do Império Alemão, em 1871, a sociedade, a educação e o esporte passaram por um processo de militarização. A pedagogia da educação física e o esporte tinham a função de formar corpos sadios para lutarem pela pátria. O desportista era como um soldado que lutava através do esporte. A rivalidade entre as seleções era resultado da rivalidade entre as nações no campo geopolítico regional ou global. Isso demonstra como política e esporte se entrelaçam devido às circunstâncias fora do campo desportivo. Nas Olimpíadas, há uma competição entre os países para obter o maior número de medalhas de ouro e no total e, dessa forma, buscar melhorar a imagem de seu povo, governo e nação através do prestígio de ter ficado em melhor posição do que os adversários. O lema "o importante é competir" é uma forma de amainar os ânimos exaltados de quem acredita que o único mérito é sair vencedor. O futebol, assim como o rúgbi, exemplifica bem essa realidade por serem esportes de equipes que se confrontam entre si, num mesmo campo, por um objetivo (*goal*) comum, obtendo a vitória quem superar o adversário pelo número de objetivos alcançados.

[68] Consultado 15/06/2014 às 18:30 em: http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-game/global-growth.html

Todavia, há no primeiro confronto direto no campo militar do século XX entre as potências europeias – a Primeira Guerra Mundial – um interessante exemplo de que, embora exista esta aparência, o esporte, especificamente o futebol, não representa a guerra por outros meios. O acontecimento foi a trégua de Natal de 1914: em 24 de dezembro, os soldados das trincheiras alemães e anglo-francesas decidiram respeitar um cessar-fogo não-oficial em decorrência de serem cristãos (católicos e protestantes). Houve troca de presentes e até cerimônias religiosas foram celebradas conjuntamente. A partir do dia 25 de dezembro, algumas partidas de futebol foram realizadas ao largo de todo o front, colocando em cada time as respectivas nacionalidades separadamente – isto é, alemães contra anglo-franceses. Tais partidas não representavam a guerra, mas, ao contrário, a paz e a confraternização dos povos.

O nacionalismo é um dos motores, além do desejo individual de vitória, nas competições olímpicas e internacionais, mas isso não significa dizer que o futebol é uma continuação ou representação da guerra. Tal assertiva seria o mesmo que afirmar que aqueles que estão do outro lado do campo são inimigos, ao invés de adversários, como se fossem soldados ao invés de desportistas. Havia, como ainda há, partidários dessa visão, dotados de um pensamento ultranacionalista aliado a um militarismo social, mas correspondem a pequena representação na parcela dos praticantes dos esportes e pouca compreensão tem sobre o que é a partida em si.

A essência do jogo não é sua aparência, aparência que pode ser construída de diferentes maneiras conforme a visão de cada indivíduo ou grupo social. Dessa forma, o esporte não é, em sua essência de criação, uma ideologia política, da mesma forma que a cultura, a religião, a tradição, quando criadas, não eram ideologias políticas, porém práticas, que podem adotar ou não um sentido político, ou podem ser usadas como tal. O esporte não *é* uma ideologia política, ele *pode ser* usado como ideologia política, assim como a cultura, a religião, a tradição, que igualmente *podem ser* utilizadas para um viés político de algum grupo. A cultura

é tudo aquilo que o ser humano produz, a religião é a crença de que existe algo além da matéria e a tradição é a cultura ou crença baseada na repetição de atos ou conhecimentos – daí a relação próxima entre os três, cultura – religião – tradição.

O esporte leva, assim, a um estágio positivo de autoafirmação, autossuperação, autoestima e autorrepresentação em dois níveis: individual, pois parte da identificação ou vontade do sujeito de praticar uma respectiva atividade física; coletivo, pois é praticado por um grupo (local, regional, nacional). A relação do esporte com a identidade nacional encontra-se em ambos os níveis, porque ele é tanto resultado de uma identificação do indivíduo com essa prática corporal e com a organização nacional, quanto é do coletivo e seu objetivo de obter prestígio e autovalorização para o grupo como um todo. O esporte, principalmente, quando transformado em evento, é um catalisador das expressões do público. Nesse sentido, o esporte é um motor para o nacionalismo, e o nacionalismo se torna, também, um motor para o esporte. Esse é um ciclo que gera a utilização do esporte, nessas competições, como forma de imaginação, cooperação e promoção nacional. Imaginação, porque toda representação é imaginada, uma vez que a nação também é uma criação, inventada a partir da história oral e escrita que transforma em tradição acontecimentos de um passado teoricamente comum de um mesmo grupo populacional. A representação local, regional ou, como em nosso caso, nacional, excita a criatividade sobre quais elementos comuns identificam melhor um país.

A imaginação é a essência da representação, mas ela não seria possível sem a ideia de cooperação. Quando um desportista ou uma equipe compete, a ideia de cooperação faz crer que a representação é mais do que uma imaginação, ela é real, ou seja, é como se todo o país estivesse competindo. Nesse momento, a ideia de cooperação transforma o país, na mente do público, numa família ou num grupo de conhecidos. A solidariedade orgânica (profissionalismo) ganha certo sentido de mecânica (coletivismo), no entendimento de que

todos devem apoiar seu respectivo país. Daí vem a promoção nacional, ligada ao prestígio e a autovalorização para reforçarem a autoestima em pertencerem àquela organização nacional. O esporte permite juntar todas as atividades fora do campo que cabem ao público. No esporte, o público também participa.

Segundo o historiador Eric Hobsbawm, escrevendo sobre a importância do futebol para as nações e os nacionalismos:

> A imaginada comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.[69]

Essa passagem de Hobsbawm suscita um bom número de discussões acerca do nosso tema futebol e nacionalismo: imaginação, aparência, realidade, desportistas, equipe/seleção, indivíduo/coletivo, espectador/público, simbologia – tudo isso, aplicado em seu nível nacional. O questionamento "de onde vem a nação?", de caráter essencialista, cuja resposta pende mais para uma parte filosófica do que histórica ou sociológica, faz mais sentido quando perguntamos "por que há indivíduos nacionalistas?" – essa sim uma questão concreta e pertinente. E a resposta à questão acima pode ser encontrada na resposta à pergunta "por que há pessoas que torcem para a equipe nacional em competições internacionais, mesmo sem ter nenhuma relação pessoal com o desportista em questão?".

A resposta passa, necessariamente, por levar em conta que existem elementos nacionais imaginados, porém também há elementos nacionais materiais – e que a seleção nacional transmite a aparência de representação de todos os elementos mesclados em uma equipe. Tal qual aponta Hobsbawm, a identidade nacional é imaginada, porém os atletas são reais; os símbolos nacionais são imaginados, mas o indivíduo/cidadão (ou o torcedor, no caso da frase) é real; a cultura nacional é imaginada, mas o território nacional não é. Isso quer dizer que a

[69] HOBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismos desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 171.

nação é tanto uma comunidade imaginada quanto materialmente real, que a identidade nacional tanto foi resultado de um longo processo de produção por parte dos cidadãos quanto de convencimento sobre esses cidadãos, fazendo com que se identificassem com a comunidade, e que a seleção tanto é um símbolo quanto uma minicomunidade nacional.

A identidade nacional é fruto de duas ações: primeiramente, uma relação entre a cultura produzida livremente por um povo e a oficialização desses elementos a partir de escolhas feitas pelas instituições administrativas; segundamente, uma escolha de identificação feita livremente pelos indivíduos nascidos nessa organização nacional de pertencerem a ela. O povo e o Estado imaginam a nação visando dar-lhe forma, conteúdo e identidade. A identidade nacional é tanto fruto de uma produção cultural popular quanto da institucionalização de pretensos valores, tradição e da história oficial, e nesse caso, ambas são fortemente imaginadas. Mas a identidade nacional igualmente depende da aceitação por parte dos indivíduos desses elementos produzidos culturalmente ou institucionalizados. A bandeira e o hino nacional dependem da aceitação da maioria da população, que devem enxergar nesses elementos símbolos que "realmente" representam a nação, assim como a identificação com outros habitantes depende da crença de que pessoas diferentes que vivem em realidades distintas e em lugares afastados geograficamente devem manter uma união política, porque há alguma semelhança entre si.

A identidade nacional se baseia, por um lado, na crença de que os habitantes de um país partilham de características semelhantes, características essas que são o elo entre todos os habitantes. Essa característica pode ser uma etnia, uma língua, uma religião, uma cultura ou um acontecimento político. Mas o fundamento da identidade nacional não é somente essa pretensa característica comum – audível, como a língua, visível, como a etnia, ou invisível, como a espiritualidade religiosa - entre os habitantes, porém, reside igualmente na institucionalização dessa imaginação e na aceitação individual de pertencer a esse coletivo.

Nesse ponto a relação entre esporte e identidade nacional se torna mais clara. Ela não é uma relação objetiva, mas sim subjetiva. Ela depende do indivíduo e da relação dele com o esporte, com a seleção e com a nação. A conexão entre esses três elementos distintos ocorre na mente do sujeito que junta os três por identificação – ser fã de futebol, admirar os atletas que estão na seleção ou ao menos acreditar que deve apoiar por ser a equipe nacional e ser patriota. A mesma necessidade de construção que parte da mente do indivíduo, isto é, de sua crença e imaginação em relação a fatores concretos da realidade que o cerca, levando-o a apoiar ou rejeitar o time nacional, serve para entender a filiação nacional dos cidadãos. A identidade nacional depende da política e do indivíduo. É necessário haver uma identificação e relação entre os diversos elementos culturais, sociais, étnicos, linguísticos, religiosos e/ou políticos que coexistem na organização territorial. Nesse relacionamento, tanto o governo pode institucionalizar o que o povo produz quanto o povo assimilar o que o governo defende.

Durante o evento da Copa do Mundo, bem como do das Olimpíadas, qualquer cidadão tem o direito de torcer ou não por sua nação, inclusive podendo torcer por outras seleções que simpatize. Essa simpatia não depende necessariamente de uma postura objetiva posta a partir das circunstâncias do jogo (como apoiar o mais fraco em detrimento do mais forte, ou a sua seleção ao invés da adversária, só por ser a seleção de seu país), mas de uma simpatia por meio de identificação cultural, étnica ou política. Todavia, cabe aqui relembrar, obviamente, que esses indivíduos em questão, os torcedores, são seres que existem dentro de sociedades ou comunidades, ou seja, coletivos, não necessariamente detendo de total liberdade ou falta de pressão em apoiar um determinado time. Sem dúvida, existem coerções que podem levar uma pessoa a sentir que deve torcer por determinada equipe, seja por força de outros ou por convencimento após repetição.

É facilmente observável o fato de que partidos e líderes políticos possam, por interesse, querer utilizar o esporte, particularmente o futebol, para propagandearem suas ideologias.

Esse ponto, debatido tanto por Rudolf Oswald quanto por Christiane Eisenberg, é de vital importância para a compreensão da popularização do esporte em questão. Essa utilização política não tem maior ou menor expressão em ditaduras ou democracias, nem em regimes de esquerda ou direita, mas dependem unicamente da vontade dos dirigentes (políticos e esportivos) em usar o prestígio do sucesso obtido pela equipe como um palanque partidário.

O torcedor, por si só, não costuma fazer necessariamente uma analogia entre sucesso esportivo e sucesso político ou governamental, embora faça sim com um sucesso nacional. Conforme teria dito Jules Rimet, presidente da FIFA e primeiro organizador de uma Copa do Mundo, após a final ocorrida em Montevidéu, em 1930, no qual os uruguaios derrotaram os argentinos por 4 a 2, segundo descreve Gilberto Agostino:

> Nunca antes havia presenciado cenas de paixão e entusiasmo como a da conquista da vitória. Quando se hasteou a bandeira uruguaia, os jogadores da equipe Campeã Mundial choravam e toda a nação parecia estar unida e orgulhosa por aquele triunfo.[70]

O povo uruguaio, como um todo, segundo Rimet, ou ao menos aqueles que estavam torcendo pela seleção, estavam orgulhosos da vitória, que aparentava representar, para eles, uma vitória de toda a nação uruguaia em seu ano de centenário da independência. A autoestima e a identificação nacional estariam no auge com o prestígio obtido por esse resultado, ainda mais contra uma nação adversária vizinha vista como rival em outros campos. A conquista da taça em 1930 e posteriormente em 1950, no Brasil, contra a seleção brasileira, se tornariam marcos na própria história uruguaia, independente da posição dos chefes de governo. Os próprios torcedores fariam com que o resultado fosse celebrado como um marco histórico.

[70] AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 19.

Da mesma forma que o povo pode criar heróis a partir do esporte, para valorizar a identidade nacional e o sentimento de grupo, também governos podem tentar se aproveitar. O regime fascista de Benito Mussolini aproveitou o bicampeonato da seleção italiana (em 1934, na própria Itália, e 1938, na França) para afirmar que havia sido uma vitória da "raça" por eles encarnada[71]. O próprio *Duce* fez questão de sediar e organizar a competição em 1934, realizando pressão nos árbitros e em seus jogadores para que o resultado fosse sempre favorável à Itália, e por fim tirou uma foto oficial ao lado da equipe após a vitória, embora, pessoalmente, não fosse ele um admirador do futebol – mas politicamente, reconhecia a importância dele para o povo e como prestígio.[72]

Igualmente os nazistas buscaram realizar algo parecido. As Olimpíadas de 1936, em Berlim, que havia sido escolhida sede antes de Adolf Hitler chegar ao poder – justamente para celebrar uma Alemanha democrática e liberal – serviram de propaganda para a ideologia do Estado germânico total e da superioridade da raça ariana. A Alemanha conquistaria o maior número de medalhas de ouro, porém perdeu seis delas no atletismo para o corredor Jesse Owens e, no campo de futebol, foi eliminada na semifinal pela Noruega por dois a zero. Hitler, que não praticava nenhum tipo de exercício e era avesso ao esporte, estava no estádio junto com Joseph Goebbels, seu Ministro de Propaganda. Nas duas vezes, abandonou a competição antes do fim, irritado, para não ver um negro americano e um time norueguês dirigido por um técnico judeu derrotarem seus atletas arianos. Goebbels anotaria, em seu diário:

> Jamais tinha visto o *Führer* tão irritado por algo que ele considerava tão irrelevante.[73]

[71] Ibid., p. 55.
[72] Ibid., p. 56.
[73] Ibid., p. 73.

O futebol e o atletismo poderiam ser irrelevantes para Hitler como pessoa, mas não como líder político (*Führer*). Hitler sabia da importância que o povo dá para as vitórias esportivas, pois elas representam, imageticamente, a vitória de um povo sobre outro – e para alguém que acredita na superioridade da raça ariana, uma derrota nessa área tem peso. A Alemanha nazista, aliás, foi eliminada, em 1934 e 1938, também antes da final. Durante a Segunda Guerra Mundial era comum, para entretenimento das Forças Armadas e do povo, que times de formados por jogadores/combatentes alemães jogassem contra outras seleções ou times de países ocupados. Os jogadores alemães, obrigatoriamente, durante esse período, na hora da execução do hino nazista, esticavam os braços para o alto em direção à bandeira, no clássico gesto romano adotado por fascistas e copiado por hitleristas. Uma vitória aumentava o prestígio do poder e da força nazista – uma derrota, todavia, diminuía a "aura" de invencibilidade que o regime buscava passar. Isso tornava as partidas ainda mais preciosas, pois eram dotadas de um significado político claro, além do esportivo. Em 1942, num amistoso entre Alemanha e Suécia, realizado em Berlim, a equipe convidada ganhou por quatro a dois. O público alemão saiu do estádio como se tivesse sido derrotado numa final de Copa do Mundo. Goebbels, novamente, escreveria em seu diário:

> Cem mil pessoas deixaram o estádio em um estado depressivo. Vencer uma partida é mais importante para o povo do que capturar uma cidade em algum lugar do leste.[74]

O esporte, assim como a política, seria dotado de um sentido dialético, ou seja, a ideia de tese/antítese/síntese, onde uma tese inicial encontra uma oposição clara a partir de sua negação, a antítese, e o choque das duas gera a síntese – uma equipe ou desportista disputa contra outro por um mesmo objetivo. O resultado não aponta quem foi melhor, mas quem soube vencer. Esporte e política seriam duas faces de uma dialética da vida em sociedade.

[74] Ibid., p. 55.

O futebol pode também funcionar como formador de uma identidade coletiva de grupos marginalizados, que encontram nesse esporte um caminho para transformarem a realidade em que vivem, ou para encontrarem um caminho para a representação da comunidade, da sociedade ou da nação recém-criada em que vivem – o caso das ex-colônias americanas, africanas e asiáticas. Nesses países, uma vitória no campo esportivo representa uma vitória sobre um passado de dominação e exploração. Tendo em vista essa representatividade, algo curioso ocorreu em solo africano, na colônia francesa do Níger, logo após a Primeira Guerra Mundial: os soldados coloniais franceses, que levaram a prática do futebol à região, costumavam jogar, e perder, contra os nativos, o que acabava por favorecer a autoestima e o sentimento de união entre os últimos. Tendo em vista isso, o Governador-Geral das colônias francesas decidiu abolir as partidas entre times compostos por franceses contra nativos.

> Os jogos de futebol, mesmo os amistosos, entre franceses e autóctones não são bem-vindos, uma vez que desgastam o prestígio que mantém nossa dominação neste país, já que neste domínio eles são mais fortes.[75]

Melhor exemplo não haveria para sublinhar a relação entre esporte e construção/reforço de identidade coletiva do que o citado acima. Claramente havia uma diferença de grupos distintos – dominados e dominadores, colonizados e colonizadores, "explorados e exploradores". Claramente estava em jogo, além da vitória, a honra, a imagem e a autoestima do grupo nacional representado – e o Governador-Geral percebeu claramente isso. O futebol não é a representação da guerra, mas tende a funcionar como a desforra dos vencidos no campo militar, que podem no campo esportivo, onde as condições são iguais para ambas as equipes, derrotar a equipe das potências governantes. O esporte auxilia a formação, a imaginação, a consolidação, a representação e a celebração da identidade nacional. O futebol catalisa essas ações nas competições internacionais e a Copa do Mundo exemplifica isso.

[75]DEVILLE-DANTHU, Bernadette. Le Sport en noir et blanc. Paris: L'Harmattan, 1997, p. 33.

Como imaginar identidades nacionais de nações que ainda não existem – como no caso do período do colonialismo europeu na Ásia e na África – ou consolidar e representar identidades nacionais de países que fazem parte da mesma comunidade internacional – como os países do Reino Unido (Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales), que nas Olimpíadas competem juntos, porém na Copa do Mundo competem separados. Essa pergunta também é válida para regiões onde a prática esportiva, especificamente o futebol, não é tão desenvolvida quanto em outras – como no caso do Caribe e da Oceania. Porque razão, da mesma maneira que agem os britânicos nos jogos olímpicos, não agem outros Estados, participando em conjunto de competições internacionais? A resposta passa, forçosamente, pela questão da identidade nacional. Nas Olimpíadas de 1956, em Melbourne/Austrália, de 1960, em Roma/Itália, e 1964 em Tóquio/Japão, a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental formaram uma única equipe – a Equipe Alemã Unida (*Gesamtdeutsche Olympiamannschaft*). Dois foram os motivos: o COI (Comitê Internacional Olímpico) não aceitou a representação da Alemanha Oriental, por considerá-la um não-membro dos órgãos internacionais esportivos, e a pressão da Alemanha Ocidental, que queria manter a identidade alemã culturalmente unida – o COI aceitou a ideia e afirmou que a Alemanha era um único país com dois Estados, devendo haver um único comitê alemão. A Alemanha Oriental aceitou, mas os atletas alemães orientais ganharam, nas três vezes, mais medalhas que os ocidentais, gerando uma desarmonia no comitê unificado. Em 1966, os alemães orientais passaram a ser oficialmente reconhecidos como tendo um comitê internacional oficial, e pediram, então, desligamento – preferiam ter sua própria equipe olímpica, assim como sempre tiveram no futebol. A razão fundamental era a necessidade de gerar uma identidade nacional alemã oriental, diferente da ocidental, vista como americanizada. Para o regime socialista de Berlim Oriental, a identidade nacional valia tanto quanto o socialismo.

O campo esportivo também nos oferece curioso exemplo sobre a relação entre comunidade imaginada e identidade nacional. No críquete, existe uma Seleção de Críquete das Índias Ocidentais (Caribe), desde os anos 1970, que compete internacionalmente. Essa seleção é formada por quinze Estados da América Central que são membros da Comunidade Britânica [Antígua e Barbuda, Barbados, Dominica, Granada, Guiana, Jamaica, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granada, Santa Lúcia e Trindade e Tobago; além de Anguilla, Montserrat e Ilhas Virgens Britânicas, territórios britânicos ultramarinos, e Ilhas Virgens Americanas, dos Estados Unidos da América, e Saint Martin, da República Francesa] e possui um hino próprio e uma bandeira própria, criados especialmente para ela. Ela representa um exercício de imaginação na criação de uma comunidade transnacional em relação a países e territórios com um objetivo comum que se uniram para criarem algo que supera nacionalismos e nacionalidades. Essa seleção, todavia, não significa uma união ou aliança política entre as mesmas nações, nem sequer tem algum outro significado – cultural, por exemplo – além do fator esportivo de dar maior expressividade aos jogadores de críquete dos membros da equipe.

Se no críquete a seleção transnacional obteve sucesso, porque não há uma seleção do Caribe no futebol? Houve nos anos 1980, mas que só obteve maus resultados e baixo apoio dos caribenhos. A resposta reside em dois pilares, um financeiro – a existência de uma equipe ao invés de várias só é possível se houver uma única federação ao invés de várias e um único campeonato ao invés de vários, o que acarreta menos recursos vindos da FIFA, menor renda vinda das partidas de futebol e menos investimentos de patrocinadores – e um político-cultural no sentido da relação do indivíduo com o grupo a qual pertence. Os caribenhos são caribenhos num sentido geográfico, mas têm seus próprios países e os apoiam firmemente. A comunidade imaginada do Caribe ainda não superou, no futebol, a imaginação nacional.

CAPÍTULO II – A PROBLEMÁTICA DO NACIONALISMO NA ALEMANHA

Neste capítulo, procuraremos analisar a questão do nacionalismo na Alemanha como sendo o principal delineador da história do país nos séculos XIX e XX. Três historiadores alemães balizam essa afirmação: para Peter Alter, o nacionalismo seria tanto uma ideologia quanto um movimento político cujos valores são baseados na sustentação da nação e da soberania do Estado-nação, e que consegue mobilizar a vontade política de um povo ou uma grande parte da população[76]. E para Ernst Gellner, a ideia central do nacionalismo poderia ser interpretada como a definição de unidades políticas em termos de fronteiras culturais, isto é, o nacionalismo é que geraria as nações, e não o contrário[77]. Ambas as interpretações são especialmente importantes no caso alemão. Na Alemanha, foi o nacionalismo que criou a nação (Gellner), por ser o movimento ideológico que conseguiu mobilizar a vontade da população na formação do Estado alemão (Alter).

Também o nacionalismo seria o responsável pelas duas guerras mundiais e por sua autodestruição como opção política no pós-guerra do país. Neste sentido, temos aqui um caso em que a história da Alemanha no século XIX e XX é a história da ascensão, do auge e do declínio do nacionalismo alemão como ferramenta política. Tendo em vista essa interpretação, o terceiro historiador importante, Otto Dann, propôs a seguinte periodização[78]:

1807 – 1870	**Nacionalismo idealista**
1871 – 1918	**Nacionalismo imperialista**
1918 – 1933	**Nacionalismo liberal**
1933 – 1945	**Nacional-socialismo**
1945 - presente	**Nacionalismo cívico**

[76] ALTER, Peter. **Nationalism**. London: Stuart McKinnon-Evans, 1994, p. 52.
[77] GELLNER, Ernest. **Naciones y nacionalismo**. Mexico, D. F.: Alianza, 1991, p. 55.
[78] DANN, Otto. **Nation und Nationalismus in Deutschland**. München, 1993.

I.1 – A era do nacionalismo idealista (1807-1870)

Otto Dann escreveu em 1993 uma obra seminal que ainda hoje é tida como referência no estudo de nosso tema: *Nation und Nationalismus in Deutschland 1770-1990*. Nela, Dann descreve a história do país como sendo a história da luta nacionalista. Com a ocupação napoleônica de Berlim em 1806 e o fim do Sacro Império Romano-Germânico, os pequenos grupos de alemães que propunham a formação de uma nação alemã tal qual como Portugal, Espanha, França e Inglaterra, passaram a ter uma oportunidade para apresentarem esta ideia entrando em contato com as massas. O motivo, obviamente, era a luta contra um inimigo comum e historicamente rival. Neste sentido encontra-se o discurso pronunciado pelo filósofo Johann Gottlieb Fichte, em 1807, chamado "À Nação Alemã", em que Fichte exalta a necessidade da luta antinapoleônica e da formação da Alemanha, bem como a canção "O que é a pátria alemã?", que serviu de hino, tal qual a "Marselhesa" era para os franceses, na luta durante a guerra de libertação. As vitórias em Leipzig (1813) e Waterloo (1815) selaram o destino dos franceses em terras germânicas e deu esperança aos nacionalistas que tinham o ideal de verem a Alemanha unida, esperança esta que não se concretizou.

A tese do equilíbrio do poder e a falta de vontade por parte das potências europeias de verem os alemães unidos resultaram na organização da Confederação Germânica, uma reunião de trinta e nove estados, com hegemonia da Prússia e da Áustria, esta última, servindo para garantir que nenhuma tentativa de unificação ocorreria à revelia do Congresso[79]. A propagação do ideal nacionalista não havia sido suficiente para alcançar o objetivo almejado. O efeito seria a Revolta de 1848.

Enquanto a nobreza conservadora mantinha-se no poder, a classe média burguesa, liberal e republicana, ganhava espaço na dinâmica social nas décadas de 1820, 1830 e 1840.

[79]Ibidem, p. 57-68.

Daí a principal explicação para as Revoluções de 1848: eram revoltas de uma classe média que exigia acesso ao poder e o cumprimento de seu projeto político. A aristocracia era vista como um poder em franco declínio e antipatriótico. Os monarcas prussianos, que se haviam imbuído do intuito de criar uma Constituição e uma Assembleia Nacional, não davam demonstrações de que lograriam tal feito, e o aumento do preço dos alimentos e piora das condições de trabalho – fruto da Revolução Industrial – eclodiram em forma de levante popular. A falta de armamento, organização e projeto político (foi criado um Parlamento em Frankfurt para conter os ânimos dos revoltosos, mas sem poder de decisão, o que o levou à autodesintegração) podem ser vistos como a principal causa da vitória dos grupos conservadores. Assim como a via diplomática havia falhado, também a via popular revolucionária.[80]

A única opção restante seria a adotada pelo chanceler Otto Von Bismarck a partir de 1862: a via militar. O sucesso dessa opção teria profundas consequências na estrutura social, cultural e mental dos alemães.[81] Enquanto inicialmente houve uma crença na solução política, diplomática, econômica (através da União Aduaneira), e posteriormente na solução popular, agora, na visão da chancelaria prussiana sob Bismarck, a solução era a guerra. A unificação seria feita, como afirmou Bismarck, a ferro e sangue[82].

A política de Bismarck deflagrou três guerras, contra as três forças estrangeiras que detinham partes do território imaginado como sendo alemão: uniu-se à Áustria contra a Dinamarca em 1864 (Schleswig-Holstein), uniu-se à França contra a Áustria em 1866 (sul da Alemanha) e, por fim, derrotou a França em 1871 (Alsácia-Lorena). Os alemães, agora, tinham um novo país e um novo modo de ser.

[80] Ibidem, p. 115-126.
[81] Ibidem, p. 301.
[82] *Pfälzer Zeitung,* 6 de Outubro de 1862, p. 1.

I.2 – A era do nacionalismo imperialista (1871-1918)

A guerra estava no início e estaria no fim da história da Alemanha imperial, bem como da história do nacionalismo na Alemanha. Foi a preparação para a guerra e o combate em si que caracterizou a nação alemã de 1864 até 1945, com uma breve interrupção durante a República de Weimar (1918-1933). Mesmo quando não havia a expectativa de um conflito real, a imagem pública era moldada por paradas oficiais, exercícios militares, memoriais de guerra, discursos agressivos e corrida armamentista. O nacionalismo militarista, cujo símbolo e sustentáculo maior eram as Forças Armadas, havia se tornado a ideologia estatal e social, determinando a maneira de agir e pensar da nova nação. Para substituir as diferenças regionais, a uniformização foi adotada; para acabar com divergências filosóficas de pensamento, a hierarquia; as classes eram equalizadas através da disciplina. Até mesmo na vestimenta havia detalhes que demonstravam o quão longe o modelo militar havia chegado: o caso alemão era o único em que o capacete de guerra tinha a ponta de uma lança apontada para o alto (sem nenhuma função militar, apenas decorativa), e o imperador reveza sua imagem nas aparições públicas, ora utilizando um capacete com uma águia sobre a cabeça, ora um longo chapéu preto com uma caveira sob dois ossos (imagem esta que a divisão SS do Terceiro Reich passaria a adotar). As virtudes do verdadeiro alemão deveriam ser o amor e o sacrifício em nome da pátria, das armas militares e do imperador[83].

Diferente de uma organização militar, todavia, a política interna belicista e a política externa imperialista não enxergavam limites, e o nacionalismo militarista não poderia guiar a nação a nenhum outro lugar que não aquele que ele pregava como sendo o valor maior: a guerra. O império alemão era uma nação em armas cujos líderes e liderados compartilhavam a mesma crença, tomada emprestada do sucesso da política de Bismarck: a via militar é a única.

[83] FÖRSTER; Stig. **The Nation at Arms**: Concepts of Nationalism and War in Germany, 1866-1914. In: LEHMANN, Hartmut, 1936- [Hrsg.] : **German and American nationalism** : a comprehensive perspective / ed. by Hartmut Lehmann and Hermann Wellenreuther. - Oxford [u.a.] : Berg, 1999, p. 233.

Aqui é importante citar Otto Dann novamente. O alemão Friedrich Meinecke, reconhecido por sua "história das ideias e mentalidades", procurou compreender a formação da Alemanha, em 1908, utilizando dois conceitos: *Kulturnation* (Nação-Cultura) e *Staatsnation* (Nação-Estado). Os países do mundo, no que concerne à forma como foram criados, poderiam ser divididos nesses dois grupos: os que foram formados porque o povo partilhava de uma cultura comum, e a cultura gerou a nação (o caso de culturas antigas, como China, Índia, Grécia, Egito, Itália, etc.) e os que foram formados sem uma pré-união cultural, já que determinados grupos reuniram-se para criarem uma organização nacional baseada em valores políticos mútuos (o caso de nações modernas como Suíça, Portugal, Espanha, Reino Unido, Estados Unidos, etc.). A Alemanha seria um *Sonderweg* (caminho especial): ela não se insere nem totalmente em um, nem totalmente em outro, e o fato de ser um pouco dos dois criou um problema na forma de ser pensada e gerida.[84]

Dann propõe um termo para esse caminho especial: *Reichsnation* (Nação-Império). A Alemanha foi formada passando de uma confederação de trinta e nove Estados divergentes e apegados a um modo de ser regional, mas com crença na solução política e diplomática, para um império cuja harmonia estava no modo bélico de ser. Ocorreu uma mudança estrutural nas esferas política, social, cultural e mental que levou os indivíduos e a coletividade de um extremo a outro. O caminho especial seria ter mudado de caminho bruscamente e pela via militar[85].

O Estado alemão objetivava realizar uma transição de um país fragmentado para uma potência imperial com ramificações (comércio e colônias) em qualquer parte do mundo, uma indústria tão ou mais poderosa que a inglesa e a americana, um exército tão vasto quanto o

[84] MEINECKE, Friedrich. **Weltbürgertum und Nationalstaat**: Studien zur Genesis des deutschen Nationalstaates / von Friedrich Meinecke. - 7., durchges. Aufl.. - München [u.a.] : Oldenbourg, 1928, p. 17.
[85] DANN, Otto. Op. Cit., p. 310.

russo e uma produção cultural tão reconhecida quanto a francesa ou a italiana. A consequência do modelo nacionalista militarista seria o fim do próprio Império Alemão.

A Primeira Guerra Mundial costuma ser explicada tradicionalmente de uma maneira simplista: os Estados europeus imperialistas estavam divididos em dois blocos de alianças, a Tríplice Entente (França, Império Britânico e Império Russo) e a Tríplice Aliança (Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Império Turco, substituindo originalmente a Itália, que mudou de lado). No primeiro grupo, aqueles que tiraram maior vantagem da corrida colonialista do século XIX, e no segundo grupo, os que se unificaram tardiamente. O assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro por um nacionalista bósnio-sérvio seria o estopim para um conflito que já estava sendo previsto pelos governos europeus. A Entente detinha uma vantagem numérica de quarenta e dois milhões de soldados, enquanto a Tríplice Aliança tinha vinte e cinco milhões de combatentes, e embora a Entente tenha começado a guerra perdendo terreno para o inimigo, conseguiu recuperá-lo. A saída da Rússia da guerra foi substituída pelos Estados Unidos da América, a nova potência global. A guerra começou em 28 de julho de 1914 com a invasão austro-húngara da Sérvia e terminou em 11 de novembro de 1918 com a rendição da Alemanha, gerando a dissolução dos impérios que a causaram. O que há de mais profundo para além dessa crônica é a própria fundamentação da nação, do império e da guerra em sua essência no pensamento dos séculos XIX e XX. Citando o principal teórico da guerra da época, o prussiano Carl Von Clausewitz (1780 – 1831):

> Vemos, pois, que a guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas, uma realização destas por outros meios. O que se mantém sempre característico da guerra releva puramente da especificidade dos meios que ela põe em prática. A arte da guerra em geral, e a do comandante em cada caso específico, pode exigir que as tendências e as intenções da política não sejam incompatíveis com esses meios, exigência seguramente a não desprezar. Mas, por mais poderosamente que reaja, em certos casos, sobre as intenções políticas, isso terá de ser sempre considerado somente como uma modificação destas; pois

> que a intenção política é o fim, enquanto a guerra é o meio, e não se pode conceber o meio independente do fim.[86]

A guerra é o meio político pelo qual são formadas as nações e os impérios. Clausewitz se inspirou em Napoleão e Bismarck se inspirou em Clausewitz, assim como Guilherme II seguiu essa lógica na condução da política para deflagrar a guerra. Tanto a nação alemã, quanto o Império Alemão, quanto à autoridade do Kaiser estavam fundamentados na guerra. A guerra não apenas uniu a Alemanha, formou-a verdadeiramente, onde ela não existia. As vitórias militares uniram os alemães e criaram um Império, seguindo o modelo explicativo de Clausewitz (guerra como instrumento da política). O modelo seguido até então encontrou seu esgotamento, e não poderia ser diferente, numa derrota militar, ou numa não-vitória, uma vez que quando o Exército alemão se rendeu, suas tropas ainda se encontravam em solo francês, mas sem possibilidade de mobilidade. A máquina militar nacionalista e imperialista alemã havia sido detida, e a diplomacia não tinha como salvá-la, porque nunca havia sido a protagonista. A rendição na Primeira Guerra Mundial deixou uma marca profunda na mente e na realidade social dos alemães, sobretudo com o Tratado de Versalhes, que impunha pesadas penas à nação alemã por parte de França e Grã-Bretanha. O nacionalismo militarista e imperialista havia sido derrotado, mas não desaparecera, e causaria outra guerra.

I.3 – A era do nacionalismo liberal (1918 – 1933)

Os revoltosos de 1848 eram, em sua maioria, republicanos e liberais. Eles haviam fracassado em estabelecer uma Alemanha unida, liberal e republicana. A política prussiana criara um império monárquico e conservador, militarista e imperialista. A autodestruição do

[86] CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 27.

Império devido à rendição na Primeira Guerra Mundial abriu espaço para a proclamação da República Alemã, sob os escombros da estrutura imperial.

Apesar das pesadas perdas impostas pelo Tratado de Versalhes, os investimentos prometidos e positiva influência de uma nova era republicana criavam a sensação de que os ideais de 1848 seriam recuperados e aplicados. A bandeira imperial, que tinha as cores da Prússia (preto, branco e vermelho), além da Cruz de Ferro, foi substituída pelas cores da bandeira histórica (preto, vermelho e amarelo-ouro); o hino imperial, uma adaptação de *God Save the Queen* em versao alemã, versando "Deus salve o Kaiser", foi substituído pela composição de Joseph Haydn, com poesia de Heinrich Hoffman, que começava com o verso "Alemanha acima de tudo, acima de todo mundo"; o Exército foi reduzido em milhões, a Marinha e a Aeronáutica estavam sob estrito controle; o "vírus do militarismo", expressão usadas pelas forcas que combateram a Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Turquia) havia sido extirpado, e o novo inimigo seria o comunismo, vitorioso na Revolução Russa de 1917. As autoridades que governavam a chamada República de Weimar (capital do novo Estado), nome, aliás, utilizado por aqueles que depreciavam o regime republicano instaurado – monarquistas, comunistas e nacionalistas – não foram capazes de criar um nacionalismo liberal que ficasse à altura para substituir o nacionalismo militarista.

A referência a 1848 era longínqua e sem significado – ninguém no poder havia participado daquele movimento – e o sucesso do regime dependia de um acordo entre partidos antagônicos e do sucesso econômico, baseado nos investimentos do capital estrangeiro. O regime republicano permitiu que a esquerda e o centro fortalecessem sua influência política, em detrimento da direita. Nesse sentido, o nacionalismo perdia terreno para um liberalismo

nacional. Segundo Ernst Nolte, autor de *Die Weimarer Republik*, não era apenas o nacionalismo que estava desacreditado, mas o próprio sentimento nacional.[87]

A esquerda, cujos principais partidos, o SPD (Partido Social-democrata da Alemanha) e o KPD (Partido Comunista da Alemanha), defendiam uma postura antinacionalista, mas discordavam da via que levaria a um novo sistema – o primeiro era reformista e o segundo, revolucionário. A Liga Espartaquista, grupo armado comunista, buscaria na revolta de 1918-1919 conquistar o poder pelas armas, tal qual acontecera na Rússia um ano antes, embora sem sucesso desta vez. Os espartaquistas foram derrotados, presos e fuzilados. Os defensores do nacionalismo conseguiram recuperar algum prestígio, pois haviam participado da defesa do Estado e do governo social-democrata.

A direita se dividia entre monarquistas, defensores da volta do imperador, conservadores, preocupados com a defesa da ordem, notadamente militares veteranos como o general Hindenburg (que seria duas vezes eleito presidente) e radicais revolucionários – o caso dos nacional-socialistas. Os três defendiam o nacionalismo como forma única de unir o povo e garantir a grandeza do país, embora os monarquistas e conservadores adotassem uma postura moderada, enquanto que os nacional-socialistas eram contra o Tratado de Versalhes e propunham que uma Alemanha livre e forte dependia do fim dos adversários do nacionalismo.

O centro, dominado principalmente pelo Partido Católico, denominado *Zentrum*, seguia a linha da bula papal *Rerum Novarum*, que argumentava que tanto o capitalismo quanto o socialismo desumanizavam o ser humano, e que um novo sistema precisava ser gerado. O centro adotava uma postura nacionalista e internacionalista antiliberal, fixando-se em defender um conservadorismo sustentado numa ideia da Alemanha e da Europa tradicional, ou seja, defesa de valores vistos como notadamente germânicos, mas também universais – e

[87] NOLTE, Ernst: **Die Weimarer Republik**: Demokratie zwischen Lenin und Hitler. München: Herbig, 2006, p. 244.

principalmente religiosos, no caso, ligados ao Cristianismo e ao Catolicismo. O *Zentrum* foi o maior partido em número de membros do período de Weimar, porém sua política obteve pouco sucesso, uma vez que seu discurso atingia os católicos, mas pouco os protestantes.

A esquerda adotara uma postura entre o reformismo e a via revolucionária, impedindo ela mesma de formar um bloco unido; a direita moderada debatia-se entre o reacionarismo monárquico e o conservadorismo militar; e o centro sofria com a problemática religiosa. Os radicais revolucionários de direita – os nacional-socialistas – que nunca obtiveram seriedade por parte do grande público e deflagraram um golpe mal-coordenado em 1923, levando à cadeia seu líder, Adolf Hitler, e desmoralizando o próprio movimento. A quebra da Bolsa de Valores em Nova York e sua conseqüência no mundo capitalista abriu nova brecha aos radicais, da esquerda e da direita. A crise de 1929 afetou mais a Alemanha que qualquer outro país. A direita moderada e o centro resolveram formar um acordo com os nacional-socialistas e deram uma chance a Hitler de mostrar sua capacidade de governar. Assim, a ideologia vista como a responsável pelo desastre de 1914-1918 tinha nova oportunidade[88].

I.4 – A era do nacional-socialismo (1933 – 1945)

O primeiro problema que a sociologia e a historiografia se deparam ao estudar o período de 1933 a 1945 na Alemanha é a pergunta: o que significa o termo "nacional-socialismo"? Não há uma conceituação definitiva, eminentemente porque há a compreensão de que os próprios nazistas não queriam definir ideologicamente o termo, para poder torná-lo o mais abrangente possível e atraírem o maior número de adeptos vindos das mais diferentes realidades. O seu significado, ao fim, dependia do que cada indivíduo entendia, e por isso não tinha significado fixo nenhum. O melhor entendimento seria o de que, por falta de criatividade para criarem uma ideologia original, os nazistas se apropriaram de ideias difusas e, por vezes, contraditórias, misturadas de forma a apresentarem-se como algo novo ou como

[88] DANN, Otto. Op. Cit., p. 250.

a solução mais germânica – um exemplo seria a própria figura de Adolf Hitler, visto como o mais nacionalista dos alemães, embora fosse austríaco[89]. O nacional-socialismo poderia parecer um nacionalismo socialista, como era para Joseph Goebbels, tanto quanto um socialismo nacionalista, como era para Otto Strasser, e por isso mesmo o termo preferido por alguns autores é hitlerismo ou fascismo alemão, ou mesmo nazifascismo[90].

O problema da tentativa de comparação com outras ideologias da época tidas como "totalitárias" – o socialismo e o fascismo – reside no alto grau de diferenças e na relação, ora amistosa, ora conflituosa, entre essas. O nacional-socialismo não pode ser visto como socialista, por ser notadamente anticomunista, e nem mera consequência do fascismo italiano, português ou espanhol, por não serem estes, em sua origem, antissemitas radicais[91]. A relação entre os líderes nacionais de Alemanha, Itália e União Soviética também variava conforme a situação, sendo pacifista ou belicista, de acordo com o contexto do momento.

O "Programa de 25 Pontos", emitido em 1920, base de defesa dos princípios nazistas, ainda era da época em que o partido se chamava *Deutsche Arbeiterpartei* (Partido Alemão dos Trabalhadores). O programa defendia uma postura nacionalista, como a revogação do Tratado de Versalhes e a nacionalização de todas as empresas estrangeiras, além da formação de uma Grande Alemanha e expulsão de todos os estrangeiros[92], mas não apresentava nenhuma maneira de alcançar tal objetivo e aparentava ser uma mistura de propostas de outros partidos, principalmente as de um partido austríaco fundado em 1903, como o mesmo nome, *Deutsche Arbeiterpartei*, mas que em 1918 havia se legalizado e mudado de nome para *Deutsche Nationalsozialistische Arbeiterpartei* (Partido dos Trabalhadores Nacional-Socialista Alemão

[89] ALLEN, William Sheridan. The collapse of nationalism in Nazi Germany. In: BREUILLY, John. **The state of Germany**: the national idea in the making, unmaking and remaking of a modern nation-state. London: Longman, 1992, p. 141.
[90] DANN, Otto. Op. Cit., p. 285.
[91] Idem.
[92] Uma versao em inglês pode ser encontrada em (http://avalon.law.yale.edu/imt/nsdappro.asp). Consultado em 28.09.2013 às 15:00.

– com a sigla DNSAP). Esse partido defendia a criação de uma união entre Alemanha e Áustria para a formação da Grande Germânia, bem como o fim do feudalismo clerical remanescente, do capitalismo burguês, do socialismo ateu e a expulsão dos estrangeiros, notadamente os judeus. O DNSAP se dissolveu em 1933, meses após a tomada do poder na Alemanha pelo *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Partido dos Trabalhadores Alemão Nacional-Socialista – sigla NSDAP), nome adotado por Hitler desde 1921[93].

Na comparação do NSDAP alemão com o DNSAP austríaco estaria a chave para compreendermos o que realmente representava o nacional-socialismo: um nacionalismo germânico. O nacionalismo de 1848 era alemão, no sentido cultural; o nacionalismo de 1871 era alemão, no sentido político prussiano; o nacionalismo de 1933 é germânico, no sentido político e cultural. Hitler era austríaco, não prussiano e nem alemão, mas era germânico, no seu entendimento do termo, e era a identidade germânica, mais do que a identidade alemã, o que estava em questão. Esse tipo de ideologia podia ser fundamentado na própria ambiguidade da língua, uma vez que *Deutsch* pode significar alemão, teutônico ou germânico.

O nacionalismo germânico dos nazistas acabaria por, pouco a pouco, suplantar as outras expressões de nacionalismo correntes na Alemanha, como o representado pelos monarquistas e pelos militares. O germanismo carregava em si uma ambiguidade, sendo nacionalista e internacionalista, capitalista e socialista, apelando às elites e aos trabalhadores, tudo em prol do sacrifício em nome da Grande Germânia. A Alemanha iria voltar a ser uma *Reichsnation*, uma Nação-Império, através da criação de uma *Volksgemeinschaft* (comunidade do povo), termo largamente usado pelos nazistas para designar a superação da luta de classes e das diferenças regionais e ideológicas, marcantes no contexto alemão, em prol da união de todos em nome de um ideal nacional[94]. Não por menos, a partir de 1933, com o fim da democracia,

[93] SMELSER, Ronald. *Nazis without Hitler. The DNSAP and the first Czechoslovak Republic*. In: **East central Europe: eine wissenschaftliche Zeitschrift**. - Leiden : Brill 1.1974, p. 1 – 19.
[94] DANN, Otto. Op. Cit., p. 291.

o sistema governamental passa a ser chamado de Terceiro Reich, o terceiro império, fazendo referência ao Sacro Império Romano-Germânico e ao Império Alemão.

O nacional-socialismo era, assim, muito mais uma extensão, até as últimas consequências, da via nacionalista prussiana, do que uma versao alemã do fascismo. Os elementos encontrados no fascismo italiano, aliás, remontam muito mais ao estilo prussiano de política do que certa influência oposta. E, no caso alemão, fica claro a evolução do nacionalismo de uma concepção idealista para uma prussiana, de uma prussiana para uma nacional-imperialista, e desta para o que o historiador William Sheridan Allen considera sua última e pior perversão: o nacional-socialismo germânico[95].

O melhor exemplo do idealismo germânico no nacional-socialista seria a anexação dos Sudetos, região da antiga Tchecoslováquia habitada por maioria alemã, e de toda a Áustria. O plano original, criado pelo partido DNSAP austríaco, estava sendo seguido à risca pelo seu cognato alemão, o NSDAP, e assim o pangermanismo misturara-se ao nacionalismo alemão. A Segunda Guerra Mundial e a exterminação de minorias étnicas estavam previstas dentro do plano de expansão e criação da Grande Germânia, e seu resultado seria o fim desse projeto.

I.5 – A era do nacionalismo cívico (1945 – presente)

Em abril de 1945, o Terceiro Reich já estava em ruínas, bem como a nação alemã. Política, militar, econômica, social e moralmente. A maioria das cidades estava destruída, devastada por bombas, queimando em fogo. Milhões de refugiados e desabrigados buscavam mover-se para encontrar um lugar para ficar; conforme os Aliados avançavam para Berlim, o horror dos campos de concentração era revelado para além da compreensão e da imaginação humana. O colapso do nacional-socialismo foi acompanhado da dissolução do Estado alemão. Após a rendição incondicional em 8 de maio de 1945, o país foi ocupado pelas quatro

[95] ALLEN, William Sheridan. Idem, p. 145.

potências vitoriosas: União Soviética, Reino Unido, França e Estados Unidos da América. A organização tradicional do território alemão havia desaparecido, a derrota total foi o resultado da guerra total, e essa derrota foi muito pior do que a de 1918, porque, em 1918, estava circunscrita aos campos de batalha franceses, enquanto que, dessa vez, a Alemanha tornou-se o campo de batalha. Na visão do historiador Peter Alter, parecia que o fim da guerra era também o *finis Germaniae*[96].

Nove de maio de 1945 seria como o primeiro dia da nova Alemanha. A "hora zero", expressão utilizada para definir a nova situação do país após a catástrofe gerada, deveria representar o recomeço, mas um recomeço sem militarismo e sem nacionalismo, as duas ideologias culpadas pelos desastres causados nas duas guerras mundiais. A impressão que se tinha em relação ao impacto na mentalidade dos alemães, mais do que em qualquer outra área, sobre o nacionalismo, era o de que o amor exaltado à pátria, o desejo de se sacrificar em prol da nação, a vontade de criar um "país grande", levavam ao oposto – morte e destruição. Os valores germânicos e nacionais tradicionais – força, disciplina, ordem, espírito de luta, espírito de equipe – deveriam ser substituídos. Os alemães teriam que reaprender a serem alemães sem serem germânicos, para viverem na nova realidade.

Todavia, embora desacreditado, o nacionalismo, diferente do militarismo e do nacional-socialismo, não havia desaparecido. Em 1946, pesquisadores anglo-americanos fizeram um questionário em Hamburgo e outras cidades com a pergunta "Você acredita que o nacional-socialismo era uma má ideia em si ou era uma boa ideia que não foi bem conduzida?". 57% respondeu que acreditava que o nacional-socialismo era uma boa ideia, mas malconduzida; 28% afirmou que o nacional-socialismo era uma má ideia em si, e 15% não soube

[96] ALTER, Peter. Nationalism and German politics after 1945. In: BREUILLY, John. Op. Cit., p. 154

responder[97]. Mais importante do que o que estava sendo dito sobre o nacional-socialismo era o que as pessoas questionadas compreendiam da relação do nacional-socialismo com o nacionalismo. No fundo, elas acreditavam que o que foi malconduzido foi o desejo sincero do povo de fazer algo pelo nação, desejo este visto como a real definição de nacionalismo.

Como a pesquisa mostra, esse sentimento não havia desaparecido e durante os quatro anos de administração direta dos Aliados (1945-1949), a consciência nacional era vista como um perigo e deveria ser substituída pela consciência liberal (capitalista) ou pela socialista (soviética). O problema, entretanto, facilmente observável nesta questão, é pensar nas forças não como meramente políticas, mas, sobretudo, culturais. As quatro potências ocupantes representavam também suas culturas, e os alemães não queriam abdicar da cultura germânica para substituí-la pela americana, inglesa, francesa e russa, a despeito da influência que essas tinham e viriam a exercer. O nacionalismo alemão saiu do campo político, mas sobreviveu como resistência cultural do povo em face da dominação estrangeira. A divisão da Alemanha entre três potências capitalistas e uma socialista iria ter como consequência a divisão da nação em duas repúblicas, e esta fórmula parecia ser, na mente de estrangeiros e dos próprios alemães, a melhor solução para impedir o recrudescimento de um nacionalismo belicista[98].

Segundo o historiador Wolfgang Mommsen, após o fim da Segunda Guerra, era de comum crença entre os europeus de que o nacionalismo havia perdido o seu sentido de ser no continente. Se havia o desejo de construir uma Europa liberal, republicana e democrática, a consciência nacional, tal qual ela havia sido forjada, sobretudo na Alemanha, precisava ser

[97]MERRITT, A.J; MERRITT, R. L.. Public Opinion in Occupied Germany: 1945-1949, p. 103. In: Scheuch, Erwin K.,: **Wie deutsch sind die Deutschen?** : eine Nation wandelt ihr Gesicht / Erwin K. Scheuch. - Orig.-Ausg., 2. Aufl.. - Bergisch Gladbach : Lübbe, 1992, p. 186.

[98] ALTER, Peter. Idem, p. 156-157.

substituída por uma consciência transnacional européia. O nacionalismo havia encontrado seu fim[99]. Para o filósofo Karl Jaspers, não apenas o nacionalismo, mas o próprio Estado-Nação:

> A história do Estado-Nação alemão chegou ao seu fim, mas não a história do povo alemão. Nós, como uma grande nação podíamos realizar um último grande serviço à nós mesmos e ao mundo como um todo, convencendo nós mesmos e aos outros que sob as presentes circunstâncias mundiais, a ideia de Estado-Nação chegou aos seu destino fatal na Europa e também para todos os continentes. A ideia de Estado-Nação hoje é uma força todo-poderosa de destruição. Nós podíamos começar a cortar suas raízes para despojá-la de seu poder sobre o ser humano[100].

A visão de Jaspers não sairia vencedora, e a intelectualidade procuraria substituí-la por outra. Jürgen Habermas, o pensador alemão, notabilizou-se pela defesa de um patriotismo constitucional - usada pela primeira vez pelo cientista político Dolf Sternberger. O patriotismo constitucional alemão deveria significar uma superação do nacionalismo em favor de uma cultura política liberal.[101] Para Habermas:

> A cultura política de um país cristaliza-se em torno da constituição em vigor. Sobre a base dessa interpretação, um "patriotismo constitucional" pode ocupar o lugar de um nacionalismo original. A tendência a uma autocompreensão até certo ponto "pós-nacional" da coletividade política pode firmar-se mais fortemente na Alemanha Ocidental do que nos demais Estados europeus, já que sua situação peculiar privava-a claramente dos direitos de soberania mais essenciais.[102]

Para o autor, a solução dos problemas criados pelo Estado nacional e pelo nacionalismo estaria a partir de uma conscientização global das sociedades e dos indivíduos, que geraria uma superação da nação em prol do globo. Uma ordem mundial e uma ordem econômica global mais pacífica e mais justa não poderiam ser concebidas sem instituições internacionais

[99] MOMMSEN; Wolfgang. The Renaissance of the Nation-State and the Historians. In: LEHMANN, Hartmut, Op. Cit., p. 283.
[100] JASPERS, Karl. **Freiheit und Wiedervereinigung** : über Aufgaben deutscher Politik. München : Piper, 1960, p. 53 (tradução livre).
[101] BUNCHAFT, Maria Eugenia; MAIA, Antonio Carlos Cavalcanti. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO Departamento de Direito. **Reconstruíndo a idéia de nação: do nacionalismo ao patriotismo constitucional**. 2004, p. 28.
[102] HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 135-136.

capazes de agir, nem sem processos de conciliação entre os regimes continentais ora emergentes, nem tampouco sem políticas que provavelmente só poderiam ser impostas sob a pressão de uma sociedade civil capaz de transitar em esfera global. Isso já sugere a outra maneira de ler a questão, segundo a qual o Estado nacional teria sido antes "suprimido", e não extinguido. A essa noção das figuras capazes de agir em um plano supranacional e capazes de dar condições às Nações Unidas e as suas organizações regionais para que iniciem uma nova ordem mundial e uma nova ordem econômica global, restaria saber se uma formação democrática de opinião e vontade realmente poderia alcançar a força vinculativa necessária, mais além da fase de integração ligada ao Estado nacional.[103]

Todavia, se o que se busca é uma "nação de cidadãos", isto é, um regime onde a cidadania e o direito individual sejam respeitados acima dos desejos dos líderes do Estado ou da coletividade, então o que vai surgir não é uma mentalidade transnacional ou patriotismo constitucional, mas um nacionalismo cívico. A *Reichsnation* iria, lentamente, ao longo do pós-guerra, se transformar numa *Staatsbürgernation* (Nação de cidadãos do Estado), seguindo, de 1949 até 1989 a fórmula "uma nação, dois Estados", sociologicamente entendida como a divisão da *Kulturnation* durante esse período em duas *Staatsnation*. A partir de 1949, a questão nacional passaria a ser tratada como questão republicana, porque duas repúblicas haviam sido fundadas dentro do "destino histórico alemão": A *Bundesrepublik* (República Federal da Alemanha – ocidental e capitalista) e a *Deutsche Demokratische Republik* (República Democrática Alemã – oriental e socialista).

A diferença de ideologias e de sistemas representava também uma diferença de compreensão em relação, não apenas ao presente e ao futuro, mas preferencialmente em relação ao passado. Enquanto coube à Alemanha Ocidental arcar com a responsabilidade dos crimes cometidos pelo Terceiro Reich, pagar dívidas e indenizações às vítimas e atingidos

[103] Ibidem, p. 146.

pelo conflito, a Alemanha Oriental se apresentava como a "Alemanha da resistência", porque sindicalistas e socialistas foram perseguidos e resistiram aos nazistas. Todavia, a União Soviética desmantelou a indústria alemã que havia no lado oriental e levou-a para seu território, enquanto os Estados Unidos da América desenvolveram uma política econômica para a Europa conhecida como "Plano Marshall", com vastos investimentos para a recuperação industrial e comercial europeia, que só foi aplicada na parte ocidental porque a União Soviética impediu que os países orientais aceitassem. Também o nacionalismo no lado oriental era barrado. A União Soviética forçava uma visão internacionalista e a ideia de cooperação ao invés de autoafirmação dos povos. Se o nacionalismo do lado ocidental era desacreditado, mas havia resistido como sentimento, no lado oriental era tão desestimulado que era visto como algo proibido. O Ministro da Cultura da Alemanha Oriental Alexander Abusch, afirmou em sua publicação oficial sobre a história alemã:

> Muitos alemães descobriram o patriotismo, tardiamente e incorretamente, como uma forma extrema de supernacionalismo[104].

A afirmação expressa a visão que viria a ser adotada política, cultural e socialmente no lado oriental. O patriotismo e o nacionalismo seriam ideologias burguesas que buscam propagar um ideal exaltado, sem rumo e fora de controle. Não há espaço para patriotismos nem nacionalismos no socialismo. O nacionalismo é uma fase que deve ser suplantada pelo internacionalismo, assim como o capitalismo pelo socialismo.

As autoridades que estabeleceram a República Federal no lado ocidental pensavam em termos parecidos, mas liberais ao invés de socialistas. Também o nacionalismo aparentava haver desaparecido da política oficial. Theodor Heuss, presidente de 1949 a 1959, afirmou:

> Por doze anos estivemos no inferno da História. Por longo tempo nós estivemos no purgatório e na purificação. E agora, o Paraíso? Não, o Paraíso só existe em novelas utópicas. Nós devemos ficar felizes sem Paraíso,

[104] ALTER, Peter. Idem, p. 159.

> apenas voltando para uma vida livre normal. Devemos fazer isso em nome da democracia. Sobre a democracia, os alemães devem voltar e aprender do início a pronunciarem essa palavra[105].

O chanceler entre 1949 e 1961, Konrad Adenauer, fez, ao longo de seu mandato, declarações parecidas, caracterizando o nacionalismo como "o câncer da Europa", afirmando que "a maioria do povo alemão já superou essa fase", definindo a si mesmo como "pronunciado oponente do nacionalismo", procurando guiar a política alemã ocidental dentro de um ideal de integração com a Europa e fora da ideia de reunificação. "Uma Alemanha unida e nacionalista só traria inimigos e isolamento"[106].

A política e a propaganda oficial em ambos os Estados alemães desestimulava o nacionalismo, refletindo não apenas em discursos e novos valores, mas, sobretudo, em símbolos. As cores alemãs haviam desaparecido do cenário visual do cotidiano, não havia hino oficial e a bandeira não era vista senão em prédios oficiais. Apesar disso, no inconsciente coletivo, a simbologia permanecia e isso seria mais difícil de modificar do que atitudes de mentalidades individuais. Heuss era favorável à adoção de uma bandeira sem ser a tradicional tricolor preta, vermelha e ouro, de um novo hino, que descrevesse um novo projeto para o futuro. Adenauer apoiava essa ideia, mas sabia que ela era fraca e tinha pouco apoio.

Por fim, venceu no parlamento a vontade da maioria: a bandeira voltou a ser a tricolor tradicional de 1848. Sobre o hino, a disputa foi mais longa. Os Aliados haviam proibido a execução de hinos nazistas e nacionais; com a proclamação da República, a situação voltou a ser um problema nacional; em setembro de 1951 foi feita uma pesquisa de opinião: 73% dos entrevistados eram favoráveis à volta do hino tradicional, com 30% desses favoráveis à terceira estrofe e 25% favoráveis à primeira – para os 20% restantes, havia indiferença; o hino foi mesmo o escolhido originalmente pela República de Weimar, mas a primeira estrofe

[105] Idem.
[106] Ibidem, p. 164.

("Alemanha acima de tudo") foi cortada e a terceira foi adotada (que começa com "Unidade, Justiça e Liberdade")[107]. Esse seria o primeiro passo em direção, mesmo que inconscientemente, ao nacionalismo cívico.

Conforme aponta o historiador John Breuilly, intelectuais alemães, e menos compreensivelmente, intelectuais da Grã-Bretanha, constantemente escrevem sobre um suposto problema de identidade nacional na Alemanha. Mas o que a evidência histórica sugere, é que não há nenhum problema. A identidade nacional não se desenvolve como consequência da propaganda deliberada e política governamental, ou como um produto de historiadores e outras pessoas que traem sua vocação de cientistas sociais para se envolverem em criações de mitos. A identidade nacional se desenvolve em dois níveis - institucional e cultural. Institucionalmente se desenvolve por pessoas aprendendo os mesmos hábitos políticos - de voto, juntando-se em organizações, os tribunais, a polícia, pagar impostos. Culturalmente se desenvolve por meio da construção de uma cultura padrão nacional. A maioria dos alemães aprendeu isso rápido[108]. Nesse sentido, é possível afirmar que junto com as mutações da estrutura política, também os alemães souberam mudar, mas no inconsciente coletivo permaneceu a imaginação da Alemanha ideal, do qual eles nunca se desvincularam.

Para compreendermos melhor as continuidades e descontinuidades do nacionalismo no pós-guerra alemão, é necessário discutir de maneira mais aprofundada as duas repúblicas. Ambas buscaram fazer da nova identificação política e ideológica uma ferramenta para tentarem construir uma nova identidade nacional durante os quarenta anos de existência. Por identificação, entende-se a construção consciente de um pensamento ou preferência; por identidade, entende-se o sentimento inconsciente de pertencimento. Todavia, a identificação que os políticos ocidentais e orientais objetivaram fomentar para convencerem a população

[107] NOELLE, Elisabeth und NEUMANN, Erich Peter. Jahrbuch der öffentlichen Meinung 1947-1955. Allensbach 1956, 2. Durchgesehen Auflage, p. 159. In: SCHEUCh, Erwin K., Op. Cit., 159.

[108] BREUILLY, John. Conclusion: nationalism and German reunification. In: BREUILLY, John. Op. Cit., p. 236.

nunca se transformou em identidade, e neste ponto se encontra o motivo para a Queda do Muro de Berlim e o fim da Alemanha Oriental. A identidade nacional alemã nunca desapareceu, permaneceu no inconsciente coletivo e mostrou sua força em 1989.

I.5.a – A República Democrática Alemã

A Zona de Ocupação Soviética se transformou definitivamente em uma república separada em 7 de outubro de 1949, um ano após o Bloqueio de Berlim, quando as forças soviéticas impediram que Berlim Ocidental recebesse mantimentos por via terrestre, em represália à unificação das zonas capitalistas e à eleição, no início do ano, onde o Partido Comunista só recebeu votos maciços no lado oriental. A divisão da Alemanha parecia ser a solução para que uma Terceira Guerra Mundial não ocorresse e uma Alemanha forte reaparecesse. Aparentemente, a divisão entre um lado capitalista e outro socialista também resolveria o problema da divisão política interna dos alemães, entre direita e esquerda, conservadores e revolucionários, pró-Estados Unidos e pró-União Soviética.

A Alemanha Oriental seria a Alemanha de Karl Marx e Friedrich Engels, os pais do socialismo científico; de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, os revolucionários de 1918; de Tomas Müntzer, líder da Revolta Campesina contra os nobres e contra Lutero; seria o país da igualdade, dos trabalhadores e dos camponeses. O projeto de comunistas e social-democratas dissidentes, que em 1949, migraram da parte ocidental para a parte oriental, era criar a Alemanha dos progressistas, daqueles que defenderam uma sociedade sem classes e sem exploração, a Alemanha dos resistentes e dos explorados, finalmente no poder. A história alemã estaria ao lado do país da “democracia popular” e não do país da “democracia burguesa”. Havia, porém, uma questão geopolítica que estava muito além da vontade dos socialistas alemães e soviéticos, defensores da criação da República Democrática Alemã: era

o fato de que sendo a Alemanha um país que fica no centro da Europa, e isso já cria dificuldades por receber influência dos dois lados, a Alemanha Oriental era mais central ainda, sendo, ao mesmo tempo, membro do bloco comunista e ligada culturalmente a outra Alemanha.

A Alemanha Oriental nunca conseguiu superar a sua situação de ser o membro alemão do Bloco Comunista, isto é, estando sempre sob o controle da União Soviética, tendo que se relacionar economicamente com países eminentemente agrários como Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia e Bulgária, e ao mesmo tempo "competir" com a Alemanha Ocidental. Essa problemática foi visualisada com antecedência pelo Ministro das Relações Exteriores da União Soviética Wjatscheslav Molotov, que defendeu que uma Alemanha unida, mesmo que capitalista, era melhor do que uma Alemanha dividida, com uma parte, menor, menos industrializada e com menos recursos e mão-de-obra, sendo comunista. Sua proposta foi derrotada, mas não alterou a essência do problema que antevera: a Alemanha Oriental viria a ser o ponto onde os acontecimentos que levariam à derrocada do regime socialista na Europa Oriental se iniciariam.[109]

A tese de que a Alemanha socialista tinha uma contradição interna que acabaria por levar ao seu fim pode ser sustentada observando-se a própria política interna e externa. O partido que governava a República Democrática Alemã nao tinha como nome oficial, embora fosse, Partido Comunista, mas Partido da Unidade Socialista da Alemanha. O objetivo principal, de acordo com a ata de fundação, era trabalhar para a reunificação da Alemanha, sob o socialismo. A construção do socialismo e da reunificação tinham estreita relação, na visão dos orientais, e na Constituição de 1949 estava escrito: "A Alemanha é uma nação indivisível e só existe uma cidadania alemã". A bandeira levava as cores nacionais, adicionado o compasso, símbolo do planejamento e da inteligência e precisao científica, além

[109] BREUILLY, John. **Nationalismus und Moderner Staat**. Köln, SH: 1999, p. 266.

do novo hino, intitulado "Levantar das Ruínas", terminar com o verso "Deixe que nós te servimos bem, Alemanha, única pátria"[110]. O apelo à unidade era uma forma de dar ao povo algo que não apenas a ideologia socialista, mas um pouco de patriotismo também, e de identificação com o regime dentro da identidade nacional.

No dia 17 de junho de 1953, a população oriental demonstraria seu descontentamento com o regime socialista, visto como um mero fantoche manipulado pela União Soviética. Protestos pedindo mais liberdade e uma democracia real transformaram-se em revolta, fortemente reprimida pelo exército soviético de ocupação. Este acontecimento abalou a estrutura social do lado oriental, que até 1961, ano da construção do muro, perderia 3 milhões de cidadãos fugitivos para o lado ocidental.[111] Essas fugas demonstram que o Estado havia sido dividido em dois, mas a população mantinha-se unida em sua identidade, auxiliando os refugiados e acompanhando com atenção a situação política e social na parte alemã da Cortina de Ferro. Por esse motivo a avenida principal que ligava as duas Alemanhas, e que em 1961 foi dividida ao meio pelo Muro de Berlim, recebeu, no lado ocidental, o nome de Avenida 17 de Junho, em homenagem à revolta, nome que mantém até hoje. O socialismo até 1961 não havia suplantado o nacionalismo no sentimento dos alemães orientais. A construção do Muro de Berlim teria duas funções – impedir que mais alemães orientais fugissem e separar psicologicamente os alemães, finalizando com a ligação sentimental que permanecia entre eles, forçando a formação de uma identificação republicana distinta. Essa tentativa, como veremos, também viria a falhar. Na constituição de 1968 estava escrito que "a República Democrática Alemã é o Estado socialista da nação alemã e que a outra república era o lado imperialista, mas que ambas deveriam trabalhar juntas pela reunificação da Alemanha baseada na democracia e no socialismo."[112] Outra vez, assim como em 1949, a Carta Magna

[110] ALTMANN, Rüdiger. **Heimat und Nation; zur Geschichte und Identität der Deutschen**. Mainz, Hase & Koehler, 1984, 278.
[111] Ibidem, p. 280.
[112] Ibidem, p. 281.

fazia duas afirmações distintas ao mesmo tempo, ligando a RDA ao Bloco Socialista e à República Federal da Alemanha, mantendo sua contradição interna baseada numa ideia de "patriotismo socialista". Esse "patriotismo socialista" existia na União Soviética como forma de agregar dezoito repúblicas diferentes, mas não era solução para o fato de que haveria sempre uma relação assimétrica por causa da importância da Rússia.

Essa contradição tentaria ser corrigida em 1974, quando a afirmação foi trocada para "a República Democrática Alemã é o Estado de trabalhadores e camponeses", sem mais referência ao lado ocidental. A "germanidade" da Alemanha Oriental deveria ser reduzida até o possível, no tocante aquilo que poderia resultar numa influência cultural negativa da Alemanha Ocidental. O novo líder do partido, Erich Honecker, afirmou, quando da proclamação da nova Constituição, que "a República Federal da Alemanha é, para nós, como qualquer outro país, com um agravante; é um país imperialista"[113]. Porém, o nome do Partido se mantinha o mesmo, bem como do jornal oficial, "Nova Alemanha", e o termo "alemão" era largamente utilizado – quando a RDA enviou um astronauta em um ônibus espacial soviético, foi noticiado como sendo o primeiro alemão no espaço. Em 1983, Honecker, em pronunciamento oficial, afirmou: "Quando hoje em dia algumas pessoas no lado ocidental agem de certa maneira, como se acreditassem que a unificação já está no coração dos alemães, quero lhes dizer: cuidado! O socialismo baterá na porta de vocês um dia e nós sabemos como ele resolverá a questão"[114].

Em 1983, porém, a afirmação não poderia soar mais falsa. A Alemanha Oriental era, depois da União Soviética, o país com maior Produto Interno Bruto do Bloco Comunista, mas estava distante da Alemanha Ocidental, quarta economia mundial, e com um parque industrial e tecnológico que, diferente da RDA, constantemente se renovava e avançava. A economia da Alemanha Oriental, após a crise do petróleo dos anos 1970, já não respondia às expectativas

[113] Ibidem, p. 283.
[114] Ibidem, p. 284.

do socialismo planificado e do patriotismo socialista. Havia, por parte das gerações que nasceram após a fundação da república em 1949 uma maior identificação com o lado oriental do que daqueles que haviam sobrevivido à guerra, mas essa identificação não era suficiente para suplantar o fato de que o bem-estar dos alemães ocidentais era visivelmente maior. Por fim, ocorreu o oposto do que Honecker previra: o nacionalismo bateu à porta da RDA.

I.5.b – A República Federal da Alemanha

Em 1952, o líder da União Soviética, Josef Stalin, através de seu novo Ministro das Relações Exteriores, Andrei Gromyonko, enviou uma carta aos governos das três potências ocidentais que zelavam pela defesa da Alemanha Ocidental, propondo a reunificação. Esta seria baseada em oito pontos:

- restabelecimento de um único Estado na Alemanha;

- tratado de paz desse Estado com todos os países;

- todas as tropas abandonariam o território da Alemanha um ano após o tratado ser firmado;

- a Alemanha teria liberdade de voto, assembleia nacional e multipartidarismo;

- fim da desnazificação;

- a Alemanha seria um país neutro, sem alianças militares;

- a Alemanha participaria do mercado global;

- a Alemanha voltaria a ter Forças Armadas.

A reação do governo da Alemanha Ocidental, estabelecido desde 23 de maio de 1949, foi negativa. Para este, bem como para outros membros da política e da sociedade alemã

ocidental – o SPD (Partido Social-Democrata), a Igreja Católica, as empresas, os sindicatos e a imprensa – o objetivo de Stalin era criar uma Alemanha fraca política e economicamente, e possivelmente alvo de uma invasão soviética. O chanceler Konrad Adenauer preferia uma Alemanha dividida, mas com a garantia do lado ocidental receber ajuda financeira, militar, política e humana, do que uma Alemanha unida, mas sem ajuda e dependente de suas próprias forcas, depois de ter sido destruída pela Segunda Guerra Mundial. Para ele, não devia haver dúvidas: qualquer proposta que viesse do Bloco Comunista para desmantelar a República Federal da Alemanha era uma armadilha. A única solução possível deveria admitir que a Alemanha fosse um país que pertence ao Ocidente, e que deve continuar pertencendo, unida ou dividida, a este grupo cultural e geopolítico.[115] As potências ocidentais aliadas corroboraram a postura de Adenauer e a proposta soviética foi descartada como caminho possível para a nova unidade.

O desfecho desse acontecimento seria uma prova, como defende Gerhard Schweigler, autor de *National Consciousness in Divided Germany*, que desde 1949 existiria uma separação nas consciências dos alemães ocidentais e dos alemães orientais. A ideia de que haveria uma Alemanha, mas duas Repúblicas, isto é, a Alemanha seria uma *Kulturnation* dividida em duas *Staatsnation*, estaria desaparecendo, e agora cada República seria uma nação diferente. Tanto alemães ocidentais quanto alemães orientais teriam desenvolvido um modo de vida próprio, um sentimento próprio de conexão com cada uma das republicas, um novo patriotismo, ligado aos valores diversos defendidos pelos Estados capitalista e comunista. Um exemplo seria o fato de ambas as repúblicas tratarem uma a outra como território estrangeiro e de não haver, por parte da população alemã, em geral, de ambos os lados, nenhum compromisso ou movimento voltado para a reunificação imediata, via pacífica ou militar. Para Schweigler, os alemães ocidentais e orientais já haviam aceitado a existência

[115] DITTMAN, Knud. **Adenauer und die deutsche wiedervereinigung**. Düsseldorf: Droste, 1981.

de sua contraparte como sendo "estrangeiros" e adotado a sua própria república como a nova terra natal – a Alemanha, unida, haveria desaparecido para sempre, de mentes e corações[116]

Essa visão, todavia, também é problemática. Se por um lado, os alemães não mostravam um apego maior à ideia de uma nova Alemanha unida, por outro lado eles também não mostravam um compromisso especial com suas repúblicas separadas. Havia uma predisposição dos alemães ocidentais à viverem num sistema democrático e capitalista e a adequação dos alemães orientais à vida mais simples numa ditadura socialista.

Para Abraham Ashkenasi, os alemães passaram a ver com aversão qualquer forma de autoritarismo, não sendo, agora, mais ou menos nacionalistas do que qualquer outro povo.[117] Para Dieter Bürse e Jürgen Börr, a razão esta no fato de que as novas repúblicas eram por demasiado "materialistas, burguesas\comunistas, prosaicas e burocráticas\tecnocráticas". Haveria uma falta do sentimento de nação, e logo, de identidade nacional e nacionalismo[118]. O motivo seria a visão, por parte da maioria dos alemães, de que, embora a reunificação estivesse longe de ocorrer - ambas as repúblicas se apresentavam como sendo "a verdadeira Alemanha" e aquela que encontraria o único caminho possível para a reunificação - ela aconteceria cedo ou tarde, fazendo da RFA e da RDA algo claramente provisório.[119]

Dois pontos, raramente levados em consideração por autores, devem aqui ser lembrados, a título de esclarecimento da situação: havia uma grande parte da população alemã com família dos dois lados da chamada "Cortina de Ferro" e as televisões e rádios captavam o sinal de ambos os lados. Isso significa afirmar que o contato não só não acabou, como era forte. As emissoras de televisão e rádio ocidentais e orientais competiam entre si, como forma

[116] SCHWEIGLER, Gerhard. **National Consciousness in Divided Germany**. London: Sage, 1975, p. 175.
[117] ASHKENASI, Abraham. **Modern German Nationalism**. Cambridge: Schenkman, 1976, p. 87
[118] BUSE, Dieter; DÖRR, Jürgen. **German Nationalism** – A Bibliographical Approach. London: Garland: 1985, 171.
[119] BREDOW. Wilfred. **Deutschland – ein Provisorium?**. Berlin: Siedler, 1985.

de obterem maior influência, além de jornais e revistas, que sempre utilizavam o termo "alemão" para definirem a si próprios.

Enfim, havia por parte dos Estados uma competição para demonstrar qual deles representava melhor a real Alemanha, enquanto que, por parte do povo, a ligação entre as duas havia, no fundo, permanecido. Conforme afirmou o chanceler Willy Brandt, sucessor de Konrad Adenauer, uma nação se fundamenta no duradouro sentimento de pertencimento de um povo, e nesse sentido, a Alemanha durará tanto tempo quanto possível.[120] As autoridades haviam dividido a Alemanha derrotada na Segunda Guerra Mundial em duas, mas ela havia permanecido unida como sentimento de pertencimento.

A história da República Federal da Alemanha pode ser assim categorizada:

Era Adenauer (1949 – 1963) [sucessores: Ludwig Ehrard (1963 – 1965) e Karl Kiesinger (1966 – 1969)]	Democracia Cristã Unida (CDU), União Social Crista (CSU) e Partido Democrático Livre (FDP)	Valores institucionais: liberalismo, ocidentalismo, democracia, Alemanha dividida e sem relações
Era Willy Brandt (1969 – 1974) [sucessor: Helmut Schmidt (1974 – 1982)]	Partido Social-democrata (SPD) e Partido Democrático Livre (FDP)	Valores institucionais: orientalismo, democracia, bem-estar social, Alemanha dividida, mas com relações
Era Helmut Kohl (1982 – 1998)	Democracia Crista Unida (CDU), União Social Crista (CSU) e Partido Democrático Livre (FDP)	Valores institucionais: neoliberalismo, globalização, democracia, Alemanha unida

[120] **Bericht der Bundesregierung über die Lage der Nation im gespaltenen Deutschland**. Bonn: Bundesministerium für Innerdeutsche Betiehungen, 1970, p. 5.

Ocorreu um movimento, ao longo do decorrer político da história da Alemanha Ocidental, de cada vez mais se aproximar da Alemanha Oriental, e aproximar os alemães orientais dela. Os refugiados do lado oriental sempre foram tratados como cidadãos alemães com igualdade de direitos, bem como as tentativas de fuga sempre receberam, por parte do lado ocidental, apoio aberto. A avenida principal de Berlim Ocidental recebeu o nome de 17 de Junho, em homenagem à revolta dos cidadãos orientais em 1953, reprimida pelos soviéticos. Essas ações demonstravam um sentimento baseado na reconstrução da identidade nacional e serviram para construir um nacionalismo cívico, relacionado à cidadania.

Em quatro momentos diferentes, o Instituto de Demoscopia de Allensbach buscou examinar igualmente o grau de ligação dos alemães com seu símbolo maior, a bandeira, assim como uma pesquisa feita durante a Copa do Mundo de 2006. O resultado foi:

Pergunta: Quando visualiza a bandeira com as cores nacionais, sente alguma alegria (%)?[121]

	1951	1961	1977	1990	2006
SIM	23	46	47	56	62
NÃO	33	22	30	3	1
NADA	44	32	23	41	37

Esse gráfico mostra claramente o aumento de um sentimento nacional e patriótico. Essa é uma das razões para que as estatísticas do Instituto de Demoscopia, órgão responsável por pesquisas de opinião na Alemanha Ocidental, sempre mostrem um sentimento comum. Em

[121] 1951, 1961, 1977: Instituto de Demoscopia em Allensbach
1990: IPOS, Mannheim, p. 74.
2006: Fröhlicher Patriotismus – Impulse eines Sommermärchens, p. 11
In: Scheuch, Erwin K.. Wie deutsch sind die Deutschen? : eine Nation wandelt ihr Gesicht, 1992, p. 194

pesquisa feita em 1967, 51% dos alemães ocidentais respondeu que acreditava que havia apenas uma Alemanha.[122] Em 1970, 69% respondeu que, se encontrasse um alemão oriental de férias em outro país, o consideraria um conterrâneo.[123] Em 1959, 59% se disse contente com o fato de haver uma única equipe olímpica, unindo as duas Alemanhas, em 1956 e 1960. Em 1965, quando foi anunciado que seriam duas a partir da próxima Olimpíada, 50% dos opinados se disse triste com a tomada de decisão por parte do governo da Alemanha Oriental.[124] A ideia de uma Alemanha dividida em dois Estados também estava presente quando questionados sobre qual nome oficial deveria ter uma Alemanha reunificada: em 1974, 63% respondeu "apenas Alemanha" e em 1990, ano da reunificação, 65% deram a mesma resposta. O Estado nacional, entre 1945 e 1990, havia sido suprimido, mas o sentimento e a consciência nacional sobreviveram adotando novas formas de existência.

A República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã foram construídas como sendo a antítese do Terceiro Reich – a primeira, em sua versão liberal, e a segunda, em sua versão socialista. Tendo sido o nacionalismo o principal movimento político e ideológico do Império Alemão (1871 – 1918) e do Terceiro Reich (1933 – 1945), era necessário, para ambas, que o nacionalismo – assim como o socialismo, para a primeira, e a "democracia burguês-fascista", para a segunda – fosse tido como o principal responsável pelos males causados à humanidade nas últimas décadas. O problema do nacionalismo, diferente do socialismo ou do fascismo, é o fato de que ele não é apenas um movimento político e ideológico; ele é igualmente fomentado como se fosse um sentimento. O primeiro tipo de nacionalismo decorre de sua utilização como instrumento institucional (partido político, governo, Estado), enquanto que o segundo é o resultado de uma formação cultural de união ou formação de uma nação cujo fundamento está na solidariedade entre as pessoas tidas como

[122] SCHWEIGLER, Ibidem, p. 171
[123] Ibidem, p. 174.
[124] Ibidem, p. 180.

iguais. Ou seja, enquanto que sua primeira "forma" atingiria as "mentes", a segunda atingiria aos "corações", na base da solidariedade entre os cidadãos convencidos da ideia de nação.

Nesse sentido, compreende-se o fato de que há nacionalismos que existem antes da nação ser criada, e nacionalismos que existem a partir da criação de uma nação. O caso alemão encontra-se no primeiro conceito – o nacionalismo criou a nação, dando-lhe legitimidade institucional. Assim, a destruição do Estado nacional após o colapso do Terceiro Reich não encerrou a existência, a história ou o desenvolvimento do nacionalismo na Alemanha. O nacionalismo perdeu seu caráter institucional, mas se manteve como sentimento, compartilhado por cidadãos de ambos os lados da fronteira, e que sofreu um crescimento desde os anos 1950 até a reunificação em 1990. Foi um movimento de cunho nacionalista que seria o responsável pela queda do Muro de Berlim e pelo fim da República Democrática Alemã. Os alemães orientais tinham como lema *Wir sind das Volk* (Nós somos o povo), como forma de dizer às autoridades que eles, e não o governo, eram os verdadeiros representantes do país. Após a queda do Muro, o lema mudou para *Wir sind ein Volk* (Nós somos um povo), lema de cunho nacionalista, representando o desejo de reunificar a Alemanha. O nacionalismo foi o sentimento cultural motor da reunificação, ato que as autoridades da República Federal da Alemanha entenderam como sendo um desejo do povo acima dos interesses ideológicos dos dois Estados. É possível afirmar, assim, que as autoridades concluíram o que os cidadãos iniciaram, dentro de seu sonho de verem sua terra natal, compreendida como toda a *Kulturnation* da Alemanha, novamente um único Estado nacional. A comunidade imaginada da Alemanha permanecera na mente dos alemães, e entre 1989-1990, ela seria recriada, como manifestação da identidade nacional.

Para a historiadora Mary Fulbrook, a nação é dotada de legado e destino[125], e essas características foram marcantes no caso da Alemanha dividida. Enquanto a Alemanha

[125] FULBROOK; Mary. German National Identity after the Holocaust. Cambridge: Polity Press, 1992, p. 232-240.

Oriental negou o legado nazista e adotava o destino conjunto à União Soviética, Europa Oriental e mundo socialista, a Alemanha Ocidental aceitou o legado desde o Sacro Império Romano-Germânico até o fim do Terceiro Reich, e o destino unido aos Estados Unidos, Europa Ocidental e mundo capitalista. A identidade histórica favorecia o lado ocidental.

O nacionalismo cívico que foi, ano após ano, lentamente sendo reconstruído, manteve seu ritmo de desenvolvimento no pós-unificação. As dificuldades sociais e econômicas que existiam na antiga Alemanha Oriental impediram uma aproximação maior de alemães ocidentais e orientais, apesar dos investimentos e das políticas especialmente criadas para melhorar a integração entre os dois sistemas antagônicos. Duas práticas sempre uniram os alemães no pós-1945 e se mantiveram no pós-1990: a cultura e o esporte. A Alemanha sempre foi celebrada como a terra de músicos, poetas, filósofos e cientistas, sempre estando entre os maiores ganhadores de prêmios Nobel e com destaque igualmente no teatro e cinema. A influência cultural sempre foi motivo de orgulho e união entre os alemães. Igualmente o esporte, em especial o futebol, aumentou sua importância no cotidiano e na vida social. O nacionalismo cívico apoiou-se na estabilidade social, no crescimento econômico, na política democrática, na tradição cultural e no sucesso esportivo. Ele tornou-se o sentimento resultado da reconstrução da identidade nacional de modo cidadão. O futebol passou a ter fundamental importância nessa nova realidade, tal como um substituto do campo de batalha pelo de jogo. No próximo capítulo, iremos explorar a ligação entre futebol e nacionalismo na Alemanha nas Copas do Mundo de futebol de 1954, 1974, 1990 e 2006.

CAPÍTULO III – O NACIONALISMO ALEMÃO E AS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL DE 1954, 1974, 1990 E 2006

Neste capítulo iremos discutir a expressão do nacionalismo alemão antes, durante e depois da realização pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) das Copas do Mundo de Futebol de 1954, na Suíça, de 1974, na Alemanha Ocidental, em 1990, na Itália e em 2006, na Alemanha. Essas competições foram escolhidas porque a seleção alemã sagrou-se campeã em três delas (1954, 1974 e 1990) e a Alemanha sediou duas vezes o torneio (1974, ainda dividida, e 2006, já reunificada). Nesse sentido, é possível com a análise desses acontecimentos observar nosso problema em quatro casos diferentes (diferentes épocas e circunstâncias), possibilitando a criação de uma visão geral sobre a transformação do fenômeno em questão num espaço de tempo de cinquenta e dois anos. Nossa intenção é mostrar que a autoestima nacional do povo alemão precisou ser reconstruída após a Segunda Guerra Mundial com base no apoio do simbolismo de união e vitória que a seleção de futebol representava.

É importante frisar esta última afirmação. Embora já discutido em capítulo anterior, é válido lembrar, rapidamente, a importância do futebol e da seleção nacional no conjunto dos símbolos alemães do pós-Segunda Guerra Mundial. O militarismo e o nacionalismo haviam sido derrotados em 1945. A prática esportiva, todavia, embora também fomentada pelo regime nazista, passou incólume sobre as ruínas do Terceiro Reich, porque é dotada de um caráter universalista, internacional. Naturalmente, as tropas ocupantes da Alemanha derrotada – Estados Unidos da América, França, Reino Unido e União Soviética – permitiam que seus soldados e que os cidadãos alemães praticassem esportes, apesar da Alemanha ter sido suspensa de competições internacionais até 1952. O esporte (o futebol, particularmente) e a seleção eram as possibilidades permitidas aos alemães para o exercício do sentimento de grupo.

Segundo o sociólogo Richard Giulianotti, no ambiente da Alemanha unificada, o apoio à seleção nacional reflete sentimentos opostos de identificação nacional. Por um lado, há os "turistas do futebol" que prestam atenção à seleção nacional logo que ela vence. Esses torcedores refletem, segundo o autor, o patriotismo constitucional que prevaleceria na Alemanha. Inversamente, os torcedores "dedicados" têm uma associação mais afetiva com o time nacional. Refletem uma forma de identidade alemã enraizada na "integração social ou moral", e que é mantida, se o time (ou a economia) vence, perde ou empata.[126]

O cultivo do nacionalismo, proibido pelos países ocupantes e pelos governos das duas Alemanhas, bem como da Alemanha reunificada, sofreu certo tipo de metamorfose e passou a existir como exaltação do orgulho nacional, do pertencimento à nação ou da reconstrução da auto-estima da sociedade, bem como identificação com a pátria e com um imaginado jeito de ser alemão. Essas ações são necessárias para que um grupo social mantenha-se unido e que os indivíduos pertencentes a ele se identifiquem. A ideia de uma consciência nacional é abstrata quando percebemos que ela foi imaginada ao longo de um processo histórico, com conflitos e contradições, mas se torna real no dia a dia, quando o indivíduo é sujeito a decidir como agir, quais padrões aceitar, que comportamento ter no cotidiano do lugar onde vive. Apoiar a seleção pode ser visto tanto negativamente por aqueles contrários a qualquer atitude que se assemelhe ao velho nacionalismo de guerra, quanto positivamente por aqueles que consideram o sentimento nacional algo absolutamente necessário para a construção de uma nação onde os indivíduos estão mais conectados entre si. Essa diferença deve ser vista como os dois extremos que existem, a partir de posições opostas, e que buscaremos mostrar que a maioria dos torcedores encontra-se no meio dessas duas opiniões.

Dessa forma, também nosso trabalho recorre às publicações jornalísticas como fonte primária, para analisar esses eventos enquanto estavam acontecendo, optando por dois jornais

[126] GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol.** São Paulo: Nova Alexandria, 1999, p. 50.

tidos como os principais e mais representativos da mentalidade alemã: o jornal BILD, um jornal ao estilo popular, que busca ser vendável utilizando uma linguagem "de rua" e próxima "do povo"; e o jornal Frankfurter Allgemeine Zeitung (FAZ), um jornal com estilo "acadêmico", mais vendável para o grupo dos "intelectuais", visto como melhor balizado por conter opiniões de pessoas com alta formação ou posição profissional. A formatação desses dois jornais é inclusive diametralmente oposta: enquanto o BILD é um tabloide e valoriza as imagens com pequenos textos – inclusive o significado da palavra "bild" é "imagem" -, o FAZ segue o estilo tradicional com longas reportagens e poucas fotos, essas, na maioria das vezes, centralizadas e que destacam a pessoa ou as pessoas que seja(m) a(s) protagonista(s) do assunto.

Ambos os jornais foram criados em 1949, ano da fundação da República Federal da Alemanha, defendendo vertentes políticas e, naturalmente, visões de mundo opostas. Enquanto o BILD defende uma postura do "cidadão comum" (conservadora, patriótica, pragmática, familiar), o FAZ postula a conduta do "cidadão formado" (liberal, cosmopolita, intelectual, individual). O BILD é o jornal da classe média-baixa e o FAZ da classe média-alta. Esses dois jornais simbolizam bem a divisão que existe entre o povo alemão, entre as pessoas que obtiveram o acesso à universidade e têm melhor formação acadêmica, e aqueles que seguiram escolas técnicas/profissionalizantes, ou nem mesmo isso, seguindo como comerciantes ou livre-trabalhadores formados autonomamente. Todos os outros jornais seguem o modelo padronizado por esses dois escolhidos. Numa sociedade alemã dividida formalmente em dois campos, os dois jornais exprimem a realidade alemã melhor do que qualquer outro instrumento.

III. 1 – A Copa do Mundo de 1954

A realização da Copa do Mundo de Futebol havia sido paralisada, após 1938, por causa da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sendo as edições de 1942 e 1946 suspensas. A FIFA votou pelo Brasil para o evento de 1950, por ser um país sul-americano (em 1938 havia sido um europeu, a França), onde o futebol era bastante popular e que participara da guerra ao lado dos Aliados. Para esse evento, Alemanha e Itália estavam suspensas. Em 1954, o rodízio continental voltou ao continente europeu e, como este ainda se reconstruía da destruição causada pelo conflito armado contra os países do Eixo, foi escolhido um país que permaneceu neutro durante toda a guerra e onde se encontra a sede da FIFA: a Suíça. Alemanha e Itália puderam retornar à competição. Só a Alemanha Ocidental enviou uma seleção que competiu nas eliminatórias e se classificou. A Alemanha Oriental não tinha federação organizada. Ela passaria a ter após a Copa do Mundo de 1954, por causa da vitória inesperada de seus vizinhos alemães ocidentais.

A Alemanha Ocidental passava, nessa época, por um período conhecido como "milagre econômico".[127] Enquanto, na Alemanha Oriental, a planificação ainda não surtia os efeitos esperados; no lado ocidental, os investimentos externos, sobretudo norte-americanos, além do governo de centro-direita da democracia cristã, que valorizavam a criação de um Estado de Bem-Estar Social competitivo, permitiam que a nação se reconstruísse rapidamente. Em 1954, os alemães de classe média podiam desfrutar de todos os bens e serviços que seus vizinhos franceses e britânicos tinham ao seu dispor. A fórmula do sucesso era tida como sendo uma soma de investimento, administração e disciplina. Fórmula que deveria ser repetida no campo esportivo.

[127] PLANTHOLT, Lars. *„Tor für Deutschland!"- Westdeutscher Nationalismus/ Patriotismus im Kontext der Fußballweltmeisterschaften 1954 und 1974.* Berlin: GRIN Verlag, 2005, p. 55.

Em 1949, os alemães ocidentais voltaram a organizar campeonatos de futebol entre clubes, participando das Olimpíadas de 1952, inclusive, com uma seleção mista de jogadores ocidentais e orientais. A preparação para o campeonato mundial de 1954, todavia, não foi vista como algo especial. Nas eliminatórias, os alemães tiveram um caminho fácil: jogaram contra a Noruega (empate de 1 a 1 em Oslo e vitória de 5 a 1 em Hamburgo) e contra o protetorado de Sarre, que hoje faz parte da Alemanha, mas que na época ainda iria votar num plebiscito seu futuro francês ou alemão (vitórias de 3 a 1 e 3 a 0). O campeonato nacional foi paralisado duas semanas antes do início da Copa, para os jogadores se reunirem e o técnico Sepp Herberger, que havia treinado a seleção em 1938, poder definir táticas, estratégias, aprimorar o preparo físico e viajar para o país-sede vizinho. O principal jogador, o capitão e centroavante Fritz Walter também tinha ligações com o nazismo: ele havia lutado como soldado no final da guerra. O passado parecia ainda presente na nova Alemanha. A seleção simbolizava, de alguma forma, a volta do povo alemão ao cenário competitivo internacional. Mas os próprios alemães viam sua seleção com uma "outsider" na Copa do Mundo[128].

Dezesseis seleções nacionais foram qualificadas para participar desta edição do campeonato, sendo onze delas europeias (Suíça, Hungria, Áustria, Inglaterra, Alemanha Ocidental, Iugoslávia, França, Itália, Tchecoslováquia, Bélgica e Escócia), três americanas (México, Brasil e Uruguai) e duas asiáticas (Turquia e Coreia do Sul). Os favoritos para ganhar o torneio eram os húngaros. Até mesmo no Estádio de Wembley os "magiares maravilhosos", como eram apelidados pela imprensa, haviam derrotado os ingleses, que nunca haviam perdido no estádio. Os húngaros conquistaram a medalha de ouro e iriam jogar contra os alemães na primeira fase, no grupo que também continha Turquia e Coreia do Sul.

A chamada "WM-Fieber" (de "Fussball-Weltmeisterschaft Fieber", ou "Febre da Copa do Mundo") não apareceu antes do início oficial dos jogos em 16 de junho, isso é relatado

[128] Ibid., p. 56.

pela imprensa e visto como normal.[129] O FAZ elogiou a "postura reservada dos alemães em todos os depoimentos sobre a Copa" e afirmou que "nos quarteirões dos estrangeiros, a animação alcança, às vezes, um alto nível temperamental".[130] O jornal BILD afirmou que esse desinteresse inicial deveria ser visto como "o silêncio antes da tempestade".[131] A cobertura jornalística esportiva, na grande maioria dos artigos, irá focar na análise factual do jogo, com raros comentários sobre assuntos periféricos à disputa futebolística em si – caso do nacionalismo, por exemplo. Esse debate sobre a relação do torcer com o sentir orgulho nacional irá aparecer em escassos comentários, que buscaremos destacar ao longo das reportagens sobre as partidas, e se tornará mais aberta após a vitória da seleção alemã na competição, suscitando duas posturas diferentes.

A Alemanha derrotou a Turquia, seu primeiro adversário, em 18 de junho, pelo placar de 4 a 1. Esse primeiro jogo não obteve um grande impacto nas publicações por ter sido, como descreveu o BILD, "uma vitória sem maiores lesões" que serviu para demonstrar o "espírito de luta do time nacional".[132] Essa última expressão irá se transformar no jargão mais utilizado pela publicação, como forma de mostrar sua postura ideológica para a sociedade, usando o futebol. O FAZ também irá tecer, logo na análise do primeiro jogo, comentário sobre a postura que ele acredita ser a melhor para a sociedade em geral e igualmente em relação ao futebol: "O comportamento dos espectadores alemães não deu nenhum motivo para qualquer tipo de reprimenda".[133]

O segundo jogo foi contra a Hungria, em 20 de junho, e o resultado foi 8 a 3 para os húngaros. A imprensa considerava a derrota esperada, embora a diferença de placar fosse

[129] FAZ, 15.6.1954, p. 4.
[130] Idem.
[131] BILD, 14.6.1954, p. 3.
[132] BILD, 19.6.1954, p. 3.
[133] FAZ, 19.6.1954, p. 4

muito larga. Todas as análises se limitaram à partida, como por exemplo, o jornal BILD que afirmou ser esse tipo de resultado "uma rotina para os magiares"[134] e o FAZ que "a partida poderia ter terminado até em empate, se ao final do primeiro tempo, quando estava só 3 a 1 para os húngaros, o time tivesse feito as mudanças corretas".[135]

A Turquia também havia perdido para a Hungria, mas derrotara a Coreia do Sul por placar expressivo (7 a 0). A FIFA acabaria por eliminar a Coreia do Sul e decidir por um jogo extra Alemanha contra Turquia, novamente, para decidir quem ficaria com o segundo lugar. A Alemanha ganhou de 7 a 2, no dia 23 de junho. O jornal BILD, nessa edição, tornou mais clara sua tentativa de identificar os jogadores como parte do povo, usando repetidamente as expressões "nossas estrelas do futebol", "nossos onze", "nosso time", "nossos jovens", enquanto que o FAZ buscava manter uma distância entre desportistas e público. A passagem para a segunda fase não seria tomada de maiores entusiasmos, mas a partir das quartas de final, o ânimo aumentaria, pouco a pouco, devido aos sucessos inesperados da seleção alemã.

A Iugoslávia foi o adversário da Alemanha em 27 de junho e o próprio treinador alemão Sepp Herberger havia afirmado que seria "mais fácil vencer a seleção brasileira, com seus talentos individuais, do que a fechadura coletiva dos iugoslavos".[136] O resultado, apesar do temor, foi positivo: 2 a 0. O motivo, segundo o tabloide foi uma união de "grande camaradagem, disciplina soldadesca e liberdade individual"[137], indicando, novamente, o tipo de funcionamento social que o BILD defendia.

Para completar a declaração, na busca de comparar o encaminhamento no torneio com o processo de reconstrução do país e com o "espírito de luta" do alemão, o jornal concluiu sua

[134] BILD, 21.6.1954, p. 1.
[135] FAZ, 21.6..1954, p. 8.
[136] BILD, 22.6.1954, p. 1.
[137] BILD, 28.6.1954, p. 3.

reportagem com a fala atribuída a algum torcedor não-alemão que se encontrava no estádio e após a vitória teria dito:

> "Eu não queria acreditar que a Alemanha se encontra na indústria e em outras áreas novamente na primeira posição do mundo. Depois desse sucesso no futebol, eu acredito".[138]

O FAZ buscou reforçar sua visão de sociedade e de esporte baseados na busca por um incessante desempenho produtivo e ascese com uma frase do capitão Fritz Walter após a vitória:

> "Tem-se que dormir bem, ter um apetite abençoado e ainda há muito para nós à frente".[139]

A vitória contra a Iugoslávia iria abrir cada vez mais a distância de visões entre as duas publicações jornalísticas mais importantes do país, porque elas representam as duas visões dominantes na sociedade alemã: a favor e contra o orgulho nacional. O bom desempenho que o selecionado teve na segunda fase começou a despertar nos alemães que acompanhavam os jogos a expressão do sentimento nacional desestimulado. Enquanto o BILD apoiava essa atitude, o FAZ via com ressalvas tal postura apaixonada.

No dia 30 de junho ocorreu a semifinal com a Áustria, um dos países com maior rivalidade com a Alemanha. Hitler era austríaco, mas realizou sua carreira política e militar na Alemanha, anexando sua terra natal em 1936. Os austríacos mantinham, entretanto, um posicionamento muito mais nacionalista, uma vez que, por também falarem alemão, precisavam reforçar a diferença cultural no esporte, por exemplo.

O BILD, no dia do jogo, chamou o confronto de "o grande concerto da Copa: valsa vienense contra marcha militar alemã".[140] A imprensa, da mesma forma que contra a

[138] BILD, 29.6.1954, p. 3.
[139] FAZ, 29.6.1954, p. 5.

Iugoslávia, apostava num jogo difícil e dava o favoritismo ao adversário. A impressão é a de que o público assim igualmente pensava. Todavia, o jogo foi uma surpresa agradável para os "outsiders" alemães: 6 a 1. Em nenhum momento, o placar positivo foi ameaçado pelos austríacos. Até o FAZ se entusiasmou com a goleada e ironizou os torcedores austríacos no estádio: "até os austríacos não-nacionalistas se tornam os piores chauvinistas, quando se trata de futebol".[141] E elogiou os atletas de seu país: "foi uma luta dura contra os artistas do futebol austríaco. Camaradagem e vontade são exemplares e fundamentos do nosso sucesso. Esses jovens podem se inspirar para ainda mais um ideal. O ideal é lutar pela imagem do esporte alemão".[142] O BILD, para além da análise elogiosa da partida em si, anotou que considerava o resultado o "milagre da Basileia",[143] cidade suíça onde ocorreu o jogo. Esse termo iria se repetir, com adaptações, após a final.

A final da Copa do Mundo de 1954 ocorreu em Berna, a capital, no dia 4 de julho. A Hungria, time amplamente favorito, havia passado por Brasil e Uruguai nas quartas-de-final e semifinal, respectivamente, vencendo ambos por 4 a 2. O time magiar era amplamente favorito contra os teutônicos, abrindo o placar e aumentando para 2 a 0 já aos 8 minutos do primeiro tempo. A partida parecia estar encaminhada, conforme o planejamento húngaro e expectativa geral, mas a Alemanha diminuiu e empatou antes do intervalo. No segundo tempo, aos trinta e nove minutos, Helmut Rahn fez o gol do título dos alemães. A partir daí, a questão do orgulho nacional reapareceu de vez no debate da sociedade alemã. O entusiasmo da vitória inesperada surpreenderia até a mídia.

O primeiro momento inesperado foi a narração de rádio emocionada feita pelo repórter Herbert Zimmermann, da principal estação de rádio nacional alemã, a Nordwestdeutsche Rundfunk, que, contrariando o modo germânico tradicional de transmissão, apoiou

[140] BILD, 30.6.1954, p. 3.
[141] FAZ, 2.7.1954, p. 5.
[142] Idem.
[143] BILD, 1.7.1954, p.1.

apaixonadamente o time, passando aos ouvintes a emoção da partida. Ele chamou o acontecimento de "milagre do futebol".[144] Essa narração é fundamental porque poucos tinham acesso à televisão, e a maioria ouviu pelo rádio e pela transmissão em cadeia nacional dessa emissora. Seu grito de gol, quando Otto Rahn fez o terceiro tento, e a comemoração pelo apito final são repetidamente citados como acontecimentos inerentes à memória da vitória.[145]

O segundo momento inesperado foi a execução do hino nacional alemão. Em 1952, o governo havia, por pressão do Estado francês e apoio dos ocupantes americanos e britânicos, proibido a cantoria das duas primeiras estrofes do hino. A terceira estrofe foi liberada, mas ainda não era conhecida, porque não havia execução pública do novo com a nova letra e nas Olimpíadas as duas repúblicas alemãs competiram juntas sob uma bandeira alemã olímpica, tendo a Nona Sinfonia de Beethoven como hino olímpico. O público no estádio, bem como em outras partes da Alemanha, na hora da execução in loco da música nacional, cantou a primeira estrofe, justamente aquela que afirmava "Alemanha acima de tudo, acima de todo mundo", e que causara a irritação das autoridades francesas. Os jogadores ficaram em silêncio, mas é possível, ao ouvir a transmissão original do rádio disponível na internet, escutar o público cantando a estrofe proibida. Isso irá causar um profundo desconforto para os críticos do nacionalismo e do sentimento nacional, e as críticas irão aparecer nas publicações contrárias à utilização do esporte como expressão de um orgulho nacional exagerado.

O terceiro momento inesperado foi a alegria enérgica por parte dos cidadãos alemães dentro do país, que se manifestaram entusiasticamente com o resultado positivo. A imprensa conseguiu de alguma forma relatar essa energia e a situação nova em que estavam imersos, embora, obviamente, apenas parcialmente, uma vez que os textos são recortes da realidade e demonstram apenas aquilo que os jornalistas querem transmitir, sem contar que nunca é

[144] é possível ouvir a narração do jogo na internet: https://www.youtube.com/watch?v=JGOOSVEs-8g (consultado em 5 de outubro de 2014 às 18:42)
[145] PLANTHOLT, Lars. Op. Cit., p. 75.

possível enxergar todos os desdobramentos de um acontecimento tendo em vista apenas o panorama geral. O BILD apoiou a atitude pró-comemoração afirmando que "esse é o maior triunfo do esporte alemão desde o fim da guerra"; "a batalha de Berna mostra a unidade companheira dos onze alemães. Ninguém abaixou a cabeça, continuaram lutando"; "Em todos os lugares onde os alemães se reuniam para conversar, eles perguntavam: De onde você vem, homem do campo? De Hamburgo? Eu venho de Nuremberg. Não importa, nós somos campeões do mundo!"[146] A animação era tamanha que o jornal esperava "um carnaval à brasileira" quando os jogadores voltassem.[147] A notícia que melhor representa a mensagem política que o tabloide queria passar apareceu na página de esportes dois dias após o feito:

> Porque ele cantarolou o hino da Alemanha: Um sargento de polícia de 24 anos da Alemanha Oriental fugiu na segunda-feira e pediu asilo político. De acordo com sua declaração, ele tinha escutado a final do Campeonato Mundial de Futebol com três companheiros, numa transmissão de uma rádio da Alemanha Ocidental e cantou o hino na hora da cerimônia de premiação. Neste momento, os quatro foram surpreendidos por um tenente da "Polícia do Povo", que lhes deu voz de prisão. O sargento é o único que conseguiu, ainda de uniforme, escapar com sucesso.[148]

Foi dada voz ao responsável por dirigir o futebol alemão, um entusiasta da pátria:

> O presidente da Associação Alemã de Futebol, Dr. Peco Bauwens, fez um pequeno discurso: "O futebol alemão não carrega um nacionalismo exagerado. Mas todos nós temos um amor à pátria e, baseado nesse sentimento, estou muito satisfeito que nossa equipe tenha contribuído desta forma para a reputação pacífica da Alemanha no mundo. Se outras nações podem se jubilar com as suas bandeiras, então não é aceitável que ao nosso povo seja proibido levar a nossa bandeira alemã com orgulho? Não podemos aceitar! Nossa equipe pagou o que devíamos! E mesmo sem bandeiras, nos

[146] BILD, 5.7.1954, p. 1.
[147] BILD, 5.7.1954, p. 4.
[148] BILD, 6.7.1954, p. 4.

> as levaremos no coração e mostraremos aos meninos o que um alemão saudável, que é fiel ao seu país, pode conquistar".[149]

Ao final do relato esportivo, a publicação iria usar novamente a expressão "milagre" para sintetizar a emoção com o fato: "Esse foi o milagre de Berna. O milagre da camaradagem e da unidade fechada".[150] A posição do FAZ é a oposta e bastante crítica, porque enxergava nesse comportamento entusiasmado uma expressão do velho nacionalismo:

> Uma multidão passou a comemorar a vitória e transformou a conquista da Copa do Mundo num acontecimento nacional, como que sob o lema: "Duas Guerras Mundiais nós perdemos, mas dessa vez, ganhamos.[151]

> Os delegados da União Britânica das Linhas de Trem falaram na terça-feira, em sua convenção anual, contra o rearmamento alemão. Apenas dois dos 77 delegados votaram por uma contribuição à defesa alemã, enquanto alguns delegados se abstiveram de votar. Durante o debate, alguns delegados tiveram ataques muito afiados dirigidas contra a Alemanha. O rearmamento da Alemanha não impediria a guerra, mas a causaria. Um dos delegados disse que tinha a crença de que os alemães eram a raça mais desumana na Terra. "Você não pode confiar neles. Só precisa do jogo de futebol no domingo passado para olhar. Esqueceram os alemães de cantar: Alemanha acima de todos? Não esqueceram, nunca esquecerão, e o militarismo alemão estará sempre em marcha, quando você der uma chance a ele".[152]

> Os alemães não sabem se controlar? (...) A vitória do time de futebol alemão é uma negativa influência do campo dos esportes no clima severo da política. (...) Era possível ler em jornais estrangeiros que os alemães não tinham apenas cantado a primeira estrofe do hino, mas também a música "Horst Wessel" (do partido nazista). O esporte deve ficar longe da política e a política do esporte. A vítima da canção e seus ecos discordantes é um time valente, que certamente não estava pensando em motivos políticos, quando eles se tornaram campeões do mundo no futebol, na Suíça.[153]

> O Presidente Theodor Heuss recebeu os campeões e aproveitou para salientar a separação do Esporte da Política: "Alguns afirmam que bons chutes também significam boa política. Não precisa ser assim".[154]

[149] BILD, 7.7.1954, p. 5.
[150] BILD, 6.7.1954, p. 4.
[151] FAZ, 6.7.1954, p. 2.
[152] FAZ, 7.7.1954, p. 1.
[153] FAZ, 16.7.1954, p. 4.
[154] FAZ, 19.7.1954, p. 8.

> Carta de leitor: O fato de que os onze de Herberger (treinador) viraram inesperadamente objetos de ovação *pseudocult* mostra com clareza quase assustadora o quanto o valor de consciência das massas ainda corre neste lado do "ponto zero". Depois que os valores de culto, que haviam sido considerados "trono e altar", no sentido de serem sagrados, foram transferidos para o secular "líder de seita", hoje o triunfo do "Rei Futebol" e seus doze apóstolos é, provavelmente, a última etapa de um monstruoso esvaziamento. O "futebol", o nada potencializado, usurpou o "Sanctissimum" e as sensibilidades associados do povo! Uma análise dos eventos esportivos no rádio e na imprensa em termos *pseudocults* faz com que este fato fique muito claro. Também devemos salientar as responsabilidades especiais da seleção do repórter esportivo. Um repórter de esportes não pode ser, nem profeta, nem um pregador de um novo ídolo, sofrendo ou apenas balbuciando a alma coletiva, em que já se sente outra vez "Alemanha contra resto do mundo" (Zimmermann). Em minha opinião, nem sempre é verdade "vox populi, vox Dei". Karl Berethold[155]

> Carta de leitores em resposta ao escrito por Karl Berethold[156]:
>
> Finalmente alguém falou contra o surto chocante da "alma alemã" ligada à vitória no futebol. Quando será que nós alemães iremos aprender com os nossos erros nacionais e seguir uma linha de centro pacífica? Hans Gruber
>
> Eu nada sei de futebol. Mas fiquei muito contente com o sucesso de nossa seleção. Nós ficamos e estamos orgulhosos destes esportistas alemães! Gerd Vielhaber

É de se observar o problema político gerado, não pela vitória em si, mas pela reação à ela por parte dos torcedores alemães. BILD e FAZ exteriorizam posições distintas numa sociedade dividida em pró ou contra um sentimento nacional. Para aqueles que enxergam a nação como o lugar natural onde se nasce, ter orgulho é sentir-se parte do grupo de iguais. Para os que entendem que a nação é uma criação política, o campo político não pode ser transferido para as quatro linhas do gramado de futebol. Duas posições para duas formas de pensar que comumente são consequências das polaridades estruturais da sociedade alemã dos anos 1950: sem formação acadêmica/com formação acadêmica, patriotismo/cosmopolitismo.

Numa nação que fora derrotada duas vezes em guerras que ela causou e dividida em dois Estados, vencer uma competição internacional sobre o favorito era mais do que o

[155] FAZ, 12.6.1954, p. 4.
[156] FAZ, 17.6.1954, p. 4.

imaginado e dava aos cidadãos o catalisador para expressarem o orgulho perdido. Nesse sentido a revista DER SPIEGEL, citada aqui apenas como exemplo de publicação que, embora quase sempre distante do noticiário esportivo, buscou um meio termo crítico, porém consciente do sentimento do povo, escrevendo no editorial:

> Em toda a Europa, ecoou para milhares de ouvintes de rádio e por televisores o efeito imediato que teve a vitória. Faltou apenas alguém gritar 'Sieg Heil!' para toda a atmosfera dos Jogos Olímpicos de 1936 ser recriada. Os alemães cantavam, "Alemanha, Alemanha acima de tudo". E parecia que a vitória superou aquilo que falhou de 1940 a 1945. É como se os alemães, após cento e vinte anos de aberração histórica, tivessem subitamente descoberto um sentido promissor e a verdadeira determinação de sua existência nacional. [157]

E dando voz à carta de um leitor:

> O jogo da nossa seleção e o canto do hino nacional, que se pode ouvir em qualquer lugar, inclusive na parte Oriental, demonstra mais crença na Reunificação do que qualquer discurso de qualquer político.[158]

Que se deve concluir da relação entre nacionalismo e futebol na Copa de 1954? Em relação à forma como a mídia relata a ação dos jogadores ao longo do torneio e à reação dos torcedores com a vitória, fica clara a influência da Segunda Guerra Mundial, do discurso militarista e do problema da ligação com a nação após a segunda derrota e os crimes cometidos ao longo do conflito. A imprensa utilizou, ao longo de quase todas as coberturas das partidas, um discurso que lembrava a caserna: espírito de luta, camaradagem, união fechada, unidade. Era como se a competição fosse ainda uma luta numa disputa por poder ou prestígio internacional. As metáforas militares funcionavam como um discurso de motivação para, possivelmente, lembrar como a sociedade era ou deveria ser organizada, e como o esporte catalisava isso.

Para o FAZ – e a Der Spiegel -, bem como para todos os cosmopolitas e a elite intelectual do país, era muito grave a atitude da calorosa reação aos jogadores como se isso

[157] DER SPIEGEL, 14.7.1954, p. 21.
[158] DER SPIEGEL, 25.8.1954, p. 38.

fosse uma vitória política, vista como uma postura descompromissada tanto com o passado quanto com os novos rumos que a Alemanha liberal e democrática deveria tomar. O futebol virara o "rei" das massas, que haviam seguido um *Kaiser* e um *Führer* ao abismo. A política precisava ficar longe do esporte e vice-versa. Por outro lado, para o BILD, esse entusiasmo com o futebol era positivo e deveria ser apoiado, pois mostrava que os alemães tinham orgulho de sua pátria, apesar dos erros dos governos. O troféu representaria a consagração da volta da Alemanha ao cenário internacional. Mas como um novo integrante livre a mais. Conforme escrito num editorial do tabloide:

> Enquanto este "come-back" [da Alemanha ao cenário político internacional] não é tão visível como o sucesso do nosso trabalho, o desempenho da nossa economia, o título dos nossos desportistas, devemos nos conter no campo político. O "campeonato do mundo político" ainda deve ter os outros em primeiro lugar. Este seria um "come-back" que nada traria além de problemas e tristeza.[159]

Aqui é necessário elencar algumas informações pertinentes, relativas ao fenômeno debatido, no que se refere ao entorno do evento, ou seja, coisas que aconteceram na periferia da discussão, porém demonstram claramente o impacto relevante do acontecimento. Um deles, apesar da pouca informação sobre o assunto, é a recepção do resultado na Alemanha Oriental. No BILD e no FAZ foram citados alguns textos dos jornais oficiais comunistas. O FAZ citou o tabloide *Junge Welt* (Mundo Jovem):

> Um grande sucesso do futebol da Alemanha Ocidental, sim, podemos também vê-lo como o maior sucesso alemão na história do esporte. Nós felicitamos os muitos simpatizantes e desejamos que os jogadores de futebol da Alemanha Ocidental continuem com todo o sucesso.[160]

Enquanto o BILD preferiu citar o *Neues Deutschland* (Nova Alemanha), órgão oficial do Partido pela Reunificação Socialista da Alemanha, que governava a Alemanha Oriental e

[159] BILD, 6.7.1954, p. 2.
[160] FAZ, 6.7.1954, p. 4.

teria proferido uma crítica ao pretenso uso político que alguns estavam fazendo do campeonato:

> A vitória do time de futebol da Alemanha Ocidental está sendo usada, para o mundo inteiro ver, de forma a expressar as reais intenções de alguns. Essas intenções culminam numa nova guerra imperialista, que naturalmente não irá terminar de outra forma que não na destruição de ambos os lados. A vitória no futebol deve fortalecer a posição chauvinista e acelerar a realização do plano de Adenauer.[161]

O jornal estaria defendendo aqui a ideia de que a vitória no futebol aumentaria ou seria usada para aumentar a aprovação do governo do chanceler Konrad Adenauer, favorável a uma reunificação alemã com ligação com o Ocidente. Esse aumento da aprovação do governo não ocorreu, não só porque os torcedores conseguiam diferenciar muito bem futebol de política, como porque Adenauer não gostava do esporte e não fez uso dos "louros da vitória" enquanto permaneceu no poder.

A conquista da taça sofreria um processo de mitificação, como costuma ocorrer com qualquer outro acontecimento de grande impacto no imaginário de uma organização humana em larga escala, de tal forma que, quarenta e oito anos depois, dois comentários chamaram a atenção para a importância dada ao evento pela imaginação nacional. O motivo foi a decisão do governo suíço, em 2002, de demolir o Estádio de Wankdorf, onde ocorrera a final. O primeiro a se pronunciar foi o chanceler da Alemanha reunificada, Gerhard Schröder:

> Existem lugares e construções onde a História de uma terra passa a ter um significado e cujo simbolismo permanece sobre as gerações vindouras. Nós, alemães, ligamos nossa História a certos lugares, e o Estádio de Wankdorf pertence a eles. Quando agora o estádio for posto abaixo, essa construção irá desaparecer como um prolongamento dos fatos que ali aconteceram. Mas na memória dos alemães terá o Estádio de Wankdorf sempre o seu lugar guardado.[162]

O segundo a se manifestar foi Joachim Fest, jornalista, historiador, escritor e editor do FAZ na época:

[161] BILD, 6.7.1954, p. 1.
[162] BRÄNDLE, Fabian; KOLLER, Christian. **Goooal!!! Kultur- und Sozialgeschichte des modernen Fussballs**. Zurique: Orell Füssli. 2002, p. 162.

> Os alemães se sentiram novamente reabilitados e recolocados no círculo das nações, o que até então não estava claro. A partida foi como uma forma de libertação dos alemães de tudo e de todos, e do que ainda restava sobre eles, como certa vez me disse um amigo: a República Federal da Alemanha teve três pais-fundadores; politicamente, foi Adenauer; economicamente, foi Erhard (Ministro da Economia de Adenauer) e, mentalmente, foi Fritz Walter. Nas nossas consciências, apesar da contrariedade oficial, foi no dia 4 de julho de 1954 a data de fundação da República Federal.[163]

Haver vencido a Copa do Mundo de 1954 havia se tornado mais do que um feito esportivo, era agora "lembrado" como um feito histórico, tal qual uma vitória militar sobre um exército invasor ou o começo de uma nova era na história do país.

Que se pode concluir dos acontecimentos relativos à Copa do Mundo de 1954? Duas linhas de conclusão aparecem bem claras, uma em relação à divisão da sociedade alemã e outra em relação à autoestima dos cidadãos nove anos após o fim do Terceiro Reich. Graças aos investimentos externos, sobretudo norte-americanos, e à política de organização do trabalho e dos trabalhadores por parte do governo democrata-cristão, de forma disciplinada e metódica, a Alemanha Ocidental passava por um momento descrito como um "milagre econômico" – crescimento financeiro rápido com distribuição de renda que garantia a reconstrução da qualidade de vida em todos os níveis, conforme na época antes da guerra de 1939. Os alemães ocidentais estavam reconstruindo também sua autoestima junto com casas, indústrias, fábricas, escolas, hospitais. Mas a reconstrução política é mais difícil do que a econômica, porque não é física e nem é realizada conjuntamente, como numa obra, mas separadamente, por indivíduos que se ligam ideologicamente.

A Copa do Mundo catalisou o sentimento patriótico que havia sido reprimido durante os dez anos anteriores, para aqueles que sentiam uma ligação com a Alemanha imaginada historicamente, e não com os regimes políticos que se sucederam ao longo do tempo. Apoiar a seleção não era uma forma de apoiar o sistema político, mas de se mostrar membro daquela comunidade idealizada. Isso estava claro, porque em nenhum momento houve qualquer

[163] FAZ, 18.6.2002.

menção por parte dos torcedores ao governo democrata-cristão, ao período nazista ou a qualquer outro momento histórico. Ao contrário, a ideia parecia ser, justamente, a superação do trauma de guerra e fim da imagem do nazismo, que ainda assombrava a nova democracia alemã. Embora o treinador Sepp Herberger tivesse treinado a seleção durante o domínio hitlerista e o capitão Fritz Walter houvesse servido como soldado, a vitória não era uma revanche da Alemanha nazista, mas significaria a criação da "nova" Alemanha ou a volta da Alemanha "de sempre".

O ponto de divergência entre os dois grupos sociais – patriotas e cosmopolitas – que dividiam a sociedade alemã nos anos 1950, era o nacionalismo como motor da reconstrução da autoestima nacional, e não a reconstrução em si. Os cosmopolitas acreditavam que o nacionalismo era o culpado pelas duas guerras mundiais deflagradas pelos alemães e por isso deveria ser combatido como atitude política ou social. Os patriotas enxergavam no nacionalismo um sentimento limpo e puro que nada tinha de negativo em si, não sendo o responsável pelos desastres bélicos anteriores, mas sendo apenas um reflexo do orgulho de se sentir parte de um grupo nacional. Enquanto, por um lado, os cosmopolitas buscavam eliminar as manifestações de caráter patriótico, os cultos aos símbolos nacionais, e queriam submergir a cultura alemã dentro de uma cultura europeia ou global, propondo a mudança do hino nacional ou a supressão de sua cantoria, por exemplo, os patriotas acreditavam que a livre atitude individual de ser um defensor do amor à nação, como no caso do apoio à seleção durante a Copa do Mundo, era um ato digno, não sendo nem negativo, nem mesmo menos nacionalista do que ir à guerra.

O futebol e a Copa do Mundo não eram o substituto da guerra, mas representavam o novo sentido do nacionalismo. A Alemanha havia mudado de aparência, os alemães haviam mudado de regime político e o nacionalismo havia mudado de manifestação. A história alemã mostra a necessidade de se adotar conceitos flexíveis para a compreensão da realidade,

porque, entre 1871 e 1954, nenhum outro agrupamento humano havia sofrido tantas mudanças tão radicais em tão pouco tempo.

Ocorreu uma flexibilização do nacionalismo no esporte, particularmente no futebol, por ser o mais popular dos jogos. Numa relação em que um influencia o outro, o futebol era um espaço livre para os nacionalistas, e os nacionalistas auxiliavam a dar um sentido maior às competições futebolísticas internacionais.

A identidade de um povo ou atribuída a uma nação é uma construção contínua e passa por momentos de reconstrução e reforma. Mitos e símbolos são criados como necessários para que um grupo social se identifique. A mitificação de acontecimentos coletivos é a forma de existir um simbolismo histórico que influencie as gerações de forma a mantê-las unidas, convergentes ou cooperativas entre si. A vitória na Copa do Mundo de 1954 passou por esse processo porque, historicamente, representava um "ponto de mudança" para os alemães que estavam procurando por um. Era um fim e um começo na mente dos cidadãos que precisavam psicologicamente disso para melhorar sua autoestima, terem uma alegria coletiva e melhorarem a imagem nacional.

A atmosfera social da Alemanha Ocidental dos anos 1950 era a de um país derrotado, destruído e dividido, tanto material quanto mentalmente, que em pouco tempo havia se reconstruído e que precisava de um acontecimento para mostrar que o "milagre econômico" era o substrato para o sucesso nacional em outros campos. No campo político, científico e cultural a Alemanha já não era mais campeã, pois sua influência decaíra muito. O campo esportivo havia sido explorado pelos nazistas com sucesso nas Olimpíadas de 1936. No campo de futebol, onde até então a Alemanha nada havia ganhado, aconteceu o "milagre" da reconstrução identitária popular. A taça poderia representar para os "patriotas" o fim de uma década de culpa, sofrimento e vergonha – culpa por terem iniciado duas guerras e causado tanta tragédia, sofrimento por terem que passar pelas dificuldades e humilhações impostas aos países invadidos e vergonha de serem alemães e terem que aceitar uma posição de subjugação

no cenário internacional. A libertação dessa triste realidade precisava aparecer claramente para os que sentiam necessidade dela em algum momento, e foi em 4 de julho de 1954. A alegria da vitória inesperada foi igualmente o motor para os torcedores se desculparem coletivamente e pensarem "nós estamos de volta".

III. 2 – A Copa do Mundo de 1974

A realidade europeia e alemã, no meio da década de 1970, era bem diferente vinte anos antes. Se, em 1954, a Alemanha ainda estava saindo, material e mentalmente, dos escombros da Segunda Guerra Mundial, a geração de jovens agora já era formada por pessoas nascidas após o conflito. 1945 não era mais o ano fundamental, mas 1968, quando jovens franceses universitários começaram manifestações gerando um movimento de rebeldia que levou outros jovens, em outros países, a também mostrarem seu inconformismo com a situação.

Na Alemanha, isso estava muito claro. O modo de vida dos anos 1950, em ambos os lados da fronteira (ocidental e oriental) ainda era consequência do estereótipo do alemão e do militar: disciplina ferrenha, senso de comunidade, obediência à autoridade, controle estatal forte na vida dos cidadãos, família tradicional centrada no pai, jovens com cabelos curtos. No fim dos anos 1960, isso tudo parecia haver ruído ou mudado, ao menos para a juventude, a geração nascida no pós-guerra.

A própria análise de filmes dos anos 1950 e 1970 mostra uma curiosa discrepância: enquanto na primeira década as imagens são preto e branco, na segunda já são usadas imagens coloridas. A mudança de aparência mostra uma mudança de mentalidade e comportamento. Os cabelos longos substituem os cabelos curtos, roupas desenhadas com precisão por alfaiates dão lugar ao mercado consumidor que vende roupas leves e largas, a formação tradicional da família é posta em xeque por jovens de esquerda que se opõe a toda e qualquer autoridade e

por jovens que desejam aproveitar a vida com o dinheiro que ganham. As comunidades vão sendo engolidas por uma sociedade do espetáculo de massas, popularizada pela televisão, já presente em todos os lares. A lógica da velocidade substituía a da tranquilidade.

Esses efeitos apareceram, obviamente, também na política e no futebol, inclusive na Copa do Mundo. No cenário internacional, a Guerra Fria passava por um momento de distensão, numa busca de coexistência pacífica e aproximação dos campos opostos. O futuro da política mundial parecia ser a aceitação de que o mundo permaneceria dividido em dois blocos – capitalista e comunista – por muitas décadas ainda. Na relação entre a Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental, o momento também era de distensão, mas com competitividade. Na Alemanha Oriental, em 1953, ocorrera uma revolta de trabalhadores, sufocada por tanques soviéticos (isso também ocorreria, em 1956, na Hungria e, em 1968, na Tchecoslováquia). Desde então, o partido se fortalecera, a ponto de, em 1961, ter decidido construir um muro que separava Berlim Oriental de Berlim Ocidental, para impedir que um maior número de trabalhadores orientais fugisse para o lado capitalista. Os comunistas alemães detinham a melhor produtividade no Leste Europeu (excetuando a União Soviética), mas produziam muito menos do que os alemães ocidentais, novamente exportadores de tecnologia de alto desenvolvimento. O "milagre econômico" dos anos 1950 havia passado no lado ocidental, mas colocara a República Federal da Alemanha novamente no topo econômico do mundo, embora sem o mesmo capital político que França e Grã-Bretanha. Na política interna, o governo mudara de direção: a democracia cristã que governou de 1949 até 1969 havia sido derrotada pela social-democracia, mais afeita ao modo pós-1968 de agir. Essa mudança gerou uma aproximação maior dos dois Estados alemães, bem como visitas do chanceler ocidental aos países da "Cortina de Ferro". Enquanto o modo das décadas anteriores parecia ser o da "competição de inimigos", agora a maneira de ser expressada numa "competição de adversários", tal qual existe no esporte. Em 1972, Munique sediou as

Olimpíadas, recebendo uma delegação oriental. O evento ficou lembrado pelo incidente do assassinato de atletas judeus por terroristas palestinos.

A Copa do Mundo havia percorrido um bom espaço nesse tempo de vinte anos desde 1954, assim como o futebol da Alemanha Ocidental. Em 1958, a FIFA decidiu repetir o continente europeu como sede, pois não encontrava na América do Sul nenhum país com estrutura suficiente para a dimensão da competição, passando à Suécia, que também não se envolvera na guerra, a responsabilidade de organizar o evento. Em 1962, o Chile concorreu como representante sul-americano e ganhou, embora tivesse que construir tudo, de estádios a estradas. 1966 foi ano em que a FIFA cedeu à pressão inglesa de serem os inventores das regras do jogo, mas nunca terem sediado um evento, e entregou à Inglaterra o dever de tornar possível a primeira Copa do Mundo em solo bretão. Quatro anos depois, voltando ao rodízio, o México ganhou a eleição de 1970.

Nesses torneios "pós-Milagre de Berna", dois outros "milagres" haviam acontecido: a Inglaterra ganhara sua Copa em 1966, e o Brasil vencera três disputas, em 1958, 1962 e 1970. Os pais do futebol e o país do futebol ganharam as taças do período entre vitórias alemães. Pelé, considerado como o maior jogador de todos os tempos aparecera em 1958, e em 1970, estava em sua última Copa, ajudando o Brasil a ganhar a Taça Jules Rimet e ficar com ela como possuidor para sempre. A televisão superara o rádio como veículo de comunicação mais utilizado para acompanhar as partidas, vistas agora com sinal em cores. Esses fatos poderiam fazer da Copa do Mundo de 1970 a mais importante de todas, mas, levando em conta a maneira do esporte ser jogado dentro de campo e ser organizado fora dele, a de 1974 superou-a graças a holandeses e alemães.

A Alemanha Ocidental havia sido escolhida pelo comitê da FIFA, graças ao seu desenvolvimento financeiro, esportivo e à infraestrutura. As Olimpíadas haviam dado uma boa imagem de excelência em organização alemã, apesar do trágico incidente político. O

comitê nacional buscava fazer um evento internacional sem arroubos patrióticos, para que não houvesse qualquer problema. Era a lógica dos anos 1970.

Se durante os Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, algo curioso já havia ocorrido – ter que receber e competir contra a Alemanha Oriental -, no dia do sorteio, ambos os lados da fronteira tiveram uma surpresa: no grupo A caíram os nomes dos dois Estados alemães, República Federal da Alemanha e República Democrática Alemã, junto com Austrália e Chile. As duas Alemanhas iriam realizar um confronto direto no campo de futebol. A rivalidade da Guerra Fria havia sido transportada para as quatro linhas do gramado, justamente numa Copa sediada por um dos dois países. Nas Olimpíadas, as seleções dos países comunistas tinham melhor desempenho, por serem oficialmente amadores, mas na Copa do Mundo os times do Leste Europeu tinham pouco sucesso, com dois vice-campeonatos (1954 para Hungria e 1962 para Tchecoslováquia). Nas outras competições, Suécia em 1958, Itália em 1970 e a própria Alemanha Ocidental em 1966 haviam ficado na segunda posição. O confronto entre o time oriental, o melhor do lado socialista, e o time ocidental, campeão europeu de 1972, gerava alta expectativa, bem como a apresentação holandesa.

Um fato anterior à competição mostrava o ânimo dos competidores na relação entre política e futebol: União Soviética e Chile tinham que jogar pela última vaga da repescagem intercontinental. O jogo em Moscou foi empate de 0 a 0. O jogo em Santiago do Chile não ocorreu porque os soviéticos se recusaram a jogar no Estádio Nacional, usado como campo de concentração pelas Forças Armadas após o golpe do General Augusto Pinochet sobre Salvador Allende, aliado soviético. A delegação comunista pediu um campo neutro, mas para a FIFA isso só ocorreria se o comitê chileno aceitasse, porém este se recusou. Os chilenos entraram em campo, sozinhos, fizeram um gol simbólico e se classificaram. A guerra política e ideológica não existia apenas entre países vizinhos divididos por um muro, mas igualmente

entre países com quilômetros de distância, porém pertencentes a posições radicalmente opostas.

Dezesseis países foram classificados para se dividirem em quatro grupos (A - Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Chile, Austrália; B - Brasil, Iugoslávia, Zaire e Escócia; C – Holanda, Suécia, Bulgária e Uruguai; D – Argentina, Polônia, Haiti e Itália). O primeiro jogo da Alemanha Ocidental foi contra o Chile. Três dias antes da partida inicial (dia 14 de junho), o FAZ comentou o que havia mudado na formação do time nacional desde 1954:

> Não se pensa mais o time como sendo "onze companheiros", mas onze profissionais que devem ter um espírito coletivo. É como uma comunidade de produção sem competências individuais fixas.[164]

Essa visão aponta bem uma mudança na sociedade: o desaparecimento gradativo do senso de comunidade em prol de uma visão sistêmica de profissionalismo e a ideia de que os jogadores são trabalhadores como qualquer outro trabalhador, sendo necessário cumprir horários e regras do emprego – com metas e níveis de produtividade inclusos. Outra crítica feita pelo jornal após o jogo foi o tema do artigo "Futebol, nossa vida nessa semana?"[165], no qual o articulista do jornal critica a importância que o esporte e a Copa do Mundo passaram a ter na vida social das pessoas. Os dois lemas usados na época, "Amigos há em toda parte", para o evento, e "Futebol é nossa vida", para a seleção, são definidos como exemplos do conteúdo vazio que toma conta da sociedade.

Por isso, a vitória de 1 a 0 foi vista como fraco desempenho. Profissionais que recebiam um alto salário, transformados em celebridades como os artistas, considerados os melhores do mundo e vencedores da Eurocopa de 1972 deveriam obter resultados melhores. Esse foi o único debate especial que houve em torno do jogo.

[164] FAZ, 11.6.1974, p. 12.
[165] FAZ, 15. 6. 1974, p. 12.

No dia 18 de junho, os alemães ocidentais enfrentaram os australianos. Nova vitória, dessa vez de 3 a 0, embora fosse já esperado uma goleada, face à fraqueza do time da Austrália. O que fica claro, na análise da imprensa, é o fato de que o time alemão joga como profissionais sem amizade que trabalham juntos por terem um mesmo objetivo. Essa atitude deixa uma aparência de que os jogadores são excessivamente frios, racionais, técnicos, e que a equipe é treinada com uma lógica industrial aplicada à esportiva. Isso diminuiria o interesse do torcedor. Mas o próximo jogo reavivaria tudo e mudaria um pouco o cenário.

Em 22 de junho, as seleções da Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental entraram em campo para realizarem o que seria a partida mais aguardada da Copa do Mundo de 1974. Pela primeira vez (e seria a única), a Alemanha capitalista enfrentaria a Alemanha comunista dentro das quatro linhas. "Um jogo une a nação", afirma o BILD.[166] "Esse jogo é esperado há 20 anos!" e "Nosso time nacional contra os onze da RDA"[167] também são usados como frases de efeito para cativar o leitor e defender a postura patriótica até então adormecida. A versão do "nós contra eles" está bem clara no tabloide, que se posiciona como defendendo a Alemanha real. Enquanto, em 1954, a seleção parecia jogar pelas duas Alemanhas, ou pela futura Alemanha reunificada no sonho das pessoas, agora estava claro que havia duas Alemanhas, iguais na língua e na história, mas diferentes na política, economia e esporte.

O que parecia ser uma surpresa além do imaginado, a partida ainda traria um acontecimento especial: a vitória do lado comunista por 1 a 0. Aos trinta e dois minutos do segundo tempo, Jürgen Sparwasser marcou para os orientais. Isso pôs o selecionado da RDA à frente dos alemães da RFA, que ficaram em segundo, mas a vitória parece ter sido mais lamentada do lado capitalista do que comemorada do lado comunista.

[166] BILD, 22.6.1974, p. 2.
[167] BILD, 22.6.1974, p. 1.

O BILD tratou a derrota como "a derrota mais amarga de nosso time na história".[168] "Nós devemos voltar a ser uma comunidade jurada! Nós temos que encontrar de novo a combatividade do jogo!", pedia o tabloide patriota.[169] Já o FAZ buscou dar um caráter político à derrota, mas de maneira positiva:

> Uma questão política deve ser registrada: ela tem a ver com o chute dado por Sparwasser e suas consequências e as consequências que permanecem. A política nesse caso está, aliás, na ausência de ironia que permeia o futebol quando se trata desse assunto. Primeiro, o futebol da RDA conseguiu finalmente se libertar do estigma de ferramenta da propaganda oficial do governo e passar a ser atrativo. Segundo, na memória esportiva, o futebol da RFA sempre foi o time oficial alemão e o da RDA uma equipe marginal. Mesmo que não ganhe a Copa, essa vitória foi um milagre do futebol. O chute de Sparwasser terminou com essa união do futebol geral alemão ao futebol alemão ocidental, quando já estava no fim do jogo.[170]

Esse artigo deixa claro que o FAZ defendia o respeito à soberania da Alemanha Oriental, do afastamento do uso político do esporte, especialmente do futebol, em ambos os Estados, e da valorização do futebol oriental, por ser um país como outros. Essa postura se opunha ao nacionalismo esportivo do BILD. O motivo do artigo do FAZ fazer essa defesa enfática da divisão, do respeito ao outro país e da necessidade de não haver ironia na hora de falar sobre política e futebol foi uma das manchetes do BILD após o jogo. De maneira altamente irônica, mesmo com a derrota da seleção ocidental, o BILD publicou em uma de suas manchetes: "Ao menos, isso: a Alemanha ainda não perdeu!"[171]. A ironia do BILD brincava com o fato de haver duas seleções alemãs, e delas terem jogado entre si, claro, mas era também um comentário profundo afirmando que, ao final de contas, deveria haver uma só. A disputa passou a ser tratada *a posteriori*, isto é, anos depois, em museus ou publicações sobre o evento, com expressões irônicas como "Luta de Classes de 90 minutos", "Inimigos de

[168] BILD, 24.6.1974, p. 1.
[169] BILD, 24.6.1974, p. 6.
[170] FAZ, 28.6.1974, p. 1.
[171] BILD, 24.6.1974, p. 1.

Classe no Campo", "Alemanha x Alemanha". Nenhuma delas fora utilizada, todavia, à época do jogo. Havia uma expectativa e um simbolismo muito acima da realidade que pode ser uma partida de futebol, especialmente pelo fato de que faltou euforia de ambas as partes: a vitória pôs, na segunda fase, a RDA num grupo mais difícil (Holanda, Brasil e Argentina), enquanto a RFA foi para um grupo mais fácil (Polônia, Iugoslávia e Suécia). O jogo não foi uma guerra em campo, nem seu resultado representava a superioridade de um sistema sobre o outro. É mesmo difícil, por falta de fontes, medir se a maioria dos alemães orientais estava torcendo por sua seleção ou pela ocidental e vice-versa. Em tempo de política conturbada, não era fácil determinar o que representava o que, porque a aparência podia ser uma, mas o conhecimento dos bastidores talvez apontasse que a realidade era o oposto. Até a própria partida, embora seja a mais lembrada da Copa de 1974, se influenciou o resultado final do campeonato, foi para o lado do derrotado.

O primeiro jogo da segunda fase, contra a Iugoslávia, voltou a ser mero espaço para um enfático discurso da necessidade de um desempenho técnico em campo que deixasse a nação eufórica. "É tudo ou nada", afirma Gerd Müller, "nós daremos a nossa vida!".[172] O dia 26 de junho lembra o jogo contra a Iugoslávia em 1954, o primeiro da segunda fase, no caminho para a vitória final em Berna. É normal que a imprensa abuse desse paralelismo histórico. Com a vitória por 2 a 0, placar igual ao de vinte anos atrás, a euforia aumenta. "O time se reencontrou", para o BILD.[173] Para o FAZ, "a seleção ganhou mais do que um jogo, ganhou de volta o coração dos alemães".[174]

O segundo jogo da segunda fase foi contra a Suécia, em 30 de junho. A vitória de 4 a 2 aumentou o entusiasmo, embora fosse esperada e não houvesse nenhum tipo de rivalidade. Assim como nos jogos contra o Chile, Austrália e Iugoslávia, nenhum patriotismo específico

[172] BILD, 26.6.1974, p. 7.
[173] BILD, 27.6.1974, p. 1.
[174] FAZ, 27.6.1974, p. 11.

foi elencado. Com a Polônia, último adversário da segunda fase, em 3 de julho, os ânimos estavam um pouco mais acirrados, porque o jogo era decisivo. Quem ganhasse ia para a final. Polônia e Alemanha Ocidental tinham ainda animosidades por causa do passado de guerras e da diferença, em 1974, de sistemas políticos. A situação havia melhorado depois que o chanceler alemão Willy Brandt foi a Varsóvia e pediu perdão pelos erros cometidos na história. Importante lembrar, como já citado anteriormente, que rivalidades políticas, sociais ou econômicas extracampo nunca foram levadas ao gramado, entre os jogadores, nesse campeonato.

Em campo, a partida passou a ser conhecida como "Batalha da Água", porque horas antes caíra uma tempestade e o gramado estava alagado. O juiz pensou em adiar a partida, mas após o trabalho dos funcionários do estádio, o campo foi considerado em condições. Gerd Müller, o atacante alemão, classificou o time fazendo um único gol no fim do segundo tempo. O FAZ busca mostrar uma regularidade histórica afirmando que "pela terceira vez, depois de 1954 e 1966, um time nacional alemão chegou à final".[175] O BILD rejubila-se com agradecimentos superlativos: "Na final! Obrigado, obrigado. Mesmo que percamos no domingo – o que não cremos. Mais uma vez obrigado, onze vezes obrigado!".[176] A dureza da partida foi pelo objetivo de estar na final, outra vez.

No outro grupo de segunda fase, a Holanda derrotara Argentina, Brasil e Alemanha Oriental, garantindo seu lugar na final. O estilo de jogo holandês era relatado como sendo o do "futebol total", porque os jogadores atacavam e voltavam para marcar. A "Laranja Mecânica" tornara-se a sensação da Copa de 1974.

Henry Kissinger, Secretário de Estado dos Estados Unidos, encontrava-se na Alemanha para discutir questões de defesa mútua e relações internacionais. Aproveitou para assistir alguns jogos, já que gostava de futebol. Até esse acontecimento virou motivo para divergência

[175] FAZ, 4.7.1974, p. 11.
[176] BILD, 4.7.1974, p. 2.

entre os dois jornais aqui debatidos. O FAZ reportou isso, dando ênfase na visão do próprio jornal sobre a conduta de Kissinger, num artigo chamado "Só a política é mais importante do que o futebol".[177] Essa afirmação não partiu do Secretário americano, mas serviu de lide ao jornal, que quis dar a entender que a política vem em primeiro lugar, sempre, e depois o entretenimento esportivo. Logicamente o BILD usou a visita de Kissinger de outra forma. Um repórter lhe perguntou quanto seria o placar da final. Ele respondeu: "Um a zero para a Alemanha". O tabloide aproveitou para destilar seu patriotismo costumeiro: "Kissinger disse 1 a 0 para a Alemanha. Ele não disse 'para a Alemanha Ocidental'. Ele também não disse 'para a República Federal da Alemanha'."[178]

No dia 4 de julho fazia vinte anos da vitória na Suíça. Houve um encontro entre os jogadores de 1954 e os de 1974. O FAZ decidiu realizar uma entrevista com os jogadores e uma interpretação própria da data. A entrevista mostra o mesmo problema dos artigos baseados em "senso comum" do BILD, pois os jogadores se lembravam de formas muito diferentes do acontecimento. Uns afirmavam ter uma memória clara da partida e sabiam da importância da conquista, outros lembravam um pouco e alguns não tinham lembrança nenhuma. Nada no artigo se sobressai a ponto de haver sequer um comentário importante do jornalista separado das frases soltas dos jogadores. No outro, mais uma demonstração de falta de foco: o articulista não chega sequer a citar artigos do próprio jornal feitos na época, resumindo-se a falar do júbilo popular em alta escala.[179]

Aqui é importante falar sobre esse "buraco" em relação ao campeonato vencido em 1954 e a memória difusa dele vinte anos após. A imprensa havia mudado, bem como a sociedade alemã. Naturalmente, como já debatido, houve também uma mudança de atmosfera e de valores, sendo a geração dos anos 1950, possivelmente, a dos pais da geração anos 1970. Os heróis de Berna tinham já uma "envelhecida" aparência de fato histórico que se aprende na

[177] FAZ, 2.7.1974, p. 11.
[178] BILD, 6.7.1974, p. 4.
[179] FAZ, 4.7.1974, p. 11.

escola. A relação entre história e memória também tinha seu efeito no futebol. 1954 era uma data tão celebrada, quanto esquecida, no sentido formal ou oficial em que se transformam as datas da "identidade cívica nacional". Os próprios jornais BILD e FAZ não recorrem sequer aos seus artigos publicados em 1954, para fugirem do senso comum e relatarem como haviam se posicionado à época. Preferem entregar ao leitor aquilo que o leitor teoricamente já sabe ou acha de vinte anos antes.

A análise do FAZ antes da final é, novamente, cosmopolita ou, ao menos, antinacionalista, como fora em 1954. Num artigo especial intitulado "O melhor deve ganhar", o jornal fez uma reflexão sobre por que o futebol e a Copa são tão populares e, se isso nada mudaria na vida das pessoas:

> Um pouco de emoção nacional entra em jogo. Nada é alterado no país do vencedor ou do perdedor, e ainda assim, milhões devem assistir a esta última decisão, em Munique, no domingo, como sendo extremamente importante. O objetivo travado no estádio é fortalecer a autoconsciência das massas, que se identificaram com o desempenho do "seu" time? Ou a derrota muda algo na família, no trabalho, nas pessoas "afetadas"? E há pessoas que ainda se sentem algo iluminadas pelo poder dos artistas da bola nas áreas associadas com o prestígio pessoal, muitas vezes, até mesmo nacional. Talvez não seja errado, quando, frequentemente, é apontado nas reflexões psicológicas de hoje, sobre os anos depois da guerra, a valiosa conquista da Copa do Mundo do time de futebol alemão em 1954, em Berna. Ele assistiu não só a tendência geral de recuperação de um povo severamente espancado e humilhado, mas abriu outra janela. "Revivido por três gols", disse o sociólogo Gerd Hort, sobre o triunfo depois da bola e seus efeitos. Agora, 20 anos depois, a Copa do Mundo no país não pode provocar nada. E, no entanto, este jogo não é apenas um jogo na tarde de domingo. Na Holanda e na Alemanha, muitos corações vão bater mais rápido.[180]

Novamente o time alemão foi o ganhador em cima do favorito. A vitória não chegou de forma miraculosa, como em 1954, nem era tão inesperada, ou mesmo que causasse o mesmo impacto, mas foi conseguida de virada, 2 a 1, com a seleção alemã atacando mais até o fim, depois de ter revertido o placar. "Nós somos campeões. Hurra! Ótimo! Conseguimos! Fantástico! Maravilha!"[181], diz o BILD. Um repórter do tabloide que estava na rua, escreve: "Nós também suamos, choramos, estávamos morrendo de medo, sofremos, esperamos,

[180] FAZ, 6.7.1974, p. 11.
[181] BILD, 8.7.1974, p. 1.

trememos. Nós e vós. Esta é a Alemanha. Diante de mim, as pessoas aplaudem, riem e choram. 'Nós somos os melhores', diz um homem, e me abraça. A vitória faz forte, confiante, orgulhoso"; "Após a vitória, toda a Alemanha levanta a cabeça".[182] O BILD busca enfatizar a alegria da vitória, mesmo que não haja uma repercussão maior, pois o orgulho nacional estava embutido na conquista.

O FAZ valoriza o desempenho esportivo, mas diminui o aspecto nacional do evento e do resultado favorável à Alemanha Ocidental:

> Os dias de futebol se foram. A Terra nos pertence novamente. O entusiasmo nos intervalos, devido a dois ou três dias de jogo livre, está atrás de nós. O futebol pode certamente fazer brilhar antagonismos nacionais, especialmente se eles acontecem pela aquecida de agentes sem escrúpulos do jornalismo. Mas esta Copa do Mundo foi "internacional" no melhor sentido da palavra. A unidade era mais forte do que aquilo que os divide. A paixão comum para este esporte é tão espetacular e cria e reforça as semelhanças entre os povos. Todo o espetáculo da República Federal valeu a pena? Tão simples resposta não pode haver. O que pode ser dito como um anfitrião e como participante é bem mais facilitado: tudo bem quando acaba bem.[183]

Houve uma mudança formal no BILD e de conteúdo no FAZ em relação a 1954. O tabloide popular continuou patriótico, mas com menos ênfase do que antes. Já o jornal da classe bem-formada adotou uma postura mais moderada sobre a Copa.

Não ocorreu em 1974 nenhum tipo de nacionalismos exagerados, até porque o clima de Guerra Fria não permitia agir com muita liberdade nesse sentido. No jogo entre Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental, apareceu tanto um sentimento de divisão quanto de união, como se existisse apenas uma Alemanha real e as duas brigavam para mostrar qual delas a representasse melhor. Torcedores da Alemanha comunista foram até Hamburgo assistir à partida e não foram incomodados (a não ser pelos canais de televisão ocidentais que buscavam mostrá-los com certo exotismo e curiosidade). Não houve confrontação e nem

[182] BILD, 8.7.1974, p. 4.
[183] FAZ, 8.7.1974, p. 1.

violência. Estava claro que os jogadores eram esportistas e os torcedores eram cidadãos. Profissionais e público, no seu legítimo direito de acompanhar sua nação em paz. A mentalidade da divisão era clara e respeitada. O chanceler Helmut Schmidt foi ao jogo e cumprimentou os desportistas dos dois lados. Um gesto exemplar para mostrar que o futebol não é uma guerra simbólica, mas pode representar a paz, quando ela é um objetivo comum.

No outro jogo fundamental, a final, entre Alemanha Ocidental e Holanda, novamente o chanceler Schmidt, bem como o rei da Holanda e Henry Kissinger estavam presentes. Novamente o gesto de união pacífica, numa época de belicismos políticos. Notadamente aparece para nós a situação de que a atmosfera, embora parecesse, talvez, extracampo, difícil por causa do momento internacional. Entretanto, o futebol agiu como um catalisador de sentimentos nacionais moderados. Os jogadores alemães não cantavam o hino; os torcedores alemães sim, com orgulho, mas a terceira estrofe, a permitida. A vitória de 1974 foi a de um time individualista e profissionalista, pouco afeito a patriotismos, mas também de uma nação que já se afirmara no cenário mundial. Não eram mais os "outsiders" de 1954, mas se sentiam como os cidadãos da meia Alemanha, a Alemanha liberal, capitalista, democrática. Foi o título do patriotismo "pela metade", da Alemanha "pela metade". O próximo seria o dela "por inteiro".

III. 3 – A Copa do Mundo de 1990

Dezesseis anos e um muro separaram a Copa de 1974 da de 1990, torneio disputado em plena época de grandes transformações políticas, sociais e econômicas no mundo, especialmente na Europa. A crise do petróleo de 1973, que tivera seus efeitos nos países capitalistas de tal forma que os Estados Unidos decidiram quebrar o padrão-ouro e determinarem que o dólar, sua moeda nacional, seria o lastro dos seus pagamentos internacionais, acarretou impactos maiores nas nações socialistas. Para conseguir fechar o

balanço interno, os Estados do Leste Europeu participavam do mercado internacional do petróleo como os capitalistas. O aumento do preço desequilibrou as contas e piorou a situação interna e a cooperação entre os mesmos. A União Soviética foi menos afetada do que os europeus orientais devido ao seu tamanho e produção petroleira interna, mas os outros países da "Cortina de Ferro" dependiam dela. A colaboração produtiva, pouco a pouco, se dispersava, com a economia planificada em franca queda e a cristalização política central em deterioração. Os países capitalistas europeus ocidentais não tinham mais suas colônias, mas continuavam vendendo produtos para os países da América Latina, África e Ásia muito mais caros do que compravam matéria-prima, sem contar a reserva de dólares, a acumulação primitiva de ouro e o auxílio mútuo em empréstimos feitos pelos bancos ocidentais, também preocupados em deter uma quebra generalizada como ocorrera em 1929. A crise dos anos 1920 enfraqueceu as democracias capitalistas liberais e fortaleceu o socialismo e o fascismo como opções momentâneas de mudança no Ocidente. Nos anos 1980, todavia, para conter a crise econômica, a solução adotada pelos governos ocidentais foi o neoliberalismo, diminuindo a interferência do Estado no mercado, em vez de maiores investimentos, como feito nos anos 1930.

Três campeonatos ocorreram nesse meio tempo: 1978, 1982 e 1986. A transformação especial que pode ser vista é relativa à padronização e globalização da transmissão do evento em todo o mundo. Enquanto que, nos anos 1950, o rádio ainda era o principal meio, com algumas televisões em preto e branco; em 1974, a televisão colorida, embora em seu início, adiantara um futuro onde, nos anos 1980 e 1990, seria possível assistir ao vivo em boa definição as partidas. A presidência do brasileiro João Havelange a partir de 1974 transformaria a FIFA numa empresa multinacional administrada conforme a lógica do capitalismo: era necessário vender um produto e dar lucro acima de tudo. Na sociedade do espetáculo, o futebol estava possivelmente passando para o segundo plano.

Em 1978, na Argentina governada por uma junta militar liderada pelo general Rafael Videla, o futebol ainda tinha a importância de sempre: unir a nação e dar ao povo uma alegria para além dos problemas políticos, sociais e econômicos. Pela primeira vez, os argentinos seriam campeões, vencendo a Holanda, com o fato de ser em seu próprio país um ponto mais favorável à festa (e a suspeita de que o governo havia pressionado pelo resultado). A FIFA havia escolhido o país quando ainda era uma democracia e achava negativa a pressão de uma ditadura no evento, pois isso desestimulava a participação dos times. Em 1982, a Espanha foi a escolhida, voltando à Europa e a um país que havia saído de uma ditadura de trinta e seis anos do general Francisco Franco. A nova realidade do futebol mundial e da expansão da televisão com o aumento dos telespectadores fez com que o número de seleções passasse de dezesseis para vinte e quatro. A divisão em duas fases de grupos de quatro, adotada nas duas edições anteriores foi abolida pela volta do "mata-mata" após a fase de grupos. A Itália foi campeã em cima da Alemanha. Na Copa de 1986, a Colômbia havia sido escolhida, mas renunciou devido à falta de incentivos financeiros nacionais. O México, graças à rede de televisão Televisa, aceitou.

Novamente a Alemanha Ocidental foi vice-campeã, perdendo para a Argentina de Maradona, já agora não governada mais pelos militares, passando pela redemocratização. Eram agora dois títulos para argentinos e alemães, três para Brasil e Itália. A Copa de 1990 teve como sede escolhida a Itália, que tentava com o evento estimular uma economia paralisada e de baixo crescimento. Na corrente dos eventos históricos, a crise de 1973 ajudou o povo alemão oriental na derrubada em 1989 de um muro construído em 1961 em Berlim, pelo governo socialista, para impedir a saída de trabalhadores do Leste para o Oeste. O muro de Berlim era um símbolo da impossibilidade de reatar sistemas diferentes, que afirmavam caminhar em direções opostas e defender grupos distintos, a liberdade individual ou o bem comum coletivo. A fronteira fechada era uma defesa quase que psicológica por parte dos Estados da "Cortina de Ferro" para impedirem uma "contaminação" por parte do mundo

capitalista, teoricamente mais corrupto, decadente e em crise, crise esta prevista pelo filósofo Karl Marx e que levaria ao fim da exploração após uma revolução dos trabalhadores.

A crise de 1973 acertou em cheio o mercado capitalista, mas o fruto que caiu estava do outro lado do muro. Sem poder modernizar sua economia abrindo para uma maior influência do mercado, já que o mercado no socialismo era controlado pelo Estado, faltava aos governos qualquer outra fórmula de comportamento além da manutenção da planificação e espera pela revolução proletária no lado ocidental. Porém, a revolução estava para ocorrer em seu próprio lado. A pretensa igualdade social era mantida ao custo do empobrecimento de todos; a dívida interna dos Estados já não era mais pagável; faltavam produtos básicos, como alimentos e de higiene; os gastos militares exorbitantes só aumentavam; as exportações não eram o suficiente, porque a tecnologia era defasada, e as importações não mantinham a qualidade de vida desejada. A planificação mostrara todos os seus defeitos nos efeitos da crise do petróleo.

Os trabalhadores começaram a reivindicar mudanças, sendo a Alemanha Oriental o elo fraco por ser uma nação dividida. É importante lembrar que os cidadãos alemães orientais e ocidentais sabiam o que se passava no país vizinho porque era possível adquirir os jornais e pelas ondas de rádio e televisão sintonizar as estações do outro lado da fronteira. Nesse sentido, a comunicação nunca fora cortada, e a guerra de informação pesava mais na balança dos socialistas, cujos gastos limitados e propaganda oficial era ineficiente perto dos investimentos e do marketing feito pelos ocidentais do seu sucesso em todas as áreas. No fim dos anos 1980, uma série de protestos organizados em volta da igreja principal de Leipzig, na parte oriental, espalhou-se pelo país pedindo reformas. Não havia como reformar um sistema que não estava apto a mudanças. Os alemães orientais começaram a pedir a abertura da fronteira. Em 9 de novembro de 1989 foram atendidos, mas a ideia tinha sido malconcebida pelo governo: milhares de pessoas tentaram passar a alfândega de Berlim ao mesmo tempo; quando souberam da notícia, os alemães ocidentais foram auxiliar e começaram a quebrar o muro com picaretas e martelos. Em pouco tempo, buracos haviam sido abertos e uma grande

parte dos vinte e oito anos da construção estavam no chão. Alemães dos dois lados se rejubilavam abraçando seus conterrâneos desconhecidos depois de duas décadas de separação. O início do fim da Guerra Fria começara. A destruição do muro, todavia, não representava o fim imediato do regime socialista; ainda levaria um ano e necessário era haver uma eleição em todo o território alemão, contando as duas Alemanhas. Era nesse clima de reunião, passados quarenta anos de divisão, que a Copa do Mundo de 1990 na Itália iria acontecer. A política estava na primeira página dos jornais, fosse pelo fim da Alemanha Oriental, que desaparecia graças à vitória da democracia cristã nos dois lados, fosse pelo medo que a futura reunificação causava nos governos ocidentais, que temiam uma Alemanha forte demais, fosse pelo efeito dominó no Leste Europeu. Onde estaria o futebol nisso tudo?

Nas páginas dos jornais, bem como nos jornais de rádio e televisão, mesmo durante a Copa, impossível era pôr o futebol à frente da política em número de matérias, devido ao grau de incessantes notícias vindas das transformações do mundo político. Havia tantos fatos acontecendo sucessivamente que o torneio, dessa vez, diferente de 1954 e de 1974, não servia como catalisador de sentimentos nacionais reprimidos (esses agora se encontravam, em primeiro lugar, na própria política e mídia), mas de desanuviador das tensões nacionais ainda existentes. A seleção alemã parecia estar jogando para todos e pela reunificação. Ao menos, simbolicamente. O valor do torneio parecia estar no seu simbolismo nacional [o Brasil queria ser campeão e passar à frente de todos, a Argentina queria ser campeã e igualar o número de títulos do Brasil, a Itália queria ser campeã e voltar a estar na frente, o Uruguai queria pertencer ao grupo da frente, e a Alemanha queria igualar-se com três e ser campeã num ano histórico]. A política dominava as manchetes, e o futebol vinha de forma associada, ambos com claros tons de patriotismo. Um nacionalismo pacífico e aberto parecia tomar conta da mídia.

Antes de começar o torneio, o chanceler alemão Helmut Kohl, da democracia cristã, sucessor de Helmut Schmidt, visitou o time e o treinador Franz Beckenbauer, campeão em

1974. Foi uma inteligente jogada de propaganda política, não feita antes na Alemanha. Era uma forma de aumentar a relação entre os dois principais personagens do momento e o que eles representavam. Era também um sinal da crescente aproximação entre políticos e esportistas, que seria normal em eventos futuros. Enquanto que antigamente o líder de Estado ou governo apenas acompanhava o time durante os jogos ou na final, agora os atletas eram recebidos antes mesmo de competirem, como um sinal de boa sorte. Mais uma vez, o futebol estava em segundo plano em relação à política e aos negócios. O esporte cada vez mais seria apropriado por autoridades para fazerem autopropaganda e tirarem alguma vantagem das vitórias.

O número de seleções participantes dessa edição foram 24, divididas em seis grupos. A Alemanha Ocidental ficou no grupo D com Iugoslávia, Emirados Árabes Unidos e Colômbia. O time nacional da Alemanha Oriental começou a disputar as eliminatórias, porém não conseguiu se classificar para as fases seguintes do mata-mata europeu. A formação ocidental parecia uma síntese de 1954 e 1974: enquanto que, no primeiro torneio, havia só um grande jogador e virtudes como camaradagem e unidade do coletivo eram as palavras-chave, no segundo, o individualismo e o profissionalismo de um grande número de craques contava mais do que união ou irmandade. Dessa vez, entretanto, os jogadores também pareciam representar bem o que era a Alemanha em 1990: um país de indivíduos que tem um grande sentimento de virar um coletivo unido. Os cidadãos-torcedores e os cidadãos-atletas estavam numa mesma atmosfera. Apesar disso, pouco dessa semelhança transpareceu nas publicações impressas do BILD e do FAZ antes da final, porque parecia que a mídia estava muito mais preocupada com o noticiário político de tal forma que o esportivo resumia-se a comentários focalizados na técnica do jogo. Ambos os jornais estavam igualmente transmitindo a atmosfera social de mudanças subsequentes, o que fazia com que fosse normal encontrar inúmeros artigos do BILD com tonalidades patrióticas (uso frequente das cores preta, vermelha e ouro) no noticiário sobre a reunificação que se aproximava. No decorrer da Copa,

o entusiasmo não era específico, ao estilo "a seleção tem que ganhar a Copa este ano!", ao contrário, era bastante leve, como uma forma de relaxar das notícias sérias. No FAZ, ainda mais preocupado com a seção administrativa do país, o futebol passou a ganhar uma postura positiva, como se fosse o futebol, dessa vez, uma atividade auxiliadora da sociedade para poder vivenciar um sentimento de comunidade ou de união, tal qual ocorrera, em novembro de 1989, com a queda do muro e que era esperado para outubro de 1990 com a declaração formal de reunificação pelas autoridades.

Nesse sentido, até bem próximo da final, não existe nenhuma matéria específica tentando unir o futebol à política, a esperança de um possível tricampeonato no ano da reunificação. Durante a primeira fase, os jogos foram sendo relatados com a tradicional precisão esportiva de análise limitada ao ocorrido em campo no treinamento ou na forma de conduzir o time. Excetuando-se a visita do chanceler Helmut Kohl ao treinador Franz Beckenbauer, nenhuma outra linha especial sobre união nacional no esporte. Assim, a Alemanha passou por Iugoslávia, ganhando de 4 a 1; Emirados Árabes Unidos, ganhando de 5 a 1, e Colômbia, empate de 1 a 1, classificando-se em primeiro.

Nas oitavas-de-final, os holandeses apareceram no caminho alemão novamente. A expectativa era de um grande jogo, mas sem discursos nacionalistas exaltados. Os alemães sabiam que a imprensa e autoridades internacionais, sobretudo europeias, temiam a reunificação, pois enxergavam nela um futuro IV Reich redivivo. Dessa forma, era necessário manter a moderação patriótica ao máximo. Numa partida violenta com um expulso de cada lado, a Alemanha ganhou de 2 a 1 dos tradicionais rivais. Nas quartas-de-final, mais um vizinho com rivalidade histórica: a Tchecoslováquia. Mais um jogo considerado difícil, onde ambos os lados tiveram problemas para conseguir espaço de ação. Graças a um pênalti, 1 a 0 e novo sucesso dos alemães ocidentais. Na semifinal, a disputa seria contra outro rival europeu: a Inglaterra. Curioso notar que essas rivalidades haviam sido reforçadas pela Segunda Guerra Mundial (Holanda, Tchecoslováquia e Inglaterra foram atacadas pelas forças hitleristas).

Antes da partida, o tabloide BILD fez rápido comentário finalmente ligando o tema político ao tema esportivo:

> "Reunificação Alemã", sobre isso Lothar Matthäus é diariamente perguntado. Ontem disse nosso capitão sobre esse tema uma frase belíssima: "Caso nós ganhemos contra a Inglaterra, faremos isso pela unidade alemã.[184]

No tempo normal, o placar foi de empate 1 a 1. Sem gols na prorrogação, a decisão foi aos pênaltis: 4 a 3 para os germânicos, que, pela terceira vez seguida, iriam a uma final (a sexta vez no total). Era um orgulho, acima do próprio sentimento nacional, por que demonstrava o alto desempenho teutônico no esporte, assim como há orgulho do desempenho econômico ou da dimensão cultural da nação. Sempre foi um ânimo para a autoestima nacional a preocupação com o desempenho em todas as áreas, sendo o futebol mais uma área onde se busca a maximização do desempenho, só que o esporte permite ser um catalisador de emoções claras e abertas, porque se trata de uma competição, que acontece de maneira dinâmica entre os atletas de diferentes lugares, e o futebol por ser o mais popular de todas as atividades físicas.

Na outra semifinal, os argentinos fizeram o mesmo placar contra os italianos: empataram em 1 a 1 e ganharam de 4 a 3 nos pênaltis. Pela segunda vez seguida, Argentina e Alemanha fariam uma final. A campeã de 1986 era a favorita, mas os cidadãos alemães de ambos os lados da fronteira estavam confiantes:

> O otimismo na República Federal e na República Democrática é enorme. De acordo com uma pesquisa, 92,7 por cento dos cidadãos alemães ocidentais e 95,1 por cento dos cidadãos orientais acreditam numa vitória da equipe alemã hoje à noite.[185]

[184] BILD, 4.7.1990, p. 11.
[185] FAZ, 8.7.1990, p. 1.

Agora na final, começa a pesar a consciência da historicidade do feito. Ser tricampeão no ano da reunificação, jogando com uma camisa que, pela primeira vez, mostrava três linhas em preto, vermelho e ouro (quebrando um pouco com o tradicional preto e branco do uniforme), na Europa, tendo outro campeão, Franz Beckenbauer, como técnico, sem contar a presença clara do chanceler Helmut Kohl no estádio, além da possibilidade de revanche sobre os argentinos. Tudo parecia convergir.

A partida ocorreu no dia 8 de julho, no Estádio Olímpico de Roma. Os argentinos preferiram armar um esquema defensivo, uma vez que tinham o pior ataque de um finalista da história das competições (cinco gols) e Maradona não estava em sua melhor fase, embora isso não fizesse a menor diferença, quando se está numa final. A Alemanha decidiu propor o jogo e ser a atacante o tempo todo. De tanto insistir, Rudi Völlner, o atacante ao lado de Jürgen Klinsmann, conseguiu arranjar um pênalti convertido pelo lateral Andreas Brehme. 1 a 0 pragmático aos quarenta do segundo tempo que garantiu o título. O futebol de resultados, mentalidade trazida do pensamento de desempenho, havia vencido novamente, para orgulho do país e num ano histórico de transformações.

Foi a partir daí que a imprensa realmente resolveu usar o evento como forma de expressar a alegria patriótica dos alemães. Como sempre, o BILD era o mais ativo por ser o mais popular, enquanto o FAZ reagia às atitudes do tabloide e de seus leitores. Primeiro, o BILD descreve uma cena oposta a algo escrito em 1954, embora sem sabê-lo:

> No Portão de Brandemburgo, também houve festa em preto, vermelho e ouro. Um policial da Polícia do Povo (lado oriental) foi cercado pelos fãs que cantam com ele o hino da Alemanha.[186]

Em 1954, como já citado nesse capítulo, um policial do lado oriental fugiu para o ocidental depois de ser pego cantando o hino alemão após a vitória na Copa. A linha citada em 1990 representa o oposto depois de trinta e seis anos de diferença ideológica e separação institucional. Já não era mais um problema que alemães orientais e ocidentais se rejubilassem

[186] BILD, 9.7.1990, p. 3.

pelo mesmo motivo. O futebol reunira os alemães antes da política. Cantar o hino também não é mais um problema: "Nosso hino. 40 mil alemães no estádio cantam. Os jogadores cantam também. O chanceler Kohl ouve tomado de emoção".[187]

Em 1954 a torcida cantou a estrofe proibida, os jogadores permaneceram em silêncio. Em 1974 a torcida cantou a estrofe certa, mas os jogadores preferiam ficar em silêncio também. Em 1990, torcedores e atletas cantavam a terceira estrofe com alegria. Uma mudança que não era mera aparência, mas sim uma mudança de estima nacional, de consciência e amor à pátria. A nova Alemanha surgia com um novo sentimento. O campeão olímpico de tiro da Alemanha Oriental Udo Beyer era citado como alguém que já aderira à ideia de uma só nação esportiva: "Eu nunca tinha ficado tão emocionado. Nossos jovens foram maravilhosos!".[188] Após isso, o capitão da seleção volta a aparecer: "Eu acho que nós deveríamos estar um pouquinho orgulhosos de nós mesmos.".[189]

No segundo dia após a vitória, ainda repercutia no jornal a dimensão "internacional" do feito nas duas "nações alemães" em breve reunificadas. "Como é belo esse nosso novo sentimento para conosco",[190] afirma o tabloide, buscando defender a tese de que os cidadãos já haviam se reunido nos corações e mentes, antes dos tratados. O povo de ambos os lados da fronteira que se apagava já se enxergavam como um mesmo grupo e o campeonato mostrara isso. A conquista da taça deixara claro, na visão do BILD, que a seleção era a seleção de todos os alemães, ocidentais e orientais. Numa última citação importante, destacamos:

> Na Alexanderplatz (Berlim, lado oriental) alardeia o coro dos fãs da RDA: "nós somos Alemanha, nós somos campeões!". Em Leipzig (lado oriental) ruge a voz até a alma o narrador da Rádio Saxônia: "Sim, gooooooool da Alemanha, gooooooool nosso!". Por isso nossos jogadores são tão simpáticos. Eles são um time do povo.[191]

[187] BILD, 9.7.1990, p. 12.
[188] BILD, 9.7.1990, p. 13.
[189] BILD, 9.7.1990, p. 15.
[190] BILD, 10.7.1990, p. 8.
[191] BILD, 10.7.1990, p. 9.

Distante do nacionalismo exaltado do BILD, o FAZ buscou, dessa vez, um ânimo patriótico, mas moderado. Ao invés da oposição em 1954 e da indiferença de 1974, dessa vez o jornal da alta classe aparentava estar contente com o feito. Era válido o júbilo dos torcedores, porque o futebol estava servindo para unir as pessoas:

> "A Alemanha é campeã do mundo!" Esta exclamação enche ambos os lados do Elba de alegria. Isso é compreensível. Porque quando se trata de futebol, as pessoas podem torcer pelas equipes da República Democrática ou da República Federal, já que esta não é uma exigência política. Os elogios para a equipe nacional realizados por todos os alemães ajudam a aproximar as pessoas entre si novamente. Preto, vermelho e ouro sem a foice e o martelo torna-se uma combinação elegante de cores, um tricolor de tradição democrática. 45 anos depois da guerra também há um entusiasmo ingênuo sobre a vitória nos esportes. A evidência sugere que ela não está coberta pelo triunfo nacionalista. A equipe de Franz Beckenbauer venceu com o seu excitante futebol de ataque, unindo um monte de amigos ao longo das fronteiras alemãs.[192]

Para o FAZ, uma pessoa não é mais ou menos cidadã ou politizada (ou nacionalista) por torcer por essa ou aquela equipe, porque o futebol não é o termômetro do civismo. O futebol serve para captar o comportamento das pessoas que estão acompanhando o jogo. Um nacionalista pode acreditar subjetivamente ser um dever seu torcer pelo seu time nacional, mas não é isso o que faz dele um nacionalista – ao menos não objetivamente. O comportamento que o jornal aponta como sendo o real era a comemoração pelos dois lados da fronteira, unindo no sentimento de apoio à seleção alemães ainda separados. O simbolismo nacional era mais forte do que as ideologias capitalistas ou comunistas, daí o contraste das cores com a foice e o martelo, que desapareciam. Competiram os atletas pela nação? Sim. Competiram pelo nacionalismo? Na visão do FAZ, as evidências sugerem que não. Nação e nacionalismo não estão necessariamente colados na mente ou no coração dos torcedores, embora aparente estar.

[192] FAZ, 9.7.1990, p. 22.

"O tricampeonato coroou o ano da Alemanha", declarou o Ministro italiano de Relações Exteriores Gianni de Michelis. Foi como um "sonho de uma noite de verão", finalizou o editorial.[193] Dois dias depois, mais análises sociais sobre a Copa e os torcedores, de três lugares diferentes: Erfurt, cidade no lado oriental, Bonn, no lado ocidental, e Roma.

Curioso notar que os relatos vão variar conforme o lugar. Em Erfurt, o jornalista relata que poucas pessoas estavam preocupadas vendo a partida e a alegria dos torcedores foi algo solitária. Em Roma, o repórter afirma que o que mais se ouvia era o fato da nova boa imagem dos alemães não deixar dúvida sobre as mudanças ocorridas ao longo da segunda metade do século. Ninguém deveria ter medo da reunificação. Em Bonn, que havia sido a capital administrativa da República Federal da Alemanha durante quarenta anos, ainda havia muitos funcionários públicos, aumentando a ligação com um tradicional sentimento de nação:

> "Alemanha, Alemanha" gritaram os cidadãos orientais, e os ecos se ouviram novamente em todas as cidades e vilarejos da Alemanha na passagem da noite de domingo para segunda. "Oh, como isso é belo!", diz uma senhora. Alemanha, terra do futebol unido![194]

A ironia transparecida no relato da comemoração solitária, na surpresa romana e na ligeira ingenuidade patriótica dos moradores de Bonn mostra ainda a visão crítica do FAZ em relação a qualquer sentimento nacionalista, embora aceite a comemoração sincera dos torcedores que se alegraram com a conquista (mas não impede o jornal de ter uma postura mordaz, como fora em 1954 e 1974). O BILD mudara em seu formato, pois cada vez mais o conteúdo desaparecia em prol de imagens e frases feitas sem valor. O FAZ mudara, porque não era possível se manter "ranzinza" contra uma atitude de festa esportiva nacional no ano da reunificação.

[193] Idem.
[194] FAZ, 10.7.1990, p. 3.

A Copa de 1990 viu a Alemanha usar em seu uniforme, pela primeira vez na história, as cores preta, vermelha e ouro, três listras na parte de cima da camisa com um significado maior do que meramente estiloso. Era um significado transcendente que permitia aos alemães visualizarem através das cores nacionais o país imaginado, bem como vestir a camisa e sentir-se parte do todo nacional. As cores quebravam o preto e branco da lógica germânica que dividia a sociedade em dois grupos – formados e não formados, com muito dinheiro ou com pouco dinheiro, nacionalistas ou cosmopolitas. Como unificar uma nação dividida também em dois Estados, em dois sistemas, em esquerda e direita, em liberdade versus igualdade, o indivíduo e o coletivo? A Copa de 1990 possibilitou isso, pois os jogadores ganharam em campo, e os torcedores fizeram a festa fora, sem planejamento, apenas pura emoção da vitória. Diferente das duas sociedades alemãs, altamente racionais e planejadas, com seu direcionamento industrial baseado em metas e ganhos, no campeonato, ganha o sentimentalismo, a vitória pela vitória, a adrenalina de disputar, podendo ganhar ou perder, sem que isso importe para quem se torce.

A Copa do Mundo de 1954 levantara a moral de um país destruído, a de 1974 fortalecera a divisão entre capitalismo e socialismo, a de 1990 reunificara a nação. Em três momentos históricos distintos três copas foram simbólicas nas suas funções sócias para a comunidade imaginada dos alemães. Elas aconteceram coincidentemente em três momentos onde o futebol e o sucesso num torneio internacional eram, se não absolutamente necessários, fortemente significativos para um povo que estava acostumado a mutações históricas maiores do que qualquer outro e necessitava de referenciais para se posicionar e saber, nesses momentos, onde se encontrava. A vitória unira os fãs de futebol dos dois lados da fronteira na emoção da comemoração, embora nem sempre com integração. A próxima Copa teria como função integrar os alemães.

III. 4 – A Copa do Mundo de 2006

O fim do comunismo no Leste Europeu e a globalização como motora do nascente século XXI, graças, sobretudo, à invenção da internet, uma rede virtual que conecta todos os computadores do mundo, espalhavam a ideia da integração mais do que qualquer discurso político. Os anos 1990 eram tidos como o prenúncio do novo milênio, pois política, econômica, cultural, tecnológica e socialmente, o século XX, o século das três guerras mundiais (a primeira, em 1914-1918, a segunda, em 1939-1945, e a Guerra Fria, em 1949-1989), já se renovara, ao menos, na sua divisão e organização geopolítica.

Cuba, Coreia do Norte e Vietnã continuaram comunistas, embora passando por graves crises; a China, todavia, para não sofrer um colapso econômico, realiza transformações desde os anos 1980, culminando na sua nova posição de potência global no novo século. De um país agrário e isolado, torna-se uma nação industrializada e exportadora. O impacto dessa transformação no mundo foi sentido de duas maneiras: o aumento do número de produtos de baixa qualidade nos mercados populares (cópias dos originais, igualmente feitos na China, mas vendidos em lojas de marcas famosas e com preços elevados) e desindustrialização das economias ocidentais, consequência da industrialização dos países dos Sudeste Asiático. O efeito cultural é um maior acesso a bens antes limitados (como camisas de time de futebol ou chuteiras e tênis), embora isso igualmente tenha gerado uma mentalidade de serem produtos descartáveis.

A Copa do Mundo está inserida nessas transformações. O aumento da cobertura midiática e da venda de produtos ligados ao evento a transformou no maior acontecimento esportivo, possivelmente no acontecimento com maior cobertura jornalística durante um curto período de tempo (o mês em que ocorre). A FIFA soube perceber as mudanças que o capitalismo estava passando e se aproveitar delas.

Para as Copas de 1994, 1998, 2002 e 2006 foram escolhidas as principais economias mundiais, uma forma de garantir um grande lucro, alta organização, popularização do evento

em novas áreas, grande cobertura das mídias impressas e audiovisuais, bem como a certeza de que o torneio continuaria sendo uma competição de sucesso dentro e fora do campo. João Havelange tornou-se presidente da FIFA, em 1974, com o discurso de alargar o campeonato o máximo possível, tanto no número de seleções competindo como no número de ganhos financeiros e investimentos externos.

A FIFA deixava, paulatinamente, de ser uma mera associação esportiva para se transformar numa empresa e, posteriormente, numa multinacional, com capital entrando e saindo por vários caminhos. A Federação Internacional do Futebol Associado passou por mutações, tal qual a prática esportiva dentro e fora do gramado, para sempre poder se adaptar aos tempos correntes. O amadorismo, a ingenuidade e a simplicidade da gestão no início (1930 – 1950), copiando o modelo olímpico da época, a organização associativa (1954 – 1974), o modelo empresarial (1974 – 1994) e o modelo de companhia multinacional (1994 – hoje em dia) demonstram mudanças no próprio sistema capitalista em momentos diferentes.

A Copa já foi historicamente um evento no momento pré-Segunda Guerra Mundial, com a disputa em campo entre países democráticos contra autoritários, Guerra Fria, com altos e baixos na divisão ideológica entre capitalismo e comunismo, e agora era o símbolo da globalização do sistema, das relações, das pessoas, dos jogadores, que cada vez mais eram contratados por clubes de outros países. Essa mudança de prática era um exemplo da mudança de mentalidade. Já não havia mais necessidade de atrelar patriotismo ao fato de jogar no país, nem mesmo a função de representar a rivalidade entre nações. O número de atletas com novas nacionalidades, adquiridas nos lugares onde jogam, e não nos lugares onde nasceram, aumenta consideravelmente.

A Alemanha reunificada era a favorita para sediar a competição de 1994, mas a proposta norte-americana saiu vitoriosa ao final das rodadas de votação. Pela popularização do futebol nos Estados Unidos, a FIFA achou melhor expandir sua influência numa terra ainda pouco explorada por esse esporte, devido à cultura do beisebol, do basquete e do futebol

americano. O mais curioso é que, ao final da competição, esse torneio foi o que obteve o maior número de média de espectadores da história das Copas.[195] Essa estatística é compreensível levando em conta a quantidade de turistas que viajaram para assistir os jogos e do preço mais barato em dólar.

Em 1998 a proposta alemã foi derrotada pela francesa, que sediaria a Copa pela segunda vez, sessenta anos depois. Na primeira fase, o número de seleções aumentou de vinte e quatro para trinta e dois, aumentando as competidoras da África e da Ásia. O objetivo era, externamente, aumentar a quantidade de espectadores por meio do rádio e televisão. Internamente, a FIFA estava cedendo às pressões das federações africanas e asiáticas, cujos continentes são os mais populosos e com maior número de grandes nações. Uma vez que a FIFA não queria diminuir o número de países de Europa e América do Sul, decidiu acatar mais participantes. A seleção alemã, campeã em 1990, não obteve bons resultados nem em 1994 e nem em 1998, sendo eliminada nas quartas-de-final.

A Copa de 2002 foi novamente uma Copa para levar o futebol a lugares onde ele ainda passava por um processo de expansão da popularidade: Japão e Coreia do Sul. A Alemanha, dessa vez, apresentou um futebol de resultados positivos e chegou à final, se tornando vice-campeã. O sucesso animou a Federação Alemã de Futebol, que lançou o país novamente como candidata-sede. Para 2006, a favorita era a África do Sul. Por 12 votos a 11, a Alemanha ganhou, na última rodada, o direito de realizar o torneio.[196]

Para a Copa de 2006, doze sedes foram escolhidas: Berlim, Munique, Dortmund, Stuttgart, Gelsenkirchen, Colônia, Hamburgo, Leipzig, Frankfurt Nuremberg, Hanover e Kaiserslautern. De todas elas, apenas Leipzig havia ficado no lado oriental na época da Guerra Fria. Esse dado é um ponto interessante, pois mostra o desnível entre as duas partes da Alemanha reunificada. O governo alemão ocidental havia aprovado um plano econômico e

[195] Consultado em http://www.fifa.com/tournaments/archive/worldcup/usa1994/index.html no dia 18/11/2014 às 16:11.
[196] Consultado no dia 18/11/2014 às 16: 41 em http://www.bbc.co.uk/portuguese/forum_copa.htm

investido no lado oriental para equalizar a produção industrial, mas a diferença, após 16 anos, ainda era grande. Com o país reunificado, alemães orientais podiam se mover para o lado europeu ocidental, num fluxo tão grande quanto o anterior à construção do Muro de Berlim, bem como ocidentais compravam estabelecimentos no lado oriental, mas a preços baixos e mantendo os empregados com baixa remuneração. Ao invés de resolver a divergência econômica, a reunificação a acentuou. Embora, por ser a maior economia do continente e a quarta do mundo, a nação tenha enriquecido cada vez mais e investido cada vez mais para aumentar a produção no antigo Estado comunista, melhorando a qualidade de vida, a taxa de desemprego aumenta progressivamente. O principal motivo é o redirecionamento estrutural econômico resultado da mudança global do capitalismo. Numa época em que a industrialização já vinha perdendo força, era complicado reorganizar o parque industrial ultrapassado do leste alemão. Em 1998, a democracia cristã de Helmut Kohl, o chanceler da reunificação, cedeu lugar à social-democracia, de Gerhard Schröder, que voltavam ao poder após 16 anos. O objetivo de implantar um sistema com maior justiça social, esperança dos eleitores, foi desaparecendo ao longo do mandato do SPD, que temendo fazer com que a Alemanha perdesse competitividade, adotou medidas neoliberais. Em 2005, o descontentamento ocasionou a volta da democracia cristã liderada por Angela Merkel, nascida na Alemanha Oriental e habitante até 1990. Nesse período de transição, a Copa do Mundo aparecia como oportunidade de integração e crescimento.

O lema escolhida para a Copa foi “Die Welt zu Gast bei Freunden” (literalmente “O mundo como convidado por amigos”, usualmente traduzido como “Um tempo para fazer amigos”), que buscava transmitir a noção de um acontecimento baseado na amizade, na cooperação e no sentimento aberto ao acolhimento. Naturalmente, para a administração, o ponto fundamental era retirar a economia alemã da recessão. Para tal, 1,38 bilhão de euros foi

investido nos estádios e 3,7 bilhões em infraestrutura.[197] O número somado de espectadores nos estádios foi de três milhões, significando que por volta de um milhão de pessoas visitaram o país durante a competição.[198] Sem contar os gastos que não foram oficialmente contabilizados (como com prostituição, atividade legalizada). O ganho econômico com o torneio foi inegável e serviu para usar como propaganda o alto grau de organização e eficiência da sociedade germânica.

Dentro de campo, em relação ao desempenho da seleção, e fora de campo, em relação à torcida, à segurança, à mobilidade urbana e à acolhida dos estrangeiros, a expectativa era, inicialmente, negativa. A ideia dominante era a de que iria ocorrer uma reunião de pessoas com mau-comportamento em curto espaço de tempo e local. Tal qual nas edições anteriores, o campeonato nacional só foi paralisado duas semanas antes do evento e a seleção, que não precisou disputar as eliminatórias por ser o país-sede, havia sido derrotada num amistoso contra a Itália por 4 a 1. O próprio capitão Michael Ballack, um jogador vindo da Alemanha Oriental, aguardava uma apresentação ruim e rápida eliminação logo na primeira fase.[199] O esperado era um vexame geral: derrota nos gramados e desordem nas ruas, além do dinheiro jogado fora. Mas o que aconteceu foi o oposto da visão pessimista.

Assim como a DFB (a Federação Alemã de Futebol), a FIFA também buscava realizar um evento sem nenhum conteúdo nacionalista pró-germânico. Todavia, embora um patriotismo do país-sede não fosse apoiado, favorecido ou respaldado, os organizadores esperavam, obviamente, receber um retorno financeiro e movimentar as finanças a partir de produtos ou ocasiões que valorizassem o sentimento nacional, seja de quem for. Uma atividade feita pela FIFA é a FIFA Fan Fest, que consiste em espalhar telões com a

[197] Consultado no dia 18/11/2014 às 18:20 em: http://www.bmi.bund.de/SharedDocs/Downloads/DE/Veroeffentlichungen/wm2006_abschlussbericht_der_bundesregierung.html?nn=110430

[198] Consultado no dia 18/11/2014 às 18:29 em: http://www.fifa.com/tournaments/archive/worldcup/germany2006/

[199] Consultado no dia 18/11/2014 às 19:00 em: http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1193325-5187,00.html

transmissão oficial do jogo em vários pontos das cidades-sede ou num ponto específico, para reunir os torcedores que não obtiveram o ingresso para o estádio, mas não querem assistir a partida em casa. Ocorre, assim, uma grande aglomeração para os fãs do esporte que querem se reunir com seus amigos e/ou parentes para verem o jogo ao ar livre. Essa FIFA Fan Fest foi um primeiro ponto positivo para o desenvolvimento de um orgulho nacional, porque permite que as pessoas se reúnam para compartilhar seu sentimento e sua torcida pela seleção nacional. Embora não haja uma sensação de comunidade ou de identidade *a priori*, unicamente pelo fato de estarem juntos, existe ali a condição necessária para que isso ocorra: uma multidão de indivíduos reunidos para partilharem um desejo comum relativo à nação ou aos seus compatriotas. A FIFA Fan Fest favorece o fervor patriótico dos torcedores.

O segundo ponto importante é a venda de souvenirs ou produtos licenciados relativos ao fenômeno da Copa do Mundo. Comerciantes de rua, na maioria dos casos, vendem bandeiras, cornetas, matracas, camisas, bonés, pingentes, chaveiros, lenços, óculos, chinelos, colares, adesivos, todo tipo de acessório possível, barato e em grande quantidade, nas diversas cores nacionais dos países competidores naquela edição. A FIFA ainda disponibiliza bolas oficiais, bonecos do mascote, além das federações venderem camisas personalizadas com o nome dos jogadores ou customizadas. Assim, o comércio favorece a ligação do indivíduo com sua nação, do torcedor com sua seleção.

Na mídia impressa, naturalmente havia diferenças entre BILD e FAZ. A primeira diferença, resultado da popularização da internet no fim dos anos 1990 e início dos 2000, era no formato. O FAZ, que anteriormente era só baseado em texto, passou a colocar imagens também, com fotos centralizadas nas matérias. Era uma maneira de melhorar o visual preto e branco tradicional que cada vez mais perdia sentido num mundo dominado por cores e textos dinâmicos. Por outro lado, o BILD, que sempre foi imagético, diminuiu a quantidade de texto e aumentou a interação entre figuras. Para continuar vendendo o mesmo, o FAZ precisou se aproximar da jovem intelectualidade e o BILD sacrificava cada vez mais o conteúdo escrito

em prol das fotos. Antes do início do evento, enquanto o FAZ mostrava a habitual falta de entusiasmo e visão crítica do fenômeno, o BILD buscava alavancar as vendas com uma promoção que consistia em tatuagens adesivas e bandeiras destacáveis que vinham junto com a edição do dia. "Finalmente a festa vai começar", diz o tabloide. "Pegue os tattoos do BILD".[200]

A abertura foi no dia 9 de junho, às 18 horas, contra a Costa Rica. A vitória de 4 a 2 e a surpresa da boa reação do público e do bom funcionamento de tudo levou o BILD a propagandear a boa imagem que a competição parecia vir a apresentar: "Esperamos que essa Copa nunca termine!" diz o jornal. "Um primeiro balanço do BILD: tudo o que antes havia sido denegrido e achincalhado, funcionou. Os "experts" profetizaram caos por toda parte, hooligans irados brigando nas ruas, trânsito nervoso, problemas com os tickets. Tudo bobagem!". [201] Na mesma página há imagens de torcedores pintados com as cores nacionais, inclusive meninas com biquínis em preto, vermelho e amarelo ouro. Na edição de 12 de junho, começa uma campanha abertamente pró-patriotismo festeiro, com imagens feitas pelo jornal de mulheres nuas envoltas na bandeira alemã.[202]

O lema do jornal varia do "Schwarz-rot-gold" (preto, vermelho, ouro), para "Schwarz-rot-glück" (preto, vermelho, sorte) e "Schwarz-rot-geil" (preto, vermelho, sexy), esse último se transformando no mote da publicação até o final do campeonato. Mas no dia 13, antes do segundo jogo da seleção, o FAZ já começa a levantar suas críticas e publica um pequeno editorial contra tais atitudes:

> O abafo da Copa: podemos descrevê-lo? Ou seremos privados de nossa cidadania? Você pode escrever quão assustador é o nosso novo orgulho nacional do futebol. Sem nós como décimo segundo homem não ganharemos, dizem, mas precisamos também nos untar com as cores preta, vermelha e dourada no rosto e vestindo chapéus parvos? Nós temos que levantar a bandeira alemã no nosso carro todas as manhãs? Beber cerveja "Ação Copa do Mundo" do Lidl? Será que temos de ler em imagens que batemos a Costa Rica em pedaços?

[200] BILD, 9/6/2006, p. 1.
[201] BILD, 10/6/2006, p. 6.
[202] BILD, 12/06/2006, p. 1 e 5.

> Mas isso não é tudo, temos não só o compromisso com o patriotismo, mas também a hospitalidade intransigente. Uma recepção calorosa, Mister Hooligan, você pode dormir no meu jardim, não há problema! E enquanto nós ainda estamos praticando a caminho de um orgulho nacional cosmopolita, com o sorriso do nosso Presidente, temos um pequeno problema: um único bilhete para um único jogo. Ficamos em casa - verdadeiros patriotas.[203]

A crítica do FAZ é clara em relação à maneira como os jogos estariam sendo encaminhados: a Copa é um evento da FIFA que um país específico aceita realizar, mas é para todo o mundo, ou seja, enquanto o ônus seria dos cidadãos, as entidades administrativas e os turistas ficariam com o bônus. Para além disso, soma-se o comportamento patriótico festeiro ou popularesco das pessoas e das grandes empresas capitalistas, forçando o indivíduo a fazer parte dessa festa do futebol e do nacionalismo. A interpretação de que o futebol serve como ferramenta de alienação das massas, aqui, aparece na sua visão invertida, ou seja, como um impositivo ao indivíduo para se sentir pertencente à comunidade nacional. O FAZ liberal recusa a proposta festiva do BILD, que mascararia um nacionalismo raso através de uma falsa alegria em celebrar a nação.

O BILD, ao contrário, pergunta: "de onde vem o nosso novo belo sentimento nacional?". Essa é a questão que todos aparentemente se fazem. Após o início da Copa, subitamente, a maneira dos alemães agirem, bem como a imagem dos estrangeiros sobre eles, mudara repentinamente. O jornal entrevistou Matthias Matussek, editor da "Der Spiegel", para tentar compreender o que estava acontecendo. As principais partes:

> **BILD**: Milhões de alemães balançam suas bandeiras ou as penduram nos carros e nas janelas de casa. De onde vem isso?
>
> **Matussek**: Toda nação precisa de sua autocelebração. Os ingleses, os americanos ou os brasileiros fazem isso também. Nós pouco festejamos nossa terra. Até o Chanceler Willy Brandt foi criticado por certos círculos por cantar o hino. Mas isso é passado. Nós confiamos em mostrar nosso sentimento patriótico. Porque demonstramos um patriotismo por nossa terra,

[203] FAZ, 13/6/2006, p. 74.

> porém respeitamos também a terra dos outros. Isso é patriotismo no melhor sentido!
>
> **BILD**: Por que floresceu nos corações dos alemães agora na Copa?
>
> **Matussek**: Porque as pessoas sabem que a Copa do Mundo é a única chance que temos de refutar todos os preconceitos que temos conosco e mostrar que o sentimento nacional não é algo maligno, ao contrário, é até natural, leve, que faz dançar. Antes era algo tenso e burguês. Mas as pessoas se identificam agora mais positivamente com o país.
>
> **BILD**: Em 1974 nós fomos campeões. Apesar disso, demonstrar o sentimento nacional era visto com desaprovação. Por que o patriotismo na Copa de 2006 é instantaneamente "cool"?
>
> **Matussek**: Eu creio que as pessoas percebem que, desde a Segunda Guerra Mundial, muito tempo se passou. Elas percebem que a Alemanha, mais do que qualquer outra nação, trabalhou afirmativamente sua culpa. Com todo esse conhecimento, podemos mostrar algo de positivo no futuro.
>
> **BILD**: Esse sentimento irá embora depois da Copa do Mundo?
>
> **Matussek**: Eu creio que, naturalmente, será mais fraco. Mas as pessoas irão lembrar com saudade desses dias.[204]

A análise defendida por Matthias Matussek, da "Der Spiegel", e incorporada pelo BILD, na entrevista, transmite o ideal de naturalização do nacionalismo como sentimento puro.

A Alemanha enfrentou a Polônia no dia 14 de junho e a euforia aumentou com a vitória de 1 a 0 sobre o país vizinho, menos para o Sindicato de Educação e Ciência e o Departamento de Polícia. No primeiro caso, o FAZ divulgou no dia 16 de junho um pedido do Sindicato dos educadores e cientistas para mudar as estrofes do hino alemão:

> "Embora mais raramente, o primeiro verso nacionalista pode ser ouvido, a melodia desperta sozinha em parentes das vítimas as más lembranças da Segunda Guerra Mundial", disse o presidente do Sindicato dos professores do estado de Baden-Württemberg, Rainer Dahlem. A Alemanha é um país de imigração: "Nós, alemães, temos que mudar [o hino] se necessário, pelo processo de integração. Conseguir um novo hino nacional poderia ser uma pequena ajuda".[205]

[204] BILD, 12/6/2006, p. 2.
[205] FAZ, 17/6/2006, p. 40.

O pedido apareceu juntamente com outra situação curiosa: os policiais de Berlim estavam seguindo a onda patriótica e colocando bandeiras alemãs nos automóveis oficiais, que são pintados nas cores verde e branca. O Chefe de Polícia ordenou que todos os acessórios fossem retirados, pois é ilegal mantê-los ali, apesar da campanha do jornal BILD e do desejo dos policiais de usarem esses apetrechos.[206] O problema das bandeiras foi resolvido com a remoção delas, mas o hino se manteve. No dia 18, o FAZ publicou um artigo sobre o espanto de observar a festança nacional alemã:

> Nós não somos assim: entusiastas e disciplinados os alemães festejam a Copa e a si próprios. Soltos e leves, entusiastas e patrióticos - os alemães não se reconhecem depois de uma semana da Copa do Mundo. Será que somos nós realmente? A nação de chorões, medrosos, reclamões e autodepreciadores? De repente, nós somos muito diferentes, nos amamos e somos amados. Centenas de milhares de pessoas celebram nas ruas de preto, vermelho e dourado. Anos atrás, eles eram considerados por muitos como irremediavelmente nacionalistas desatualizados ou apenas uma exigência legal para cerimônias estatais - agora você vai para rua relaxado com as cores nacionais. Os alemães mostram a bandeira em carros e janelas, em camisas, bandanas, meias e perucas. Pela primeira vez, desde a Queda do Muro, a Alemanha celebra a si mesmo, sem vaidade nacional, mas com uma autoconfiança saudável.[207]

O articulista finaliza afirmando que o que permanecerá é a percepção de que os alemães estão lidando melhor com o patriotismo e sentem-se bem em serem alemães. Essa conclusão não demonstra uma mudança na forma da publicação enxergar o fenômeno da Copa do Mundo ou do patriotismo/nacionalismo, mas deixa a crítica de lado em relação à maneira com que os outros relacionam uma coisa com a outra. Embora o FAZ não tenha modificado sua visão de que política e esporte não devam se misturar, ele já não critica isso na atitude dos outros, diferentemente do que fez em 1954 e 1974. A postura de 1990, que se alegrava moderadamente com a conquista no ano da reunificação, parecia ser a mais adequada a 2006. Os jornalistas não eram os mesmos de dezesseis anos antes, portanto, não agiam como se tivessem vivenciado a Copa de 1990, mas eram novos escritores formados na intelectualidade

[206] BILD, 13/6/2006, p. 10.
[207] FAZ, 18/6/2006, p. 10.

liberal cosmopolita, que repetiam esse pensamento. O jornal BILD fazia questão de mostrar, na edição do dia 16, uma grande foto da Chanceler Angela Merkel no estádio comemorando um gol da seleção.[208]

No dia 20 de junho, a Alemanha derrotou o Equador, último adversário da primeira fase, por 3 a 0, classificando-se em primeiro lugar do grupo A. Ambos os jornais publicam, no dia vinte e um, artigos sobre como os jornalistas estrangeiros também estavam admirados com os alemães, com suas bandeiras e com as cores pintadas em todos os lugares.[209] A imprensa internacional parecia ter sido a primeira a notar a diferença do estereótipo alemão sério de antigamente para a alegria e vibração atual. Mesmo assim, essa abertura não era compartilhada por todos. A vitória no dia 24 de junho contra a Suécia (2 a 0) fez com que o FAZ publicasse no dia seguinte uma irônica enquete com o título: "você é um patriota relaxado?". A pesquisa consistia em onze perguntas irônicas sobre como agir durante o jogo, das quais destacamos as quatro principais:

> **Pergunta 1**: O que você faz quando toca o hino nacional?
>
> a) se levanta e canta todos os três versos
>
> b) desliga o som
>
> c) vai rapidamente obter cerveja
>
> d) faz gestos obscenos em direção a TV
>
> e) se surpreende sempre com a palavra chique "promessa"
>
> Avaliação: a = 9, b = 1, c = 2, d = 0, e = 3 pontos
>
> [...]
>
> **Pergunta 4**: O que você acha da bandeira alemã?
>
> a) preto, vermelho e sexy

[208] BILD, 16/6/2006, p. 10.
[209] FAZ, 21/6/2006, p. 41 e BILD, 21/6/2006, p. 8.

b) na moda é difícil de combinar

c) recentemente, muitas vezes, achei na beira da autoestrada

d) problemática e terrível - penso só no "Quarto Reich"

e) tudo bem sem os símbolos comunistas

Avaliação: a = 9, b = 3, c = 2, d = 0, e = 0 pontos

Pergunta 5: Como atualmente se parece sua casa?

a) Na minha varanda há uma bandeira da Alemanha

b) Na minha varanda há uma bandeira da Alemanha, em que eu costurei uma pomba da paz

c) Na minha varanda estão pendurados alguns gerânios murchos

d) Na minha varanda há as bandeiras de todos os 32 participantes da Copa do Mundo, bem como as bandeiras de todos os países, que, infelizmente, não se classificaram

e) Eu pintei minha casa de preto, vermelho e dourado

Avaliação: a = 4, b = 3, c = 2, d = 0, e = 6 pontos

Pergunta 6: Como você expressa seu sentimento alemão?

a) Eu tenho meu cabelo raspado com fios preto-vermelho-ouro

b) Eu uso uma camisa irônica de campeão mundial de 1954

c) Eu uso uma camisa de campeão mundial em 1990 e um moletom

d) Eu uso uma camisa com "Morra, Alemanha"

e) Eu não visto nada e tento correr nu pelo gramado do estádio

Avaliação: a = 6, b = 2, c = 9, d = 0, e = 3 pontos

[...]

0-10 pontos

Seu Antigermanismo é muito alemão em suas consequências. Sua resistência antifascista e antimilitarista geralmente é louvável, mas aconteceu 60 anos tarde demais. Você deve deixar periodicamente o pensamento de que você não vive em um estado de terror e de que a política externa da República Federal da Alemanha é apenas moderadamente agressiva e imperialista.

11 a 30 pontos

> Você é sim um pacifista como as botas tipo de combate, ocasionalmente, você também gosta de usar sandálias com meias. No geral, você é certamente algo de relaxado - você poderia facilmente ser um cidadão de Trinidad e Tobago, Mongólia ou Liechtenstein. O seu país interessa pouco e a Copa do Mundo também. Esclarecido e urbano, à primeira vista, mas talvez você seja apenas um desapaixonado liberal.
>
> 31-39 pontos
>
> Você é a Alemanha.
>
> 40-59 pontos
>
> Aconselhamos a eventuais exercícios de relaxamento desnacional. Faça uma tentativa com a meditação oriental, danças latinas ou qualquer curso de língua - uma língua estrangeira de preferência, porém. E você deveria ficar por um tempo sem ler o jornal BILD.
>
> 59-105 pontos
>
> Em seu lado direito do cérebro há claramente uma área vazia e em qualquer caso, há uma zona nacional liberada. Nós não estamos inteiramente certos se isso é mesmo ainda tratável, e permite que você assista a proteção constitucional, portanto, até novo aviso, aguarde. Mais cabelo ficaria melhor em você de toda maneira.[210]

A crítica mordaz foi substituída por uma crítica irônica, porque nenhum tipo de "efeito colateral" apresentava a manifestação do orgulho nacional dos torcedores alemães. A Copa do Mundo catalisava a vontade de celebrar a nação como todos os povos fazem. Nenhuma briga, nenhuma luta, nenhum desentendimento ou nenhuma guerra foi gerada por causa disso. Nesse sentido, os torcedores e os atletas sabem muito bem separar política de esporte. Apesar da disputa entre BILD e FAZ pela conquista da opinião dos leitores, estes são muito mais autônomos do que aparentam. Os fãs do futebol, ou ao menos a maioria, celebram o país e o jogo sem fazer disso uma plataforma ideológica para uma ação social ou política. Enquanto o BILD busca juntar e o FAZ separar, os torcedores sabem diferenciar até mesmo o posicionamento dos jornais e serem críticos a ambos, agindo de uma maneira própria.

No dia 30 de junho, a Alemanha enfrentou a Argentina pela semifinal. O jogo terminou em empate de 1 a 1 e vitória de 4 a 2 nos pênaltis para os anfitriões. Mais de um milhão de

[210] FAZ, 25/6/2006, p. 59.

pessoas estavam na FIFA Fan Fest de Berlim, mas a polícia quase não teve trabalho a fazer, segundo o BILD, na edição de celebração da vitória, que também mostrava autoridades presentes no estádio e na festa.[211] O FAZ citou o Primeiro-Ministro da Renânia-Vestfália, Jürgen Rüttgens, que afirmou haver detectado no júbilo dos fãs, usando bandeiras e cores nacionais, uma nova forma de patriotismo, baseado no compromisso e nos valores da comunidade nacional. É um patriotismo, todavia, absolutamente crítico e consciente da vergonha que foi o Holocausto, mas não há vergonha sobre a Alemanha, ele afirmou.[212] O destaque para essa afirmação está no relato do jornal em enfatizar que ele defende um "patriotismo crítico". Ao final de contas, essa é a postura que o FAZ, pouco a pouco, busca liberar como forma de atuação. O "patriotismo festivo" do BILD era como um adversário ideológico.

No dia 4 de julho a seleção anfitriã enfrentou a Itália na semifinal. Apesar da confiança que os alemães agora depositavam no time e na conquista da taça, os italianos sagraram-se vencedores por 2 a 0. "Sequem suas lágrimas, vocês são todos campeões!", afirmou o BILD. "Nós estamos em preto, vermelho e orgulho e deixaremos as bandeiras onde estão!" bradava o tabloide mais vendido do país, com seu usual discurso.[213] Em um artigo especial escrito pelo jornalista Jörg Quoos, há o título "a nova Alemanha":

> O que foi tudo isso para um povo de reclamões... 'A Copa vai ser muito cara! Os estádios são perigosos! Os turistas não são seguros para nós! A Alemanha é uma No-Go-Area!'. Assim nós nos arruinávamos com o pessimismo de sempre antes da Copa.
>
> E agora? Os alemães mostraram a todos os reclamões e pessimistas que nunca antes a Alemanha havia se apresentado tão alegremente como nos últimos 26 dias. Como se a Copa do Mundo tivesse explodido uma camada de pó cinza e de repente tudo se ilumina e brilham as luzes do país muito mais forte. Até mesmo a nossa bandeira preta, vermelha, dourada.

[211] BILD, 1/7/2006, p. 2.
[212] FAZ, 3/7/2006, p.
[213] BILD, 5/7/2006, p. 3.

> Até os últimos resmungões devem admitir: a Alemanha é habitável e apaixonante. A terra é maravilhosa e esconde muitas chances.
>
> Por isso a festa deve continuar. O novo humor, a autoconfiança, a boa vibração – tudo isso devemos manter no dia a dia. É exatamente esse ritmo que precisamos para superar os obstáculos do futuro.
>
> E toda a Alemanha deve se tornar uma 'No-Go-Area'. Mas para os desmancha-prazeres que dizem saber de tudo, porém nada fazem.[214]

A derrota não desanimou a linha de pensamento do tabloide, ao contrário, na mídia, o BILD parecia ser o principal representante e transmissor do que estava acontecendo. É claro que antes da Copa e em edições anteriores o jornal buscara ter a mesma atitude, porém, dessa vez, o público tomara a dianteira em seu afã de assistir os jogos e comemorar as vitórias pintado, gritando o nome do país e balançando a bandeira. A vibração começou nos torcedores e os jornais se posicionaram mais a favor ou contra.

O FAZ destacou a opinião política. O entrevistado foi o Presidente Horst Köhler, que junto com a Chanceler Angela Merkel, visitou o vestiário. Ele afirmou após a derrota que a seleção havia sido a campeã do coração das pessoas e achava positivo o patriotismo e a maneira como os cidadãos se identificavam com a nação e as cores nacionais. "Fico contente também de não ser a única pessoa que tem uma bandeira da Alemanha no carro", comentou. A Copa do Mundo também serviu, segundo o presidente, para melhorar a integração com os estrangeiros que vivem no país, pois eles apoiavam a seleção alemã também. "Nada melhor para a integração do que braços abertos".[215]

O BILD fez da frase "Vocês são os campeões do coração" a manchete do sábado, dia da disputa pelo terceiro lugar,[216] com vitória alemã por 3 a 1 sobre Portugal. No domingo, dia da final, houve uma festa pela manhã para os fãs, os jogadores e comissão técnica no Portão de Brandemburgo. "Obrigado pelo grande momento", afirmou o tabloide na capa em letras

[214] BILD, 5/1/2006, p. 2
[215] FAZ, 5/7/2006, p. 10.
[216] BILD, 8/7/2006, p.1.

garrafais.[217] Dentro da edição, uma carta que a Chanceler alemã escreveu para todos os cidadãos, parabenizando a seleção, o povo e os torcedores pela maravilhosa celebração que ocorreu e que durante muito tempo ainda ficaria na memória das pessoas.[218] Assim o BILD finalizou sua cobertura esportiva do evento.

O FAZ ficou ainda um pouco mais debatendo os acontecimentos, especificamente o modo de agir do público, que apanhou a todos de surpresa por sua espontaneidade e conforto em vestirem roupas com as cores da pátria, com bandeiras e pinturas por todo lado. Para a publicação, que, no início, colocava-se, como de costume, contrária a qualquer forma de patriotismo ou demonstração de orgulho nacional, as coisas haviam mudado um pouco, na forma de atribuir a sua opinião sobre a atitude dos outros.

No dia 8 de julho, dia em que a Alemanha jogaria pelo terceiro lugar, o FAZ colocou em sua primeira página o artigo "Nós, os fãs", no qual narrava como os torcedores alemães haviam mudado a realidade até então aguardada para o Mundial: festividade ao invés de rivalidade, celebração conjunta ao invés de brigas, apoio à seleção ao invés de críticas, mulheres e famílias ao invés de apenas homens, transformando um esporte de durões em personagens doces, como se a disputa esportiva tivesse sido um grande carnaval. Mas o que ganhou a sociedade com isso? Apenas a ilusão de que a comunidade está em boas mãos. Os problemas educacionais, sociais, econômicos e políticos continuam, o futebol não mudou e uma grande parte, talvez a maioria dos participantes da FIFA Fan Fest, foram mais pela festa do que pelo esporte. Essa sensação de alegria e escapismo seria o motor de todo o mundial de 2006.[219]

No dia seguinte, 9 de julho, dia da final, o artigo de capa intitula-se "O sentimento da Alemanha". Nele é discutido se os alemães gostam e querem viver bastante tempo em sua pátria. Após duas guerras mundiais e uma ditadura, parecia improvável que a reabilitação

[217] BILD, 10/7/2006, p.1.
[218] BILD, 10/7/2006, p. 6.
[219] FAZ, 08/07/2006, p. 1.

viesse dentro de um campo de futebol. Em 1954 a vitória na Copa teria ajudado os alemães a se identificarem mais com sua terra do que na época da República de Weimar, mesmo que, no caso do período da Guerra Fria, fosse apenas metade de uma nação. Em 1974 haveria uma consciência nacional sem paixão, uma identificação um pouco arrogante, porque ao invés de jogadores vindos de regiões de trabalhadores, dessa vez os esportistas vinham das áreas ricas altamente profissionalizadas. A Copa de 1990 teria dado um novo frescor e reunificou o cérebro de 1974 ao coração de 1954, junto com a nação. Dessa forma, 2006 seria como um festival onde pessoas com um mesmo desejo de celebração se encontram. Não existiria mais a "Alemanha sobre todos", mas sim a "Alemanha com todos".[220]

Novamente no dia 10 de julho, segunda-feira, o artigo de capa foi sobre a Copa do Mundo e tinha como título "República do futebol" e subtítulo "E o vencedor é... a Alemanha!". O articulista comentava a curiosa sensação de participar de uma FIFA Fan Fest e se sentir como se todos ali fizessem parte de uma irmandade fechada, apesar de haver uma multidão de pessoas. E deveria ser difícil para elas voltar ao cotidiano após o movimento que foi o Mundial, ainda mais levando em conta que o torneio seria mais lembrado pela festa do que pelas partidas, pelos fãs do que pelos jogadores. Esse "conto de fadas de verão" fez com que carreatas nas cores preta, vermelha e dourada acontecessem, bem como cantar o hino em uníssono e juntar a individualizada geração I-Pod. A melhor maneira de explicar esse fenômeno inesperado é entender que o futebol não tem como dono um grupo específico, pertence a todos, e, nesse caso, todos os que queriam aproveitar a competição se sentiam no direito de festejar e se divertir. O Presidente da FIFA Joseph Blatter queria que a África do Sul fosse a sede em 2006 e com um sorriso amarelo apresentou a Alemanha como vencedora para sediar a Copa. Mal sabia ele, segundo o jornalista, que estava afirmando um futuro de surpresa onde a Alemanha realmente venceria, não dentro do campo, mas fora dele.[221]

[220] FAZ, 09/07/2006, p. 1.
[221] FAZ, 10/7/2006, p. 1.

No último artigo, do dia 11 de julho, também na primeira página, "A festa acabou, mas a Alemanha mudou", com o subtítulo "O bom patriotismo". Algumas autoridades afirmaram que o mundo estaria, antes do mundial, com medo de um patriotismo exagerado, mas o entusiasmo, a abertura e tolerância foram os motes para pegarem todos de surpresa e gerarem um evento incrível. A Alemanha teria se modificado depois dessa Copa, fosse pela relação dos cidadãos com a bandeira nacional, fosse porque haveria um novo nacionalismo. O próprio Secretário-Geral Kofi Annan é citado com a declaração: "o espírito da amizade realmente captou todos aqui".[222]

Ao final desse capítulo, fica clara a importância das Copas do Mundo na História da Alemanha no pós-Segunda Guerra Mundial. Os dois principais jornais alemães, BILD, um tabloide voltado para as massas, e FAZ (Frankfurter Allgemeine Zeitung), publicação direcionada aos intelectualizados, rivalizaram na maneira de cobrirem as competições, mais favorável a um sentimento de orgulho nacional, como o primeiro, ou defendendo uma postura crítica de qualquer atitude nacionalista, como o segundo.

É curioso notar que o resultado dentro de campo era importante, mas parecia ser fora dele que aconteciam coisas realmente dignas de discussão. O debate meramente voltado ao estilo técnico dos jogadores, às vitórias, empates ou derrotadas, não importava tanto quanto a reação da torcida e sua relação com o que a nação representa. O esporte fora da arena onde ocorre é dotada de uma função dada pelo público, com altos graus de desavença e ideologia. É como se o jogo continuasse fora do gramado, por outros motivos. Os atletas dentro de campo buscam a vitória numérica baseada na quantidade de gols marcados – fora dele, as mentes e corações dos cidadãos estão em jogo, numa partida entre os porta-vozes dos grupos de que fazem parte. O jornalismo atuou em todas as áreas para poder ganhar seu próprio jogo, sua própria competição. Na sociedade, as disputas são mais complexas do que numa partida.

[222] FAZ, 11/7/2006, p. 1.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa se pautou pela necessidade de demonstrar como o esporte, no caso, o futebol e, especificamente, a realização de Copas do Mundo após a Segunda Guerra Mundial, foi importante para reconstruir o nacionalismo na Alemanha como expressão do sentimento de comunidade, prática da utilização de símbolos tradicionais, identidade para com o grupo de pessoas com valores comuns e valorização da nação. Nesse sentido, foi de suma importância investigar a ação de periódicos jornalísticos, tanto interpretando o que estava acontecendo em relação ao público quanto interferindo, instigando (BILD) ou criticando (FAZ), pois eram ao mesmo tempo meios de comunicação que analisavam e participavam dos acontecimentos em questão. Foram como atores e personagens ao mesmo tempo, pois não havia a possibilidade de distanciamento ou neutralidade, já que se encontravam dentro e não fora da situação.

Essa realidade dos jornais, simultaneamente investigativa e opinativa, buscando cobrir os fatos e defender posturas claras – e antagônicas – é importante tanto para compreender os eventos, quantos os periódicos e a própria situação social da Alemanha durante o período aqui abordado. Isto é, as três realidades – a dos torcedores, a dos jornais e a das posições políticas – aparecem ao mesmo tempo, juntas, na forma e no conteúdo, de maneira a esclarecer a questão e as interpretações que possamos buscar para entender o problema. Ou seja, as próprias fontes deixam à mostra a abordagem dos eventos, a atitude dos torcedores, suas análises próprias e posturas culturais e sociais, clarificando pertinentes perguntas e possíveis respostas, permitindo que a pesquisa possa avançar sem os percalços causados por falta de objetividade de fontes ou ações. É uma postura normal da sociedade europeia em geral e alemã especificamente de crer que a maior liberdade possível está em expressar claramente o que se pensa, para poder alcançar o que se deseja, e esse é o primeiro ponto positivo que auxilia numa pesquisa.

Outro ponto relevante que deve ser abordado é a própria continuação do evento estudado - a Copa do Mundo de Futebol -, que deixa a cada nova edição mais clara a importância do futebol, a atitude dos torcedores, a cobertura da imprensa e a manifestação dos sentimentos nacionais, instigados por governos ou grupos políticos. Conforme um evento é recorrente, ele se torna mais objetivo na sua expressão e organização – para poder expandir seu público e obter mais dividendos com o negócio -, o que auxilia igualmente na identificação do evento como atividade popular e rotineira. A Copa do Mundo, assim como os Jogos Olímpicos, foi estabelecida como uma competição realizada regularmente de quatro em quatro anos. A cada nova edição a popularidade e a cobertura – bem como os patrocínios – aumentavam e isso tornava as relações espectadores e a imaginação acerca do que representava o torneio mais estreitas. A relação entre expressar algum tipo de patriotismo e a manifestação em si foi se tornando mais forte, pela repetição da competição entre as seleções nacionais mundiais.

Tanto o evento quanto a cobertura dele foram clarificando a problemática que ele envolve, as questões que levanta e as possíveis hipóteses que permeiam a questão em tela. A relação entre patriotismo e esporte, nacionalismo e Copa do Mundo tornou-se cada vez mais forte por parte dos torcedores e clara por parte dos pesquisadores. Dessa forma, é possível afirmar que a repetição sistemática da competição é uma das causas do aumento da manifestação nacionalista dos cidadãos que tomam parte na torcida pelos seus países. A Copa do Mundo é um catalisador claro para o sentimento patriótico, ou seja, o evento por si só canaliza aqueles favoráveis às manifestações – exaltadas ou contidas – de apego à nação. Assim como permite, incentiva o sentimento nacional, pois ganha com isso. É uma relação onde os dois lados acreditam ganhar, os organizadores e os torcedores. Assim também fazem os jornais – clarificam a sua postura política para marcar posição e ganhar os leitores adeptos daquela visão de mundo.

A popularização do futebol no cotidiano das pessoas após a Segunda Guerra Mundial, pela sua própria atratividade ou falta de outras formas de entretenimento, fez da Copa do Mundo o evento mais popular do mundo e a realização da Copa ajuda a aumentar a própria popularidade do futebol. Os jornais aumentaram o espaço do futebol e da Copa ao longo dos anos em suas publicações, tanto porque essas passaram a ter maior participação na vida dos indivíduos quanto porque os próprios jornais divulgavam esses eventos para atrair o público leitor adepto desse esporte. Os periódicos ganhavam com a divulgação do futebol e o futebol se popularizava com a cobertura feita pela imprensa. A Copa do Mundo se tornou o evento esportivo de maior popularidade porque convergem as diversas expressões de grupos sociais atuantes na sociedade, dos meios de comunicação até partidos políticos, admiradores do futebol e nacionalistas.

Há nela uma combinação tão grande de possibilidades de ações por parte dos diferentes participantes que se tornou fácil para organizadores, comerciantes, políticos, torcedores e até críticos, utilizar o evento para tirar alguma vantagem financeira, eleitoral, ideológica ou de prestígio pessoal. A Copa do Mundo gerou um "espaço público" próprio e, claramente, se transformou em um campo onde seus adeptos queriam ser como jogadores e não apenas espectadores. A própria análise ou observação desse fenômeno já cria algum tipo de participação, seja por divulgação ou admiração. A popularidade desse esporte se encontra nisso: não há grande distância de importância para sua popularização entre quem está dentro e quem está fora do campo de futebol. A torcida e a mídia contam tanto quanto os jogadores e treinadores, os organizadores precisam dos políticos, que precisam do apoio dos cidadãos. Apoiando-se uns nos outros, todos fizeram a popularidade do futebol, nacional e internacionalmente, contribuindo para o sucesso do esporte – e obtendo parte dele também. Claro está a relação vantajosa para todos os lados participantes das diferentes dimensões do esporte.

Essas relações e essa popularidade do futebol são bem explicadas segundo a clássica análise de Emile Durkheim (A divisão do trabalho social, 1893). Durkheim, em sua obra supracitada, distinguiu dois modelos de sociedade de acordo com sua solidariedade social. Nas sociedades modernas, a mais complexa solidariedade "orgânica" - o modelo do organismo humano serve para explicar uma solidariedade impessoal, profissional ou inconsciente, por parte dos indivíduos (órgãos) – prevalece, pois a profissionalização e individualização dos membros geram um sistema onde eles não possuem mais a consciência do funcionamento do todo, mas exercendo a função particular, tal qual um órgão, fazem com que o organismo todo convirja na sua vida. Nas comunidades, menores e francamente mais tradicionalistas em relação à sociedade, existe uma solidariedade "mecânica" – o modelo da máquina serve para explicar uma solidariedade pessoal, próxima e consciente, por parte dos indivíduos (peças) – relativamente fixa e conservadora, busca fundamentar as relações na base da tradição, dando valor às pessoas e a solidariedade do grupo como circular, de todos e imutável.

A formação dos clubes e a associação constante e voluntária de torcedores e de jogadores ajudam a criar mecanismos contrários à individualização e profissionalização das relações sociais. É uma forma de criar uma comunidade dentro de uma sociedade. O futebol une tanto quanto divide, pois permite a seus adeptos, de alguma forma moderna, voltar ao antigo sentimento de comunidade, destruído ou perdido ao longo da modernização. É possível usar essa mistura de esporte, entretenimento e representação para criar novos laços humanos em substituição aos laços comunitários rompidos. Os clubes ajudam a promover uma socialização dos seus torcedores nos níveis municipais, regionais, nacionais e internacionais. A seleção nacional também catalisa o mesmo tipo de relação entre as pessoas, sejam elas cidadãs daquele país ou admiradores da nação ou do time em questão. A modernidade gerou comunidades dispersas de associação livre.

Na sociologia, questões como solidariedade, ordem social e continuidade política são centrais para os pesquisadores que trabalham com a tradição durkheimiana. Seu argumento é de que a vida moderna em sociedade tende a quebrar a lógica da comunidade; a industrialização, a urbanização, a rápida mobilidade social e geográfica e divisões de trabalho mais complexas desintegram a vida comunitária e as identidades sociais estabelecidas nos grupos tradicionais da Antiguidade e Idade Média. Paulatinamente, a partir da Idade Moderna, o desenvolvimento do mercantilismo, do capitalismo, do colonialismo e do Iluminismo como arcabouço ideológico da Europa vindoura resultaria na destruição da tradição antiga e medieval, do feudalismo, de uma vida idílica no campo, do predomínio da religião e da divisão rígida em grupos sociais comunitários distintos. As identidades de grupo que haviam sido forjadas, pouco a pouco, durante séculos, agora entravam em franco declínio com a modernidade europeia tecnológica, intelectual e expansionista. Todavia, o esporte pode restaurar muito desse dano social causado pela modernidade ao sentimento de grupo, muitas vezes, dando até ao indivíduo um sentido para a sua existência, intensificando os vínculos culturais e a integração social de pessoas diferentes dentro das sociedades modernas, funcionando como valor comum.

A Copa do Mundo catalisa e, comumente, simplifica a manifestação das identidades nacionais construídas cultural e politicamente a partir das mais diversas tensões sociais, criando uniformidade onde não existe, porém isso é uma consequência clara do próprio esporte em si, da forma de ser organizado e de torcer. Ou seja, a competição dá uma impressão de igualdade onde existe diversidade, de organização onde há tensão, de paz onde há conflito, de respeito às regras onde há desrespeito às leis. Entretanto, o próprio futebol e o torneio são uma representação dessas oposições, rivalidades, dilemas e diferenças. O futebol foi sendo construído como as nações.

No caso alemão, exemplificando, a sociedade foi reconstruindo a nação com o uso do futebol, tanto quanto da política, da economia, da religião e da cultura. E isso foi sendo feito sem o apoio do Estado, temeroso dos resultados que poderiam advir de uma utilização indevida de algo que deveria ser mera prática atlética ou entretenimento de fim de semana. A política oficial de Estado na República Federal da Alemanha – e na República Democrática Alemã também - era antinacionalista, de 1949 até 1989, substituída pela doutrina marxista no leste e por um conservadorismo liberal reformista no lado ocidental. O temor permanente da volta do nazismo, fosse como fosse, viesse de onde viesse, restringia qualquer postura que aglomerasse muitas pessoas pelo mesmo motivo. Nem o esporte estava a salvo, porque qualquer coisa poderia ser usada como instrumento de uma volta ao nacionalismo exacerbado.

Se, para as autoridades, fazia total sentido restringir qualquer tipo de expressão patriótica, para o "cidadão comum" essa suposta necessidade estava além da realidade em que viviam. A derrota na guerra e a desmobilização das Forças Armadas, bem como a ocupação militar por parte dos Aliados, já havia sido o suficiente para impedir qualquer retorno ao poder de um "Quarto Reich". A sombra do nazismo havia desaparecido, mas não seu fantasma, embora esse nada fosse do que uma lembrança do que havia sido feito. O nazismo fora derrotado completamente em 1945, a Alemanha havia sido destruída, o moral e a autoestima dos alemães estavam em seu nível histórico mais baixo e até a própria nação havia sido dividida. Nada mais sobrara, nem mesmo a identidade comum, nem a tradição germânica, nem o apego à pátria. Isso significa dizer que a economia estava em depressão e precisaria de muitos empréstimos e esforço dos trabalhadores para voltar ao nível de crescimento; a sociedade estava dividida, envergonhada, humilhada pela derrota, pelo que fizera e pelo que sofria; a cultura, desmoralizada, sem valor, reduzida ao mínimo de importância. E a política?

A política era, no fundo, o foco da destruição e da reconstrução. Mas a política está em todos os níveis da vida em sociedade e em formas diferentes, para o político profissional e para o povo. Ou seja, a realidade institucional burocrática era uma, e a realidade cotidiana dos cidadãos era outra, desde a mentalidade até a maneira de agir em relação aos Aliados, aos estrangeiros, ao conservadorismo liberal reformista e ao que fazer para reconstruir a Alemanha destruída. Isso estava claro porque, se a maioria da população havia apoiado e lutado pelo Terceiro Reich, como seria possível que, depois da implantação em ambos os Estados de regimes pluripartidários com eleições, tudo houvesse mudado, desde os ocupantes dos cargos oficiais até o pequeno comerciante, o profissional liberal ou o esportista? A iniciativa aliada da desnazificação deveria resolver esse problema, pois reformava o "modelo prussiano", responsabilizado pela origem de tudo, trocando-o pelos valores de democracia, liberdade e igualdade. A estrutura administrativa pública, a cultura, a imprensa, as Forças Armadas, o Judiciário e a educação foram os focos. Mas o que fazer com as pessoas que apoiaram o nazismo?

A desnazificação era clara para a estrutura governamental, mas seria insuficiente para o resto da população. A solução adotada pelos Aliados, em ambos os lados, foi seguir com a desnazificação até o limite da realidade existencial, transformando desnazificação em "desgermanização". A culpa pelos crimes de guerra não estaria apenas no nazismo, mas no comportamento germânico em si, pois o nazismo não poderia existir sem a utilização da ideia de "germanidade". Ou seja, não bastaria despolitizar a população em relação a sua conduta de apoio ao nacional-socialismo, era igualmente forçoso mudar o próprio comportamento cultural germânico que os alemães tiveram até então, seja por adotarem um modelo prussiano de militarismo, seja pela rigidez da estratificação social baseada na velha aristocracia, seja pela crença na divisão regional e em grupos, que favorecia uma visão romântica do coletivismo comunitário.

A transformação da desnazificação em combate à germanidade encontrou, todavia, forte resistência no governo federal alemão pós-1949 e na população. Não era possível administrar sem contar com o apoio de ex-membros do governo hitlerista. A saída foi anistiar todos os que não haviam dado ordens expressas de execuções civis, ou seja, os participantes dos escalões mais baixos do Partido Nazista, e permitir que eles ocupassem cargos públicos como outrora. As forças aliadas ocidentais nada fizeram contra essa medida. No âmbito burocrático, a República Federal estava perdoando os "cumpridores de tarefas" da Alemanha Nazista. Isso era visto como uma necessidade administrativa ou a estrutura não funcionaria.

No tocante à reconstrução identitária alemã, a ordem ainda era dar preferência ao ascetismo institucional, sem símbolos, sem cores, sem hino, sem bandeira. Essa situação não poderia perdurar por muito tempo, e na mesma época (1951-1952) em que a anistia foi aprovada, o governo decidiu adotar nova simbologia nacional desligada da tradição alemã. Dessa vez, o povo, em sua maioria, não aceitou. A bandeira da República de Weimar (preto, vermelho, amarelo-ouro), que fazia referência aos combatentes antinapoleônicos, voltou. Um concurso foi realizado para a escolha de novo hino, mas não funcionou; a população rejeitou e pediu a antiga melodia de volta. A solução foi cortar as estrofes iniciais – excessivas, na visão do governo – e ficar com a terceira estrofe, sobre justiça, liberdade e unidade. Não havia como gerar uma nova nação desconectada da antiga. Isso estava bem mais claro para as pessoas, em seu dia a dia. Após a Primeira Guerra Mundial, o *Kaiser* abdicara, e o Império Alemão desaparecera, dando lugar à Alemanha. Desta vez, o *Führer* morrera e o Império Nazista havia igualmente desaparecido, surgindo duas Alemanhas, ou uma só dividida em duas. O que mudara substancialmente, que não a forma da autoridade? O que havia de alemão desde 1871 ainda, por certo, existiria, isso não iria mudar, e os alemães agiam como se assim fosse.

Foi nesse contexto conturbado de construção e reconstrução, com ideias distintas misturadas na realidade do pós-guerra, que os alemães, com e sem autoridade, viram-se no meio dos anos 1950, quando dois fatos apareciam concomitantemente: o milagre econômico e o retorno alemão ao cenário internacional. Stálin, líder da União Soviética, sugeriu uma reunificação pacífica em 1952, criando uma Alemanha capitalista neutra, desmilitarizada, mas houve recusa por parte do lado ocidental. A Alemanha encontraria um caminho próprio de união ou ficaria o tempo que fosse, dividida mesmo, desde que houvesse a possibilidade por parte do governo de fazer escolhas globais livres de pressão. O problema era que, além da desnazificação e da "desgermanização", a proposta de Stálin representa bem a situação dos alemães e, ao longo do século XX, do mundo ocidental, no tocante à lógica de grupo, resultado da profissionalização, especialização e individualização da vida em sociedade, já apontada como um dos fatores para a extrema popularidade do futebol: a desagregação social dos indivíduos.

A desnazificação alcançara a mudança estrutural da administração pública alemã, baseada na época do nazismo em rígida hierarquia, partidarização e militarização da autoridade, estratificação social e doutrinação ideológica. A nova postura institucional era democrática, liberal, defensora do livre-mercado e da livre-iniciativa. O processo de desnazificação se encerrou no início dos anos 1950, antes de gerar alguma forma de "desgermanização", isto é, quando a lei de anistia aos ex-nazistas de baixo escalão foi promulgada, não só o processo de desnazificação por parte dos Aliados já parecia ter chegado ao fim de sua utilização e necessidade, como ele não poderia seguir adiante e atingir a germanidade da nação. Ou seja, passar da reforma administrativa para a reforma cultural estava além das possibilidades das forças ocupantes. No entanto, uma reforma social e educacional a partir do campo do trabalho era possível, incentivando a dissolução de grupos em prol do profissionalismo e do individualismo.

A função do futebol na sociedade alemã do pós-guerra começou a ser vista logo em 1949, quando os campeonatos oficialmente organizados voltaram a acontecer, e essa atividade era a que melhor preenchia o vazio nacional criado pelo reformismo liberal das potências estrangeiras e do governo recém-instaurado. O futebol permitia aos alemães terem uma prática esportiva e um entretenimento que recriava o que havia desaparecido na sociedade – a solidariedade da comunidade e o objetivo comum de um grupo – e que expressava certo jeito de ser daqueles que jogavam e torciam. Dessa forma, o futebol se tornou a única atividade restante que permitia a germanidade alemã. Todo o resto, sobretudo o sentimento de superioridade da cultura clássica alemã, havia desaparecido, estava proibido ou era desestimulado. Só nas associações esportivas, nos partidos políticos e nas organizações religiosas era permitido aglomerar pessoas, só que as duas últimas iam claramente contra o comportamento alemão contínuo da tradição. A religião inculcava a culpa moral e espiritual e os partidos martelavam a culpa coletiva política. O futebol abria o espaço do campo, libertava o indivíduo do mundo fora dele, permitia agir conforme a capacidade durante o jogo e reunia as pessoas em times, onde nada mais era assim.

A política de desnazificação, do qual fizeram parte o Tribunal de Nuremberg e as visitas forçadas de alemães a campos de concentração e extermínio, já havia golpeado fortemente a consciência nacional, bem como gerado um sentimento de horror, amplificado pelo sofrimento resultado da destruição material e da ocupação militar. Ao longo desse processo, a cultura germânica foi sendo colocada em posição de fragilidade, responsabilizada de alguma forma pelas duas guerras mundiais, e não apenas a política. A Alemanha tradicional, prussiana, comunitária, estratificada, crente em sua superioridade, precisava desaparecer ou ser transformada em uma nova Alemanha que libertasse o indivíduo disso. Mas a liberdade individual não elimina a integração social.

Em uma análise comparativa entre os dois jornais e a cobertura que fizeram, concluiríamos o seguinte sobre a maneira concomitante que foi emitida a opinião dessas publicações:

1954

BILD	FAZ
De onde você é? Não importa, somos campeões!	O esporte deve manter-se longe da política.

1974

BILD	FAZ
Após a vitória, toda a Alemanha ergue a cabeça!	O futebol confirmou a divisão política.

1990

BILD	FAZ
Unidade Política através do Futebol!	A Alemanha é agora um país do Futebol unido!

2006

BILD	FAZ
Nós somos a Alemanha! Deixemos a bandeira lá!	Alemanha “sobre todos” agora é “com todos”

► Copa do Mundo de 1954

A vitória alemã na Copa do Mundo de 1954 causou um impacto social real, porque aconteceu justamente quando esse complexo processo de ocupação, construção e reconstrução estava acontecendo e não havia como vislumbrar o menor traço de linearidade para o futuro do país. A conquista da taça pegou a todos de surpresa porque se deu sobre a melhor equipe da época, a seleção da Hungria, levando em conta que os alemães foram proibidos pelos Aliados de participar de competições oficiais internacionais até 1952. A sensação dos que acompanharam a competição e se sentiam orgulhosos pelo feito da seleção nacional era de um "renascimento das cinzas". Essa sensação de retorno era importante porque significaria na mente de seus adeptos o fim de uma década de humilhação, de "desgermanização" e de vazio social e existencial. A seleção alemã ganhara um torneio internacional, ou seja, a Alemanha saíra vitoriosa. A nação não desaparecera, nem seria uma apátrida no cenário mundial, ao contrário, ainda existia e estava de volta ao jogo. A vitória catalisou o desejo de existência dos alemães.

O que ocorreu foi retratado, pela impressa pró-patriotismo, como a típica história de um "Davi" humilhado, inexperiente, jovem ainda, desacreditado pelos outros, versus um Golias profissional, profundamente confiante e com melhores condições de vencer. O tabloide BILD foi o principal representante da divulgação dessa imagem, cunhando, inclusive, a expressão "Milagre de Berna" – a capital da Suíça onde houve a final. Era a admiração por ter vencido, por ter virado um resultado contra a melhor equipe do mundo, por ter gerado júbilo e alegra entre os torcedores, por ter permitido aquilo que só o futebol podia permitir na Alemanha dos anos 1950 – a celebração da nação e de seus símbolos, do grupo e de seus membros, da solidariedade social e da conquista. Tudo isso fora suprimido, e a imprensa liberal e reformista dos dois principais periódicos para intelectuais, o FAZ e a DER SPIEGEL, queriam manter assim.

Para o FAZ era difícil compreender o porquê de tanto entusiasmo pelo futebol e por um resultado sem relevância nenhuma para a realidade da vida das pessoas. Nenhuma mudança real ocorrera, na visão do jornal, nem poderia ocorrer vinda de um evento esportivo. Não havia nenhuma relação entre um time de jogadores alemães ter ganhado um torneio internacional e uma melhora na situação política, social, econômica ou cultural alemã, nem mesmo de autoestima ou consciência, pois não ganharam nada. Todavia, enquanto o FAZ fazia uma análise superficialmente depreciativa, elogiando unicamente o fato de que o governo em nada incentivava esse tipo de atitude dos fãs da Copa do Mundo e inclusive defendia uma separação clara entre esporte e política, a revista DER SPIEGEL, embora fosse ao encontro da opinião do FAZ, era mais profunda: em sua visão, na ausência de triunfos políticos, sobrou ao cidadão comum exteriorizar os sentimentos patrióticos celebrando vitórias esportivas. A política não morrera, nem seria substituída pelo esporte, mas não havia mais nada nela para celebrar. Esse foi o pior legado da guerra e exemplo da vida no meio do século XX: o futebol.

A profundidade das análises dos periódicos está em, primeiramente, visualizar a importância do futebol para as pessoas, mesmo que em tom negativo; em entender que, depois do desastre que foi a guerra, nada viria da política que fosse digno de comemoração por parte dos cidadãos, sobretudo numa Alemanha dividida em duas. E o mais importante: a Copa do Mundo, especificamente, catalisava o sentimento nacionalista e recriava, para os torcedores, a comunidade do povo alemão sem uso da violência. Isto é o que, apesar de toda a crítica feita pelos jornais liberais e de esquerda, facilmente se nota, não como elogio claro, mas nas entrelinhas das matérias. O futebol motivara os torcedores, indo contra a posição oficial do governo e da intelectualidade, a celebrarem a nação e a germanidade sem medo e sem violência. A surpresa da vitória e a surpresa da comemoração ajudaram os alemães, na autoestima, a seguir adiante.

► Copa do Mundo de 1974

É interessante notar que, vinte anos depois, a realização da Copa do Mundo de 1974 na Alemanha Ocidental representava, para os dois principais diferentes periódicos, a prolongação ou o inverso de 1954. Enquanto que o BILD usava a Copa na Alemanha para defender uma postura de que sediar um evento de tal magnitude era, de alguma forma, a coroação dos esforços alemães na política, na economia e no esporte, tanto de reconstrução interna quanto de recolocação do país no cenário exterior. Aquilo que em 1954 significava um símbolo provável para o renascimento do povo alemão após a catástrofe militar e uma abertura possível para a volta da Alemanha a sua situação de destaque internacional, agora em 1974 estaria mais do que visível. Sediar a Copa do Mundo teria sido uma vitória do retorno alemão, tanto quanto vencer o campeonato.

Para o FAZ, a situação representava o contrário. A Alemanha não voltara, continuava desaparecida, mas surgiram duas Alemanhas, uma ocidental, capitalista, federal, democrática, e outra oriental, comunista, unitarista, ditatorial. A Copa do Mundo representava a confirmação da existência de duas realidades globais e, principalmente alemães, exemplificada pela partida entre as duas seleções alemãs. A Alemanha não retornara, era agora outra, dividida, tal qual o mundo na Guerra Fria. Essa modificação significa o oposto do que querem o grupo dos conservadores populistas (não visão do FAZ, exteriorizados pelo BILD). O mundo de 1974 não era o de vinte anos antes, não havia continuidade entre um e outro, não no modelo defendido pelos idealistas da Alemanha unida. A Copa do Mundo é um evento esportivo capitalista com o claro objetivo de promover o futebol e aumentar o lucro. O que ela poderia representar, além de atitudes e objetivos relacionados a essa verdade? Numa visão cosmopolita, o único sentido que um torneio internacional de futebol tem é demonstrar a agregação dos torcedores de vários países para ganharem juntos.

Sem dúvida, essa divisão estava bem clara para a imprensa, porque ambos os grupos que os jornais defendiam precisavam marcar suas próprias posições em uma sociedade invariavelmente dividida em duas. A geração dos anos 1970 era diferente da dos anos 1950; a guerra e a divisão eram a grande diferença, bem como o tradicionalismo, patriotismo e conservadorismo reinante na mentalidade antiga, agora vistos, após os movimentos dos anos 1960, como os velhos valores de um mundo que acabara ou que precisava ser destruído. Para os jogadores dessa edição da Copa, duas nações alemãs sempre haviam feito parte da realidade deles, não havia motivo para tentar fazer de uma seleção alemã a representante da nação unida, porque a nação unida simplesmente não existia. E também não era uma vitória política ou social da Alemanha Ocidental, que conquistara a taça, nem da Alemanha Oriental, que vencera o confronto direto. Havia um empate nas relações, bem como no jogo.

A Copa do Mundo de 1974, realizada na República Federal da Alemanha, deixou claro a divisão política em dois Estados, porém não em duas nações, embora houvesse duas seleções alemãs na competição. A torcida alemã ocidental comemorou a vitória no torneio, bem como a torcida alemã oriental celebrou a vitória em campo, embora existissem, igualmente, alemães orientais torcendo pelo time ocidental e vice-versa. Os patriotas também estavam divididos: uns viram a vitória esportiva como sendo da nação alemã como um todo, outros viam como sendo do lado ocidental tão somente. Os cosmopolitas também se dividiam: uns viam a Copa positivamente, como exemplo de cooperação internacional não-violenta em prol do futebol, como os governistas que faziam parte do Partido Liberal, enquanto outros, como os também membros do governo do Partido Social-Democrata, enxergavam a Copa como um resquício patriota. Numa época de divisões, a edição de 1974 representava essa separação: um único objeto pode ser repartido em dois, dependendo da visão dos sujeitos que o enxergam.

►Copa do Mundo de 1990

A Copa do Mundo de 1974 representou o oposto da de 1954 e a de 1990 significou o inverso da de 1974. Em 1954, nove anos após o fim da guerra, a conquista da taça pela seleção simbolizava uma vitória no meio de tantas derrotas, permitindo que os alemães fãs do esporte sentissem orgulho de sua pátria e de seus compatriotas, inclusive aumentando sua autoestima e sonhando ainda com a reunificação pacífica naquele momento. Esse idealismo não era mais o pensamento dominante em 1974, quando novamente a seleção alemã se saiu campeã. Houve celebração, mas não era mais a união ou a superação a base da comemoração e sim apenas a alegria de festejar ter vencido.

Os alemães já haviam se acostumado com a existência de dois países e um muro. Até 1989, quando os cidadãos do lado oriental protestaram tanto contra a estagnação política, econômica e social que o governo socialista se viu forçado a abrir a fronteira. A Queda do Muro era o fim simbólico do regime comunista, que acabaria de vez em 1990, durante a Copa do Mundo. O que era pouco provável em 1954 e impossível em 1974 se tornara real em 1990, tendo a seleção nacional em campo, pela primeira vez, com as cores da Alemanha em seu uniforme. A Alemanha Oriental chegou a participar das eliminatórias, porém não se classificou, dentro da lógica de seu próprio desaparecimento como Estado. A Reunificação não juntou apenas dois lados de um mesmo país, reuniu também a interpretação da imprensa dos dois principais veículos de comunicação escrita: tanto o BILD quanto o FAZ consideraram a vitória justamente na Copa, no ano do fim da divisão entre os Estados alemães, como mais do que um presente ou uma coincidência, era um resultado mais do que merecido para coroar o ano alemão. Em 1954 havia divergências extremas entre patriotas pró-união e cosmopolitas liberais; em 1974 havia diferenças claras entre alemães ocidentais e alemães orientais; entretanto em 1990 os acontecimentos atropelaram as opiniões e reuniram o que estava separado.

Os meios de comunicação do lado oriental ainda existentes, bem como a revista DER SPIEGEL, normalmente antipatrióticos e altamente críticos em relação ao futebol e ao uso do futebol como forma de alienação das massas ou manifestação da conduta patriótica defendida pelos grupos populistas e conservadores, dessa vez, suavizaram o tom e enxergaram a Copa e a decorrência das atitudes de torcedores alemães, de ambos os lados, dentro da ótica dos acontecimentos sociais que se passavam no país. Os fãs de futebol do lado socialista da fronteira torciam pela seleção alemã, como se ela já representasse a reunião vindoura em processo; o aparelho oficial de comunicação impressa da República Democrática Alemã, em vias de desaparecer, também abraçara, no campo esportivo, a tônica reunificadora que abrangia cada vez mais cidadãos. Os jornais de cidades orientais como Dresden e Leipzig, bem como as estações de rádio, estimulavam a torcida pela seleção e o número de alemães orientais que viajara para fora do país para ver a Copa era o maior desde 1974 – quando a Alemanha Oriental também participou. O patriotismo ventou dos dois lados do muro destruído.

A revista DER SPIEGEL deu muito menos importância à Copa do que os jornais, BILD e FAZ, preocupados com os eventos políticos e econômicos relativos à reunificação. Mas todos, dentro de suas variações internas de forma, conteúdo e valor dado ao tema em questão, apoiaram ("Nós somos a Alemanha. Nós somos campeões" - BILD), elogiaram ("O povo alemão unido nas emoções. Alemanha, terra do futebol unido" - FAZ) ou ao menos positivamente descreveram ("O patriotismo está lá não muito mais do que como uma decoração agradável" - DER SPIEGEL) os sentimentos patrióticos decorrentes da vitória na competição. A conquista do campeonato internacional em 1990 parecia ser a síntese de 1954 (a tese) e 1974 (a antítese). Na primeira, havia a divisão com sonhos de união; na segunda, a divisão real e sem sonhos; e na última, a reunificação pelo sonho e pela realidade. Agora sim a Alemanha voltara.

► Copa do Mundo de 2006

A dialética aplicada na interpretação das edições de 1954, 1974 e 1990 foi, de alguma forma, superada pela integração social interna que precisava ocorrer nos anos 2000, quando a Alemanha voltou a sediar um Mundial. O mundo da dialética clara aplicada à realidade existente, no caso, o período da Guerra Fria e da divisão física da Alemanha em dois Estados havia ficado para trás, como um passado enterrado, inclusive, filosoficamente. A mentalidade depois de dezesseis anos se modificara, numa mesma razão da passagem de tempo de vinte anos entre 1954 e 1974 e dezesseis anos entre 1974 e 1990. As gerações, bem como os problemas, haviam mudado radicalmente.

1990 representara o fim de uma era e um novo começo ao mesmo tempo, sem que houvesse ocorrido algum tipo de reorganização ideológica ou remodelação social que não a ideia de "liberdade individual", "livre mercado" e "multiculturalismo" que dominaram os discursos oficiais e dos movimentos sociais europeus nos anos 1990. A globalização era a palavra mais repetida na época pós-divisão e fim da Guerra Fria; os alemães tiveram que aprender a viver numa total nova situação onde a Alemanha reunificada, a União Europeia e a globalização coexistiam – e não necessariamente eram essas instituições harmônicas entre si e expressivas da vontade dos cidadãos. Se em 1990, o nacionalismo vigorara pela Copa do Mundo e pela Reunificação, mais fortes que os posicionamentos dos grupos cosmopolitas antipatrióticos, a situação se invertera no decorrer da década: o cosmopolitismo "globalizante" do cenário internacional pouco a pouco se impunha sobre a recente unificação nacional. Os alemães que promoveram a volta à unidade perceberam com o decorrer dos anos que, fora esse fato e aumento de investimentos externos na nação, nenhum outro benefício aparecera. A seguridade social pública diminuíra, o governo tinha que gastar mais com o lado oriental que o ocidental, a proximidade dos cidadãos era menor e a imigração aumentava ano a ano.

Foi nesse contexto de uma nova complexidade da relação entre cidadãos mais isolados, Estados com menos poder, construção e desconstrução de nações e identidades nacionais e instituições internacionais cada vez mais fortes, que a realização da Copa de 2006 encontrou seu lugar. Pela segunda vez, a Alemanha sediaria o evento, dessa vez, como um só país unificado. Porém, a maior diferença não estava nesse fato específico.

A expectativa, antes do início dos jogos, era relativa à estrutura dos estádios e das cidades, vista como insuficiente para a quantidade de turistas e cara demais. O inicial pessimismo deu lugar, todavia, à surpresa: logo nos primeiros jogos, os torcedores alemães se vestiram como torcedores de qualquer outro país, usando bandeiras, cachecóis e se pintando com as cores nacionais. Isso nunca ocorrera antes, nem mesmo na de 1990, apesar do momento propriamente ufanista. O fato de estarem sediando uma edição e serem parte da primeira geração pós-unificação fazia toda a diferença – isso foi notado por todos os jornais, mas analisado de formas diferentes. O tabloide BILD, que sempre apoiou atitudes patrióticas, no começo também via com certas reservas o que poderia acontecer. Entretanto, tão logo a animação dos jovens tomou conta da atmosfera do mundial, o jornal passou a reproduzir e fomentar um nacionalismo alegre e pacífico, de tal maneira que, para outros meios de comunicação, ele era o responsável pela festividade patriótica que estava ocorrendo. Para o BILD, a vontade de expressar o amor à pátria já existia, e o periódico estava apenas trazendo à tona. Para a DER SPIEGEL era falso dizer que o que ocorria era uma celebração patriótica – o que havia mesmo era uma *partyotism* (mistura em inglês das palavras festa e patriotismo). Os jovens queriam mais festa do que nação. Para o FAZ, a grande virada que ocorreu foi no conteúdo patriótico – do eminentemente político no passado para o unicamente cultural no presente, possibilitando a integração dos imigrantes que vieram após 1990. A Copa do patriotismo renascido era também da integração nacional. Essa seria a nova Alemanha.

Não é fácil medir o quanto de sentimento patriótico estava presente na torcida alemã durante a celebração da vitória em 1954, 1974, 1990 e na festividade de 2006. De acordo com o relato da imprensa, a situação variou para menos ou para mais, dependendo das circunstâncias, aparecendo entre os recorrentes termos – reconstrução para 1954, divisão para 1974, reunificação para 1990 e integração para 2006. Porém, para além disso, e essa análise aparece em nossa pesquisa como um diferencial do usualmente apresentado pelos meios de comunicação e pelas interpretações dessas edições separadamente feitas por professores, a importância da variação para os torcedores da possibilidade de exprimir seus sentimentos. A variação da expressão do nacionalismo na Alemanha no período entre a Copa de 1954 e a de 2006 estava atrelada à forma da mudança política, mas, sobretudo, era resultado da própria transformação dos indivíduos em relação ao patriotismo e ao individualismo.

Conforme apontado na análise ao início desta conclusão, existe uma conduta consequente ao contexto político e outra resultado da própria relação dos indivíduos e dos grupos entre si. O governo alemão nunca fomentou, em nenhuma dessas edições de eventos esportivos, um comportamento de amor à pátria ou celebração nacional, nem por meios diretos, através da fala das autoridades, nem por meios indiretos, usando a Federação Alemã de Futebol para gerar algum tipo de atmosfera pró-nacionalismo. Os políticos, ao contrário, costumavam abertamente defender o máximo de moderação nessas ocasiões. A proximidade entre esportistas e governantes aumentou década após década, porém nunca se transformou em discurso patriota como havia durante a guerra. O nacionalismo deixou de existir na esfera institucional em 1945 para não mais voltar. Mas a esfera institucional é uma e a individual é outra, não necessariamente correlatas. A população alemã aprendera da maneira mais dura, que seguir o discurso oficial nem sempre é o melhor caminho político para os cidadãos. Uma vez que o individualismo era agora incentivado pelo novo regime liberal como forma de impedir a criação de grupos que adotassem as velhas posturas ideológicas radicais, fosse do

nazismo ou do comunismo, os indivíduos se sentiam pouco a pouco mais livres de se expressar como quisessem. Os grupos foram desaparecendo devido às características do novo sistema implantado na Alemanha, favorável à profissionalização e individualização das pessoas. O patriotismo que foi renascendo, ou surgindo, se considerarmos que era baseado num novo modelo, não era o da época do movimento nazista, mas do desejo individual. Ele não era guiado por meios de comunicação ou pelo Estado, nem por grupos específicos. Era uma consequência da liberação do indivíduo em relação a essas instituições. Esse nacionalismo manifesto de forma aberta representava um retorno, pelo próprio uso da palavra, tanto quanto um novo tempo para as novas gerações pós-nazismo e divisão. A volta do nacionalismo significava um reencontro dos alemães com sua identidade.

Na Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, a seleção alemã se sagrou campeã após 24 anos, desde o tricampeonato em 1990. Até então, uma seleção europeia jamais havia vencido na América. A Alemanha quebrou com essa escrita e, mais importante, gerou uma reação em sua torcida de um nacionalismo pacífico, sem efeitos violentos ou políticos negativos. Não houve nenhuma expressão de patriotismo exacerbado, fora de controle, brigas ou gritos que dessem a entender que os alemães estavam agindo conforme o expansionismo do passado. Houve a tranquilidade usual do comportamento germânico atual, a alegria e o entusiasmo durante os jogos, a tensão do jogo contra o anfitrião e da final contra a seleção argentina e a alegria de festejar um campeonato depois de tanto tempo – e após terem perdido em casa quando da edição mais importante para eles. Havia passado tanto tempo da última conquista e a tristeza de não terem vencido na competição que mudara a imagem da Alemanha – para si e para os outros -, que a conquista da taça dessa vez era uma mistura de alívio com compensação pelo que havia, ou não havia acontecido nos últimos torneios. Ter vencido foi como uma recompensa pela transformação alemã. Em sua análise sobre a repercussão do evento e da vitória na mentalidade e no comportamento dos alemães,

sobretudo dos jovens, em relação ao nacionalismo e ao país, a DER SPIEGEL considerou que houve uma atitude de leveza e maturidade. A nova geração anseia ser livre do peso da história e substituir um passado de culpas por um futuro de alegrias. A nova Alemanha mistura cosmopolitismo liberal com nacionalismo pacífico.

ANEXOS

BILD-ZEITUNG – 5/7/1954 – Primeira capa e seção de esportes

Montag, den 5. Juli
10 Pf
Bild Zeitung
Deutschland Weltmeister!
3:2
Im Triumph zur Heimat
Silber-Lorbeer für die Wunder-Elf
Kaliber siegt im Deutschen Derby
Glückwunsch Adenauers
Hein Bollows großer Ritt in Horn
MAX UND ANNY

90 Minuten in Bern - die größten im deutschen Fußball
Würdiges Endspiel um die Weltmeisterschaft
Telegramme
700 000 DM-Angebot für Fritz Walter?
BILD beim Festbankett
Und dann Rahns Knallbonbon

Die Sieger-Elf auf deutschem Boden
SONDERSCHAU
Das ist die Meinung der Welt
Vom Staunen bis zum nackten Haß
Fritz bleibt in Deutschland!
Ungarn: Ruhe bewahren
Ostblock-Staaten: Anerkennung
Sowjetzone: Unsicherheit
England: Bewunderung
Leser wollten sammeln
Fortsetzung Seite 5

DAS WAR IHR TAG!
noch zu träumen
Weil er das Deutschlandlied mitsummte
Frauenhand steuert „Moje Bries“ zum Sieg
Fast überall Anerkennung
Westphal will Wurst
Zur Boxmeisterschaft abgeflogen
Vierter spanischer Sieg beim Aachener Reitturnier
SPORTKURVE

BILD-ZEITUNG – 22/6/1974

Charge – Futebol: Alemanha x DDR

“E quando joga Rússia contra Rússia?”

BILD-ZEITUNG – 23/6/1974

Primeira Capa da edição pós-jogo

“A Alemanha ainda não perdeu”.

BILD-ZEITUNG – 8/7/1974 – Primeira capa e entrevista com Franz Beckenbauer

BILD-ZEITUNG – 9/6/1990 – Primeira capa após vitória no jogo inicial

“Viva Germânia! Itália torce pela Alemanha, acredite ou não”

BILD-ZEITUNG – 9/7/1990 – Primeira capa e pôster da seleção

BILD-ZEITUNG – 12/6/2006 – Primeira capa e matéria sobre torcedores alemães

“Preto, vermelho e *sexy!*” - “De onde vem nosso novo belo sentimento nacional?”

“Polícia proibida de usar a bandeira”

“Também a Chanceler grita pela Alemanha”

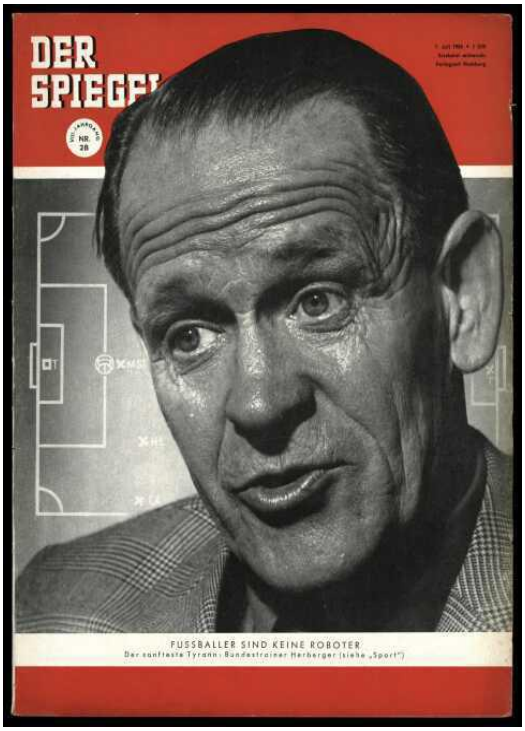
BILD-ZEITUNG – 8/7/2006 - Primeira capa e matérias após o fim da competição

“Obrigado pelo tempo!” - “Aqui agradece a Chanceler a Klinsmann e aos alemães”

“A Copa e o sentimento de Berlim” – “Enxuguem as lágrimas, vós sois os campeões!”

DER SPIEGEL – 7/7/1954 & 10/6/1974

“Herberger: futebolistas não são robôs” – “Beckenbauer: com a Bavária ganhar”



DER SPIEGEL – 19/6/2006 & 07/7/2014

“A festa da Alemanha”

“Nós somos de novo... quem?”

BIBLIOGRAFIA

Academia das Ciências de Lisboa. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. 1.ª ed. Lisboa: Editorial Verbo.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALLEN, William Sheridan. The collapse of nationalism in Nazi Germany. In: BREUILLY, John. **The state of Germany**: the national idea in the making, unmaking and remaking of a modern nation-state. London: Longman, 1992.

ALTER, Peter. **Nationalism**. London: Stuart McKinnon-Evans, 1994.

ALTMANN, Rüdiger. **Heimat und Nation; zur Geschichte und Identität der Deutschen**. Mainz, Hase & Koehler, 1984.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas***:* reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia de Letras, 2008.

ASHKENASI, Abraham. **Modern German Nationalism**. Cambridge: Schenkman, 1976.

BARROS, José d´Assunção. **O campo da história**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BÖHNISCH, Lothar; TILLMANN, Angela; RAUTENBERG, Michael (Hrsg.) **Doppelpässe** - Eine sozialwissenschaftliche Fußballschule. Weinheim: Juventa, 2008.

BRÄNDLE, Fabian; KOLLER, Christian. **Goooal!!! Kultur- und Sozialgeschichte des modernen Fussballs**. Zurique: Orell Füssli. 2002.

BREUILLY, John. **Nationalismus und Moderner Staat**. Köln, SH: 1999, p. 266.

_____. **Nationalism and German reunification**. London: Longman, 1992.

BREDOW. Wilfred. **Deutschland – ein Provisorium?**. Berlin: Siedler, 1985.

BRETTHAUER, Lars. **22 legs that make a nation** – Fussball und deutscher Nationalismus. Berlin: Sonderausgabe, 2010.

BUNCHAFT, Maria Eugenia; MAIA, Antonio Carlos Cavalcanti. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO Departamento de Direito. **Reconstruíndo a idéia de nação: do nacionalismo ao patriotismo constitucional**. 2004.

BUSE, Dieter; DÖRR, Jürgen. **German Nationalism** – A Bibliographical Approach. London: Garland: 1985.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COLES, Robert. "Football as a "Surrogate" Religion?". In HILL, M. (Org.), **A Sociological Yearbook of Religion in Britain**, Vol. 8. London: SCM Press.

DANN, Otto. **Nation und Nationalismus in Deutschland**. München, 1993.

DEVILLE-DANTHU, Bernadette. **Le Sport en noir et blanc**. Paris: L'Harmattan, 1997.

DITTMAN, Knud. **Adenauer und die deutsche wiedervereinigung**. Düsseldorf: Droste, 1981.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

EISENBERG, Christiane. **"English sports" und deutsche Bürger** : eine Gesellschaftsgeschichte 1800 - 1939 / München : Schöningh, 1999.

ELIAS, Norbert; SCHROTER, Michael. **Os alemães***:* a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FAURE, Jean Michel. Nationalstaaten und Sport. In: François, Étienne. **Nation und Emotion**: Deutschland und Frankreich im Vergleich ; 19. und 20. Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.

FÖRSTER; Stig. The Nation at Arms: Concepts of Nationalism and War in Germany, 1866-1914. In: LEHMANN, Hartmut, 1936- [Hrsg.] : **German and American nationalism** : a comprehensive perspective / ed. by Hartmut Lehmann and Hermann Wellenreuther. - Oxford [u.a.] : Berg, 1999.

FULLBROOK; Mary. **German National Identity after the Holocaust**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FULLBROOK, Mary. **História Concisa da Alemanha**. São Paulo: EDIPRO, 2012.

GALEANO, Eduardo. **O futebol ao sol e à sombra**. L&PM Pocket, 2004.

GEBAUER, Gunter. **Spiel, Ritual, Geste** : mimetisches Handeln in der sozialen Welt. Hamburg: Rowohlt, 1998.

GELLNER, Ernest. **Naciones y nacionalismo**. Mexico, D. F.: Alianza, 1991.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol.** São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

GLANVILLE, Brian (2005). **The Story of the World Cup**. London: Faber, 2010.

GREENFELD, Liah. **Nationalism: five roads to modernity**. Cambridge: University Press, 1993.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro**. São Paulo: Loyola, 2002.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismos desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JASPERS, Karl. **Freiheit und Wiedervereinigung** : über Aufgaben deutscher Politik. München : Piper, 1960.

LADIMEJI, O.A.. Nationalism, Alienation and the Crisis of Ideology. In: **Transition**, No. 46, 1974, pp. 38-43; e BROHM, J.B.. **Sport: A prison of measured time**. London: Ink Links, 1978.

MEINECKE, Friedrich. **Weltbürgertum und Nationalstaat**: Studien zur Genesis des deutschen Nationalstaates, durchges. Aufl.. - München [u.a.] : Oldenbourg, 1928.

MELO, Victor Andrade de, FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. In: **Fronteiras**. Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MERRITT, A.J; MERRITT, R. L.. Public Opinion in Occupied Germany: 1945-1949, p. 103. In: Scheuch, Erwin K.,: **Wie deutsch sind die Deutschen?** : eine Nation wandelt ihr Gesicht / Erwin K. Scheuch. - Orig.-Ausg., 2. Aufl.. - Bergisch Gladbach : Lübbe, 1992.

MOULIN, Léo. **A Vida Quotidiana dos Estudantes na Idade Média.** Lisboa: Livros do Brasil, 1994.

MÜLLER, Marion. **Fußball als Paradoxon der Moderne**. Zur Bedeutung ethnischer, nationaler und geschlechtlicher Differenzen im Profifußball. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2009.

NOLTE, Ernst: **Die Weimarer Republik**: Demokratie zwischen Lenin und Hitler. München: Herbig, 2006, p. 244.

ORWELL, George. *The Sporting Spirit.* Consultado em 10/02/2014 às 22:00: http://www.orwell.ru/library/articles/spirit/english/e_spirit

OSWALD, Rudolf. **Fußball-Volksgemeinschaft** : Ideologie, Politik und Fanatismus im deutschen Fußball 1919-1964. Frankfurt am Main: Campus, 2008.

PLANTHOLT, Lars. **„Tor für Deutschland!“**- Westdeutscher Nationalismus/ Patriotismus im Kontext der Fußballweltmeisterschaften 1954 und 1974. Berlin: GRIN Verlag, 2005.

SMELSER, Ronald. **Nazis without Hitler. The DNSAP and the first Czechoslovak Republic**. Leiden: Brill, 1974.

SMITH, Anthony. **Ethno-symbolism and Nationalism**. London: Routledge, 2009.

_____. **National Identity**. Nevada: University Press, 1991.

SCHWEIGLER, Gerhard. **National Consciousness in Divided Germany**. London: Sage, 1975.

THEML, N; BUSTAMANTE, R. M. da C.. História Comparada: olhares plurais. **PHOÎNIX**, 2004, p. 10.

The New Zealand Tourism Research Institute. **National identity and sport: An annotated bibliography.** AUT University, 2007, p. 2.

THEWELEIT, K. **Tor zu Welt: Fußball als Realitätsmodell**. Köln: Kiepenhauer & Witsch, 2004.

FONTES DE PERIÓDICOS

BILD ZEITUNG. Hamburgo: Axel Springer Verlag, 1954

BILD ZEITUNG. Hamburgo: Axel Springer Verlag, 1974

BILD ZEITUNG. Hamburgo: Axel Springer Verlag, 1990

BILD ZEITUNG. Hamburgo: Axel Springer Verlag, 2006

DER SPIEGEL. Hamburgo: Spiegel-Verlag Rudolf Augstein GmbH, 1954

DER SPIEGEL. Hamburgo: Spiegel-Verlag Rudolf Augstein GmbH, 1974

DER SPIEGEL. Hamburgo: Spiegel-Verlag Rudolf Augstein GmbH, 1990

DER SPIEGEL. Hamburgo: Spiegel-Verlag Rudolf Augstein GmbH, 2006

FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG. Frankfurt: FAZ Verlag GmbH, 1954

FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG. Frankfurt: FAZ Verlag GmbH, 1974

FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG. Frankfurt: FAZ Verlag GmbH, 1990

FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG. Frankfurt: FAZ Verlag GmbH, 2006